Academia Paulista de Psicologia

Fundada em 31/12/1979

Registrada sob o nº 23.445

O Legado da Psicologia para o Desenvolvimento Humano 2ª Fase

Resgate da Vida e Obra dos Acadêmicos Titulares, através de depoimentos e DVDs

Academia Paulista de Psicologia

O Legado da Psicologia para o Desenvolvimento Humano – 2ª fase

Resgate da Vida e Obra de Acadêmicos Titulares, através de depoimentos e DVDs

Organizadora: *Aidyl M. de Queiroz Pérez-Ramos*

Autores: *Arrigo Leonardo Angelini*
Lino de Macedo
Eda Marconi Custódio
Mathilde Neder
Yolanda Cintrão Forghieri
César Ades
Ceres Alves de Araújo
Francisco Baptista Assumpção Jr.
Roberto Kanaane
Marina Pereira Rojas Boccalandro
Elsa Lima Gonçalves Antunha

Publicação:

Apoio Cultural:

Conselho Regional de Psicologia SP

Edição eletrônica:
Ricardo Bastos Smith

Revisão:
Ligia Terezinha Pezzuto

2010

- Direitos autorais da Academia Paulista de Psicologia -

Academia Paulista de Psicologia

Pessoa jurídica, de Direito Privado e sem fins lucrativos, é regida por Estatuto e Regimento Interno registrados no 1º Cartório de Títulos e Documentos, na cidade de São Paulo, sob o nº 23.445. Fundada em 31/12/1979, é concebida nos termos gerais de outras Academias reconhecidas no Brasil, como as de Letras, História, Ciências e Medicina. Tem por finalidades precípuas preservar a História da Psicologia e estimular o desenvolvimento dessa ciência no Brasil. Congrega eminentes psicólogos brasileiros na qualidade de Titulares, residentes no Estado de São Paulo, assim como Membros Correspondentes, também notáveis, procedentes de outras regiões do território nacional, além de Membros Beneméritos, benfeitores da entidade. De suas realizações, merece destacar-se a construção de um acervo técnico-científico e iconográfico da ciência psicológica, o registro contínuo das produções científicas dos seus integrantes, premiações a contribuições inéditas e implementação de projetos. Ademais publica uma revista semestral, Boletim Academia Paulista de Psicologia, órgão oficial da entidade, aberto a produções tanto de seus membros como de outros profissionais da ciência psicológica e áreas afins. No seu conteúdo figuram, prioritariamente, legados dos pioneiros nesse campo do conhecimento e artigos relevantes sobre teorias e pesquisas, além de projetos que a Academia implementa e premiações que outorga. Este sodalício divulga suas realizações pela Internet, *através do seu* site *e da Biblioteca Virtual da Saúde-Psicologia (www.bvs-psi.org.br/subsidios.htm, www.bvs-psi.org.br/atuaisAcademicos.htm, www.bvs-psi.org.br/tabvidaeobra.htm). Encontram-se* on-line *os números do Boletim a partir de 2003 no* site *http://redalyc.uaemex.mx .*

Diretoria
(gestão 2010-2012)

Presidente: *Arrigo Leonardo Angelini*
Vice-presidente: *Carlos Rolim Affonso*
Secretária geral: *Aidyl M. Q. Pérez-Ramos*
1ª Secretária: *Edda Bomtempo*
2ª Secretária: *Elsa L. G. Antunha*
1º Tesoureiro: *Waldecy A. Miranda*
2ª Tesoureira: *Yolanda C. Forghieri*

Comissões de trabalho

- Permanentes:
- Contas: *Ivone Espínola*
- Termos: *José Fernando B. Lomônaco*
- Publicações: *Marina P. R. Boccalandro*
- Bibliografia: *José Glauco Bardella*

- Especiais:
- Cidadania e Direitos Humanos: *Salomão Rabinovich*
- Eventos: *Waldecy Alberto Miranda*

Contatos

Secretaria da Academia:
Rua Pelágio Lobo, 107 - Perdizes
05009-020 - São Paulo, SP.
Tel.: (11) 3862-1087
Tel./fax: (11) 3675-8889
E-mail: academia@appsico.org.br
Site: www.appsico.org.br

Catalogação na fonte

O Legado da Psicologia para o Desenvolvimento Humano - 2ª fase,
org. Aidyl M.Q. Pérez-Ramos
São Paulo, Academia Paulista de Psicologia, 2010, p.149
ISBN: 263

1. História da Psicologia I - Título

BF 86

SUMÁRIO

pág.

I. Introdução
Arrigo Leonardo Angelini 4

II. Jogar para aprender a pensar e a se relacionar
Lino de Macedo 9

III. Uma trajetória de vida com a avaliação psicológica
Eda Marconi Custódio 20

IV. Da Psicologia Hospitalar à Psicoterapia Familiar
Mathilde Neder 38

V. **Contribuição pessoal para uma perspectiva psicológica da Fenomenologia**
Yolanda Cintrão Forghieri 52

VI. **Explorando o comportamento animal**
César Ades 66

VII. O desenvolvimento psicológico na sua interface com as Neurociências
Ceres Alves de Araújo 92

VIII. O decorrer de uma vida em prol da psicopatologia da criança
Francisco Baptista Assumpção Jr. 106

IX. Tendências contemporâneas em Gestão de Pessoas
Roberto Kanaane 116

X. Desenvolvendo no Brasil a Psicossíntese, uma abordagem positiva, humanista e transpessoal
Marina Pereira Rojas Boccalandro 129

XI. Neuropsicologia: mente e cérebro – uma relação contínua
Elsa Lima Gonçalves Antunha 140

I. Introdução
2ª fase

Arrigo Leonardo Angelini [1]
Presidente da Academia Paulista de Psicologia

A Academia Paulista de Psicologia, fundada em 1979, a exemplo de outras congêneres, como as dedicadas às Letras, à História ou à Educação reúne 40 especialistas, eleitos por terem se destacado pelas contribuições à Psicologia como pesquisadores, professores, autores de obras de reconhecido valor ou no exercício profissional. São especialistas provindos principalmente da Universidade de São Paulo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da Universidade Mackenzie e da Universidade Estadual Paulista.

A Academia publica, com periodicidade semestral, uma revista denominada "Boletim Academia Paulista de Psicologia", que já se encontra no número 78 e abriga artigos dos Acadêmicos, bem como contribuições significativas de outros psicólogos.

Entre as múltiplas atividades desta Academia, destaca-se a instituição de um prêmio denominado "Prêmio Academia Paulista de Psicologia", outorgado a cada três anos, a autores de produções inéditas e relevantes no campo da Psicologia, selecionados mediante concurso aberto aos interessados. Instituído em 1989, esse prêmio já foi outorgado oito vezes, como estímulo e reconhecimento àqueles que produzem importantes trabalhos nesse campo do saber.

Assim sendo, um dos principais objetivos desta Academia é o de resgatar e preservar a memória da Psicologia em nosso meio, pelas contribuições dos 40 Acadêmicos que compõem o conjunto dos membros titulares, destacados especialistas em diversas áreas da ciência psicológica, bem como pelas contribuições relevantes de colaboradores que, igualmente, se dedicam a essa ciência.

O projeto, cujos resultados em sua segunda fase ora se publica, contempla precisamente esse objetivo e consiste nos depoimentos sobre a vida e principais aspectos da obra de dez Acadêmicos, mediante gravações em DVDs, cujo conteúdo, revisto e complementado, é apresentado neste livro.

O propósito básico deste trabalho é o de colocar à disposição dos interessados, de forma condensada em um rápido depoimento, as principais contribuições científicas de cada participante na respectiva

---

[1] Ocupante da Cadeira nº 4, "Almeida Junior". Contato: Rua Boytac, 60 – Cid. Jardim – CEP 05673-080 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 3032-2184. *E-mail:* a.angelini@ajato.com.br

especialidade, atividades que, certamente, justificaram sua eleição para ocupar uma das Cadeiras deste sodalício.

Na Primeira Fase deste projeto, publicada pela Academia no ano de 2006, foram realizados os depoimentos de nove Acadêmicos e esse material acha-se à disposição para consulta dos interessados, principalmente nas bibliotecas especializadas em Psicologia de todo o País, nos Conselhos de Psicologia e, para aquisição, na sede da própria Academia.

Nesta Segunda Fase, outros dez Acadêmicos apresentam os respectivos depoimentos, em cada caso, um resumo das principais contribuições do depoente e respectiva bibliografia. Cada contribuição recebeu um título que é uma indicação sobre o conteúdo do depoimento.

Os dez Acadêmicos que participaram desta 2ª fase do Projeto são indicados a seguir, mediante, em cada caso, breve referência biográfica, além do título do seu respectivo depoimento, cujo conteúdo é transcrito nesta publicação.

Lino de Macedo (Cadeira nº 22) - *Jogos para aprender e pensar e a se relacionar.* De formação universitária em Pedagogia, o Prof. Lino, assim conhecido, migrou para Psicologia Escolar e Educacional, principalmente por meio da dissertação de mestrado e tese de doutorado e também através da docência universitária efetuada, durante vários anos, nos cursos de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Ocupou e ocupa importantes cargos de direção e de coordenação, tanto no Instituto como fora dele. Leciona na graduação e na pós-graduação, orientando um número expressivo de mestrandos e doutorandos dentro do enfoque piagetiano, no qual vem desenvolvendo seus trabalhos. Proporcionou efetivas mudanças no sistema escolar brasileiro, utilizando-se do lúdico como estratégia da abordagem teórica à qual se dedica. É autor de ampla e significativa bibliografia.

Eda Marconi Custódio (Cadeira nº 20) - *Uma trajetória de vida com a avaliação psicológica.* A experiência de 50 anos voltada ao campo do conhecimento citado, como “aprendiz e mais tarde como docente e pesquisadora”, como a própria Acadêmica afirma, responde claramente a ideia do que pretende transmitir. A experiência acumulada, partindo de uma formação universitária teórico-prática de expressivo valor, dada a influência da grande expansão, na época dos estudos e aplicação dos instrumentos de avaliação psicológica, para alcançar os progressos por ela obtidos na docência universitária, permite afirmar que a Acadêmica é uma das principais detentoras da avaliação psicológica no País.

Mathilde Neder (Cadeira nº 14) - *Da Psicologia Hospitalar à Psicoterapia Familiar.* Com formação inicial em Pedagogia, em uma época

que não existia no Brasil o curso universitário de Psicologia, a Profª Mathilde Neder procurou supri-lo mediante cursos de especialização e estágios, tanto no Brasil como no exterior. Também o seu mestrado e doutorado foram realizados em Psicologia. Pioneira em Psicologia Hospitalar, tanto na preparação de psicólogos para a área como no desenvolvimento de oportunidades de trabalho. Ultimamente, tem centralizado sua área de atuação em Psicoterapia Familiar ou de Casal, enriquecendo-se por meio de cursos e prática clínica neste campo, para, posteriormente, preparar psicólogos para essa especialidade.

Yolanda Cintrão Forguieri (Cadeira nº 1) - *Contribuição pessoal para uma perspectiva psicológica da Fenomenologia.* Professora Titular pelo Instituto de Psicologia da USP, a Acadêmica Yolanda relata sua autobiografia, relacionando certas passagens de sua vida ao enfoque fenomenológico. Associa-o a seu modo de viver e às experiências de quase 50 anos de vida acadêmica. Adota-o na prática docente, na pesquisa e no aconselhamento terapêutico. Sua bibliografia e intensa participação em eventos específicos à abordagem em questão são provas de sua dedicação à área. Referindo-se ao seu Patrono na Cadeira que ocupa na Academia, Francisco Franco da Rocha, poderia considerá-lo precursor da Fenomenologia ao proporcionar ao doente mental vivências do ambiente livre de uma fazenda com campos floridos e árvores frutíferas.

César Ades (Cadeira nº 19) - *Explorando o comportamento animal.* Para satisfação da comunidade científica em Psicologia, o Acadêmico César que antes foi Diretor do IPUSP, hoje ocupa a direção do Instituto dos Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Trata-se do cargo mais elevado que podemos imaginar em termos de ciência em uma universidade. Está sempre entusiasmado por suas descobertas e consciente do verdadeiro valor do cientista e do docente. No texto que apresenta, faz um recorte de sua vida profissional para focalizar suas pesquisas com seus colaboradores. Remonta às recordações de sua adolescência para relatar as origens de sua motivação pelo estudo do comportamento animal, em especial o das aranhas. Iniciou suas pesquisas pela organização de laboratórios simples para prosseguir com recursos mais sofisticados e com achados para o enriquecimento no campo. Passam por suas mãos e dos seus colaboradores, hamsters, aranhas, até chegar a animais de grande porte como primatas e lobos-guarás, a fim de analisar a especificidade de seus comportamentos.

Ceres Alves de Araujo (Cadeira nº 39) - *O desenvolvimento psicológico na sua interface com as Neurociências.* A Profª Ceres é psicóloga clínica, docente, pesquisadora e psicoterapeuta. Além de seus

títulos acadêmicos de Mestre e de Doutora, é Analista Junguiana pela Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. No seu processo de formação científica, destacam-se etapas como do conhecimento da Teoria Analítica, encaminha-se para os estudos da gênese do desenvolvimento humano na sua interface com as neurociências, para chegar ao Autismo infantil e deste à Síndrome de Asperger e à de Alto Funcionamento. Os seus achados científicos, em parte, são traduzidos em termos de problemas do dia a dia para publicações dirigidas ao grande público. Ao realizar estudos e pesquisas, toma o cuidado de relacionar a teoria à realidade atual através de contatos com os pais de crianças autistas e com os pacientes de sua clínica particular.

Francisco Baptista Assumpção Jr. (Cadeira nº 17) - *O decorrer de uma vida em prol da psicopatologia da criança.* Formado em Medicina, com Mestrado e Doutorado em Psicologia e Livre-docência em Psiquiatria Infantil. O Acadêmico é um dos poucos profissionais médicos que migrou para a área da Psicologia. Ele tem sabido conciliar, com habilidade, as duas áreas do conhecimento alcançando, assim, um alto nível de produção científica. Suas publicações, incluídas as de coautoria, somam hoje 30 livros, 78 capítulos de livros e 76 artigos em revista. A sua produção científica parte de trabalhos sobre a deficiência intelectual para chegar ao autismo infantil, cujo tema reflete sua especialidade atual. Em seu depoimento, reverencia em primeiro lugar seus pais, depois seus mestres e atualmente, a Academia pela distinção de outorgar-lhe o título de Acadêmico

Roberto Kannane (Cadeira nº 21) - *Tendências contemporâneas em Gestão de Pessoas.* O Acadêmico é especialista em Psicologia do trabalho, com mestrado e doutorado realizados no Instituto de Psicologia da USP. O seu mérito principal está na conjugação, durante vários anos, da docência universitária em várias instituições de ensino e prestação de assessoria a diversas empresas. Esse entrosamento entre a docência e a prática empresarial deram-lhe base para alcançar o desenvolvimento científico especialmente dirigido à gestão de pessoas. Aproveita a oportunidade para homenagear colegas e Acadêmicos, sobretudo sua mãe, pelo apoio prestado à sua formação acadêmica e à sua vida.

Marina Pereira Rojas Boccalandro (Cadeira nº 13) - *Desenvolvendo no Brasil a Psicossíntese: uma abordagem positiva, humanista e transpessoal.* É detentora de vasto conhecimento e prática clínica na abordagem da Psicossíntese, por ela considerada como positiva, humanista e transpessoal. As pesquisas que realiza, inclusive a de seu doutorado, seguem essa linha do conhecimento. Destaca-se, como pioneira e especialista na área, contribuindo com novos procedimentos

para enriquecer esse campo teórico-prático. Seus livros, capítulos de livros e artigos em revistas científicas, além de sessões na mídia constituem meios de divulgação da abordagem com a qual se identifica. Ao referir-se ao seu Patrono e a seus antecessores na Cadeira que ocupa na Academia, considera-os também humanistas, contribuindo com legado pioneiro e também de vanguarda frente à ciência psicológica.

Elsa Lima Gonçalves Antunha (Cadeira nº 29) - *Neuropsicologia: mente e cérebro – uma relação contínua.* Formada em Filosofia pela memorável Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, dedicou-se à Psicologia mediante cursos e estágio em hospital psiquiátrico. Naquela Faculdade, foi aluna, nos anos 60, de eminentes professores da "Missão Francesa" e destacados docentes brasileiros da citada Faculdade, proporcionando-lhe ampla formação, inclusive em Psicologia. Sempre motivada e entusiasmada pelas descobertas científicas, especializou-se em Psiconeurologia. Dentre suas contribuições nesse campo, destaca-se a criação do "Método psiconeurológico de alfabetização", destinado a crianças dislexas, afetadas por paralisia cerebral. Inovação da qual, até então, não se tinha conhecimento e nem da possibilidade de se alfabetizar crianças com essa síndrome tão invasiva.

A presente produção, como no caso da realizada na Primeira Fase do Projeto, estará à disposição para consulta dos interessados, podendo igualmente ser adquirida na sede da Academia Paulista de Psicologia.

Ao encerrar esta introdução, a Academia Paulista de Psicologia cumpre o dever de agradecer aos Acadêmicos depoentes, que tornaram possível esta contribuição, além das seguintes entidades e pessoas: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo 6ª Região, pelo apoio cultural; Gráfica Coelho Bauru, pela impressão deste livro e pela responsabilidade financeira do projeto; Profª Dra. Sara T. Pérez Morais, pelo auxílio na estruturação dos depoimentos; Empresa 16MM Filmes, representada por Alexandro Cruz, que realizou as gravações dos DVDs; Ligia Terezinha Pezzuto, pela revisão deste livro; Marcelo Leite Carascosa, pelo apoio técnico na realização das gravações; e Biblioteca do Instituto de Psicologia da USP, pela cessão de local para algumas gravações e pela remessa dos DVDs para as bibliotecas que integram a Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia (REBAP).

II. Jogar para aprender a pensar e a se relacionar

Lino de Macedo[1]
Cadeira nº 22, "João Carvalhaes"

Apresentação

por Eda Marconi Custódio[2]
Cadeira nº 20, "João Toledo"

Interpretando e atualizando as produções desse ilustre Acadêmico, ocupante da Cadeira nº 20, "João de Toledo", à luz da saudação que fiz a Lino de Macedo quando de sua posse na Academia Paulista de Psicologia, em 2008, pontuo o seguinte:

Com justiça foi ele laureado por consagradas instituições como a Fundação Abrinq (2003) e o Ministério de Educação (2002), este pelo "Prêmio Nacional de Mérito Educativo". Justificam tais láureas a expressiva e vasta contribuição científica, podendo constatar, até o presente ano (2010), 53 artigos em periódicos científicos; 15 livros; 30 capítulos de livros, 60 textos em jornais e revistas para grande público, 52 resumos publicados em congressos e 112 participações em eventos, tendo organizado três deles. No Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde é docente, computaram-se 36 dissertações de mestrado e 34 teses de doutorado por ele orientadas.

É reconhecido como um profissional que tem inovado o ensino no Brasil, sobretudo por suas estratégias lúdicas baseadas na teoria piagetiana. Ele vai a campo, atendendo as solicitações dos professores, sobretudo do ensino fundamental. Ao mesmo tempo, continua com a docência e produções científicas no Instituto, onde é Professor Titular na área da Psicologia do Desenvolvimento.

Com referência ao legado do Prof. João Carvalhaes, Patrono da Cadeira atualmente ocupada pelo Acadêmico Lino de Macedo, pode-se

---

[1] Contato: Rua Acangueruçu, 204, Vila Pirajussara – CEP 05579-021 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 3091-4185 e 3091-4355. *E-mail:* limacedo@uol.com.br
[2] Contato: Depto. Psic.Aprend., Des. e Pers. IPUSP - Av. Prof. Mello de Moraes, 1.721, Bl.A - Cid. Universitária. CEP 05508-030, São Paulo, SP. - Brasil. *E-mail*: edamc@cebinet.com.br

lembrar a semelhança da atuação de ambos, embora em diferentes campos e em distintas épocas. Podemos considerá-los verdadeiros desbravadores em determinadas aplicações da ciência psicológica: Lino de Macedo, no campo de aprendizagem e do desenvolvimento humano, e João Carvalhaes, na Psicologia do Esporte, especialmente no futebol, e pelos instrumentos psicológicos por ele criados na década de 50, época em que as aplicações na Psicologia eram ainda incipientes no Brasil.

Sintetizando a saudação que proferi ao Prof. Lino, assim me manifestei: uma pessoa que dignifica a Academia Paulista de Psicologia, como dignificou toda a sua carreira acadêmica, de pesquisador e de promotor da qualidade de vida das pessoas.

Vida

Nasci em Frutal, (Minas Gerais), em 12 de novembro de 1944, onde vivi até os seis anos de idade. Depois, minha família mudou-se para Palestina, SP, onde morei até os 18 anos. Nesta cidade, fiz a então Escola Primária e o Ginásio, dos 7 aos 15 anos. O Curso Normal foi feito dos 15 aos 17 anos, em Nova Granada, SP, distante 18 km de Palestina. Como escola superior fiz o Curso de Pedagogia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (hoje, pertencente à UNESP) em São José do Rio Preto, SP, onde morei dos 18 aos 26 anos. Nesta cidade fui professor do ensino fundamental na Escola Masculina de Emergência da Vila Azul, depois professor de Matemática no Senac e de Psicologia no Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves. De 1968 à 1973 fiz o Curso de Pós-graduação, mestrado (1968-1970) e doutorado (1970-1973), no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia, USP, sob a orientação da Professora Carolina Martuscelli Bori. De 1970 a 1974, fui professor de Psicologia do Desenvolvimento no Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia, USP, em Ribeirão Preto. A partir de 1975, sou Professor desta disciplina no Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, onde também prestei os concursos de Livre-docência (1983) e Professor Titular (1990).

Casei-me em 1970 com Elza Mendonça de Macedo, com quem vivo até hoje. Tivemos três filhos, Valéria (1972), Gabriela (1975) e Pedro (1975), que morreu com 21 anos. Temos, também, três netos: Lígia, filha da Valéria; Antônio e João, da Gabriela.

Obra

Minhas atividades como professor universitário sempre abrangeram os quatro aspectos valorizados na carreira universitária:

pesquisa, ensino, extensão à comunidade e administração. Do ponto de vista administrativo, ocupei, no âmbito do Instituto de Psicologia, os cargos de Chefe de Departamento (1986-1989; 2009-2010), Diretor (1996-2000), Vice-diretor (1989-1993; 2000-2004) e Coordenador do Programa de Doutorado Interinstitucional no curso de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (2001-2005). No âmbito da reitoria, fui membro da Comissão Especial de Regimes de Trabalho - CERT (2006-2010). No âmbito nacional, fui presidente de duas associações científicas ligadas à Psicologia: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) e Associação Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento (ABPD). Na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Ministério da Educação, fui Representante da área de Psicologia e Membro do Conselho Técnico Científico.

Quanto ao ensino na graduação, sou professor da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento desde 1970. Atualmente, dou aulas para alunos dos cursos de Psicologia e Fisioterapia. Sou professor e orientador no Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo, desde 1975.

No âmbito da extensão universitária, fui Presidente do Conselho Diretor da Associação dos Amigos da Maria Antônia (AACEUMA) (2006-2010), ligada à Pró-reitoria de Extensão e Cultura. Faço palestras para professores de Educação Básica há 25 anos. Sou um dos propositores do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do atual Currículo da Escola Fundamental II e Ensino Médio do Estado de São Paulo.

No campo da pesquisa, concluí a orientação de 36 dissertações de mestrado e 34 teses de doutorado. Desde 2000, coordeno o Grupo de Trabalho, “Os jogos e sua importância para a Psicologia e a Educação”, na ANPEPP. De 1990 a 2010, coordenei o Laboratório de Psicopedagogia no Instituto de Psicologia da USP, onde se realizavam oficinas de jogos visando à observação e à promoção de processos de aprendizagem e desenvolvimento em alunos da Escola Fundamental. Em todos estes trabalhos, sempre me apoiei no tripé - teoria de Piaget, jogos e processos de desenvolvimento em sua relação com a aprendizagem escolar. Daí o porquê da escolha deste tema como principal legado de minha contribuição para a Psicologia e a Educação brasileira, que resumo neste depoimento.

Jogar para aprender a pensar e se relacionar

"Jogar para aprender a pensar e se relacionar" é uma frase que resume talvez o maior de meus esforços em favor de uma contribuição da Psicologia do Desenvolvimento para a aprendizagem escolar, no âmbito da Educação Básica. É que recorrer a jogos tem sido o principal recurso que utilizo para explicar a professores e alunos conceitos da teoria de Piaget e ao mesmo tempo realizar oficinas que proponham problemas, cujo enfrentamento e resolução exijam pensamento lógico, argumentação, trocas de ponto de vista, cooperação, determinação, concentração, enfim, qualidades favoráveis à aprendizagem escolar. Atualmente, por exemplo, com orientandos e colegas que compartilham deste projeto comigo, estou estudando o valor dos jogos Quarto, Sudoku, KenKen e Pet Squares em alunos do ensino fundamental, aí incluídos os da Educação de Jovens e Adultos, para a melhoria de seu desempenho escolar. A hipótese que orienta meu trabalho é que a situação lúdica exige a participação de um sujeito ativo, inteligente, disposto a pensar e resolver problemas, competindo e cooperando em uma relação entre iguais.

O papel do pesquisador ou professor, em minha proposta, é escolher os jogos e as tarefas, organizar e coordenar as atividades, estimular discussões entre os jogadores, formular questões, favorecer a tomada de consciência, a abstração e a sistematização dos procedimentos adotados, valorizar e aprofundar as noções, percepções e imagens utilizadas e, igualmente, promover o desenvolvimento de atitudes favoráveis ao processo de aprendizagem. Trata-se, portanto, de um pesquisador ou professor que avalia processos de desenvolvimento (afetivo, social e cognitivo), ensina jogos e proposição de situações-problema, favorece e organiza debates, demonstra que interesse, busca do conhecimento e correção de erros são valores fundamentais na escola e na vida. Tudo isto, colocado em uma situação lúdica, em que se respeitam as regras do jogo, as da oficina e às relações interindividuais, incentiva-se a concentração, possibilita-se o desenvolvimento de procedimentos e trocas entre iguais porque favorecem o bom desenvolvimento das tarefas propostas.

O trabalho se realiza como um conjunto de problemas, orientados por um percurso de aprendizagem dos meios, que possibilitam sua solução, de forma confiável e ética. Pesquisa e ensino são, igualmente, valorizados. Pesquisa porque o objetivo é aplicar uma leitura de aspectos teóricos fundamentais no contexto do jogo estudado, de modo a promover

uma compreensão de seus valores em favor do desenvolvimento e da aprendizagem dos alunos. Ensino, porque propõe situações de intervenção condizentes com o construtivismo de Piaget, em sua perspectiva teórica e metodológica.

Agora que a educação básica se tornou uma exigência legal para todas as crianças e jovens, desenvolver neles recursos cognitivos, afetivos e sociais para a aprendizagem das disciplinas escolares e a convivência cooperativa no contexto desta instituição, são requisitos fundamentais. Os resultados das pesquisas que estou fazendo a este respeito, desde 1980, e os estudos de sua fundamentação teórica e metodológica indicam o valor positivo de sua contribuição.

A Psicologia do Desenvolvimento, da forma como a pratico, tem um valor inestimável para o ensino e a aprendizagem escolar. Com efeito, nesta instituição vigora o quaterno: ensino, aprendizagem, avaliação e desenvolvimento. Como articulá-los de forma intencional e interdependente? É comum, por exemplo, na Escola Fundamental reduzir-se avaliação e desenvolvimento aos processos de ensino e aprendizagem. Neste caso, ensino e avaliação ficam confundidos como atividades do professor bem como aprendizagem e desenvolvimento, como atividades do aluno. Minha tarefa tem sido demonstrar, recorrendo aos jogos do ponto de vista prático e à obra de Piaget, do ponto de vista teórico, que tais reduções custam muito caro aos dois sujeitos - professores / gestores e alunos - do processo educacional.

Avaliar, do modo como penso, não se reduz a uma atividade de ensino. Trata-se de uma atividade complexa a ser exercida de muitos modos e por muitas pessoas no contexto escolar. Avaliar é observar, monitorar, regular, acompanhar, interpretar indicadores, tomar decisões, enfim atribuir valor aos diversos elementos que compõem este sistema - livros e outros recursos de ensino, desempenho escolar dos alunos, formação e atividades didáticas do professor, comparação entre escolas e níveis de escolarização, gestão educacional, distribuição de investimentos. Assim, a avaliação didática é apenas um dos elementos deste sistema, por mais importante que seja. Ela não se realiza apenas no contexto da sala de aula. Em meu caso, por exemplo, pude participar do grupo de pesquisadores que propôs o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e que hoje é aplicado para muitos milhões de alunos que concluem sua educação básica. Pude, igualmente, participar do grupo que realizou o SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) nos últimos três anos.

Mas, enquanto pesquisador, o aspecto que mais me interessa é relacionar a avaliação com processos de desenvolvimento, sobretudo do aluno. É que tais processos só podem, ao menos no referencial teórico que sustenta o meu trabalho, ser observados, mas não ensinados diretamente. Ou seja, nesta visão é impossível a um professor ensinar processos de desenvolvimento, por exemplo, “ensinar”, por mecanismos didáticos, operações intelectuais que possibilitam a aprendizagem dos alunos em sua Educação Básica. Uma intervenção positiva em tais processos só pode vir pelas aprendizagens. É que aprender requer uma dupla via: do ponto de vista exógeno, a realização de atividades, a recepção de informações e explicações, a leitura de livros, discussões entre pares, convivência e cooperação em uma situação de grupo; do ponto de vista endógeno, está limitada pelos recursos cognitivos e afetivos (estruturas e funções que possibilitam a aquisição de um conhecimento) de cada aluno. O aumento qualitativo e quantitativo das aprendizagens requer, a partir de certo momento do processo, a transformação, para melhor, das estruturas e funções cognitivas e afetivas. Em resumo, trata-se então de saber avaliar ou observar processos de desenvolvimento, de um lado, e de outro efetuar propostas e oferecer explicações que possibilitem as aprendizagens dos alunos.

É isto o que busco fazer no contexto de minhas pesquisas. Avaliar processos de desenvolvimento e recorrer aos jogos para que os sujeitos possam enfrentar problemas, obter informações e estabelecer relações que tenham valor de aprendizagem. Minhas intervenções ocorrem, então, pela via da aprendizagem, ainda que a intenção seja a de favorecer a transformação efetiva do nível de desenvolvimento dos sujeitos.

Um aspecto interessante da teoria de Piaget, e que procuro valorizar em minhas pesquisas, é sua hipótese de que o desenvolvimento individual é interdependente da vida coletiva e da qualidade de sua expressão. Para ele, cooperação e trabalho em grupo, duas atividades coletivas, são complementares e indissociáveis, ainda que irredutíveis, à autonomia e ao *self-government*. Autonomia se refere ao desenvolvimento dos esquemas de ação de um sujeito, suficiente para que ele possa se relacionar com pessoas e coisas de modo independente, isto é, com seus próprios recursos. Mas, só se consegue isso ao preço do pertencimento, ou seja, do tornar-se parte. Uma criança que aprende a ler, por exemplo, não necessita mais que alguém leia para ela, pois agora já pode fazê-lo sozinha; a condição para isso é ter-se tornado leitora, fazer parte, portanto, dessa comunidade. *Self-governmen*t se

refere ao desenvolvimento, complementar à autonomia, pois possibilita autogestão, autocuidado, integrar-se como todo e, por isto, ser parte das pessoas que, em certos domínios, dão conta de si mesmas.

Os dois aspectos do desenvolvimento individual - autonomia e *self-government* - acima mencionados são indissociáveis de sua contrapartida social. É aprendendo a cooperar e trabalhar em grupo que as crianças e jovens se desenvolvem como pessoas. É argumentando com seus pares, consentindo em regras, compartilhando e colaborando em tarefas comuns, realizando projetos, enfrentando e superando conflitos, que elas vão se encontrando a si mesmas. No caso, todos estes aspectos são observados e promovidos em situação de jogo ou quebra-cabeça. E isto por três razões, segundo Piaget.

Primeira, é que os jogos são regulados pelo exercício, ou seja, pelo prazer funcional de sua repetição, graças à qual, pouco a pouco, as crianças podem descobrir regularidades, identificar formas que os estruturam enquanto atividade lúdica e com sentido. A este aspecto emocional positivo que garante a repetição da experiência do jogar, uma segunda razão está em que os jogos se expressam, do ponto de vista simbólico, em uma situação “como se”, em que as crianças podem imaginar, simular, inventar realidades, “liquidar” conflitos, criar pela linguagem ou representação cognitiva possibilidades de ser e agir no mundo. Mas, exercício e símbolo serão pouco a pouco complementados pela necessidade da regra, seja social ou lógica. Regra social porque os jogos, para serem compartilháveis, requerem um objetivo comum e a construção de combinados, ainda que convencionais, que tornam possível o enfrentamento de tarefas e desafios em condições iguais, que por serem assim, possibilitam a comparação, o confronto. Regra lógica, porque o jogar exige coerência, antecipação, relação entre os diferentes aspectos que compõem o sistema jogo, estabelecimento de inferências e efetuação de cálculos, sem os quais a tomada de decisão não será favorável ao que se pretende alcançar.

Para concluir, ainda que meu compromisso sempre tenha sido o da aprendizagem escolar, como recurso fundamental para o desenvolvimento de competências e habilidades para as coisas da vida, fiz do artifício do jogo um meio para sua observação e promoção, recorrendo às contribuições teóricas e metodológicas de Piaget como fundamentos para seu estudo e aplicação.

Produção bibliográfica do autor (2005-2010)

Livros publicados/organizados ou edições

- Macedo, L. (2005) *Ensaios Pedagógicos: como construir uma escola para todos?* Porto Alegre: Artmed, 167 p.
- Macedo, L. (Org.) (2009) *Jogos, psicologia e educação - Teoria e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 270 p.
- Macedo, L. (2010) *Ensaios construtivistas*. (6ª. ed.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 172 p.
- Macedo, L.; Fini, L. D. T.; Fini, M.E. & Murrie, Z. F. (2008) Gestão do Currículo na Escola - *Caderno do Gestor*. São Paulo: Secretaria da Educação, v. 3, 72 p.
- Macedo, L.; Fini, M.E. & Murrie, Z. F. (2008) Gestão do Currículo na Escola - *Caderno do Gestor*. São Paulo: Secretaria da Educação, v. 2, 93 p.
- Macedo, L. & Machado, N.J. (2006) *Jogo e projeto*. São Paulo: Summus Editorial, 136 p.
- Macedo, L.; Petty, A. L. & Passos, N.C. (2005) *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.* Porto Alegre: ARTMED, 110 p.

Capítulos de livros publicados

- Macedo, L. (2005) Propostas para sobre situações-problema a partir do ENEM. In: Moraes, J.S. (Org.). *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): Fundamentação teórico-metodológica*. Brasília: O Instituto (INEP/ MEC).
- Macedo, L. (2005) A situação-problema como avaliação e como aprendizagem. In: Moraes, J.S. (Org.). *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM):* Fundamentação *teórico-metodológica*. Brasília: O Instituto (INEP/MEC).
- Macedo, L. (2005) Competências e habilidades: Elementos para uma reflexão pedagógica. In: Moraes, J.S. (Org.). *Exame Nacional da Ensino Médio (ENEM): Fundamentação teórico-metodológica*. Brasília: O Instituto (Inep/MEC).
- Macedo, L. (2005) O lúdico nos processos do desenvolvimento e da aprendizagem escolar. In: Macedo, L. (Org.). *Psicologia, educación y sociedad en México y Brasil - Un compromiso social para América Latina*. Universidad Nacional Autônoma de México. Facultad de Estudios Superiores Zaragoza, p. 227-246.
- Macedo, L. (2006) Passagem da adolescência para a vida adulta. In: Sennyey, A.L.; Zanotto de Mendonça, L.I.; e outros. (Org.).

Neuropsicologia e inclusão. São Paulo: Editora Artes Médicas, p. 257-260.

- Macedo, L. (2007) Avaliação do Erro: Ponto de Partida ou de Chegada?. In: Melo, M.M.. (Org.). *Avaliação na Educação*. Pinhais - PR: Editora Melo, v. , p. 111-120.
- Macedo, L. (2008) *Matrizes de referência para a educação*. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. São Paulo: S.Paulo, p. 02-20.
- Macedo, L. (2009) Teoria da equilibração e jogo. In: Macedo, L.. (Org.). *Jogos, psicologia e educação: teoria e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 45-66.
- Macedo, L. (2009) *Psicologia - o aprendizado orientado para a criança.* Viva com mais saúde. São Paulo: Phorte, p. 427-432.
- Macedo, L. (2010) *Por que competências e habilidades na educação básica? Referencial Curricular* - Lições do Rio Grande - Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Rio Grande do Sul: Secretaria do Estado da Educação, p. 25-28.
- Allessandrini, C. D.; Macedo, L.; Garcia, H. H. G. O. ; Calia, C. B. & Ohta, P.E. (2009) Jogo da pirâmide e esquemas de ação: análise teórica e sugestões metodológicas. In: Macedo, L. (Org.). *Jogos, psicologia e educação: teoria e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 243-266.
- Garcia, H. H. G. O. & Macedo, L. (2009) Pesquisas com jogos: relações entre inteligência-afetividade e ensino-aprendizagem. In: Macedo, L. (Org.). *Jogos, psicologia e educação: teoria e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 1, p. 35-44.
- Macedo, L.; Teixeira, L.R.; Ferreira, E. S. & Andrade, D. F. (2005) As competências do ENEM: Competência III. In: Moraes, J.S. (Org.). *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): Fundamentação teórico-metodológica*. Brasília: O Instituto (INEP / MEC), p.79-88.

Artigos publicados em revistas científicas

- Macedo, L. (2005) Para uma discussão sobre a atual posição do construtivismo no Brasil: elementos para um debate. *Vertentes* (UNESP), v. 7, p. 49-55.
- Macedo, L. (2007) Aprendizagem Escolar e Desenvolvimento Cognitivo. *Revista Aprendizagem - a revista da prática pedagógica*, v. 2, p. 34-35.
- Macedo, L. (2008) O que não pode faltar. *Nova Escola*, v. 1, p. 48-55.
- Macedo, L. (2008) Mais espaço para jogo na escola. *Direcional Educador*, v. 4, p. 6-7.

- Macedo, L. (2008) Psicologia do desenvolvimento e educação infantil. *Ciências e Letras*, v. 43, p. 41-56.
- Macedo, L. (2008) Estratégias e procedimentos para aprender ou ensinar. *Pátio. Revista Pedagógica*, v. 47, p. 40-43.
- Macedo, L. (2008) Desafios nas relações entre inteligência e currículo. *Pátio. Revista Pedagógica*, v. 45, p. 12-15.
- Macedo, L. (2009) Avaliação e aprendizagem, hoje. *Educação em Revista*, v. 11, p. 26-29.
- Macedo, L. (2009) Competências na escola de jovens. *Pátio Ensino Médio*, v. 1, p. 8-11.
- Macedo, L. (2010) A teoria de Piaget no Século XXI. *Pátio. Revista Pedagógica,* v. 1, p. 58-61.
- Macedo, L. (2010) Aprendi com os meus erros. *Nova Escola*, v. 1, p. 84-88.
- Gaglianone, C. P.; Taddei, J. A. A. C.; Colugnati, F. A. B.; Magalhães, C. G.; Davanço, G. M.; Lopez, F. A. & Macedo, L. (2006) Nutrition education in public elementary schools of São Paulo, Brazil: the Reducing Risks of Illness and Death in Adulthood project. *Revista de Nutrição*, v. 19, (3), p. 309-320.
- Macedo, L. ; Carvalho, G. E. & Petty, A. L. S.(2009) Modos de resolução de labirintos por alunos da escola fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 13, p. 15-20.

Textos em jornais de notícias/revistas

- Macedo, L. (2005) Disciplina é um conteúdo como qualquer outro. *Nova Escola*, 01 jun, p. 24-26.
- Macedo, L. (2005) Pela aprendizagem dos que ensinam. *Direcional Escolas*, São Paulo, v. 6, 01 jul, p. 6-8.
- Macedo, L. (2005) Para onde (e como) vamos. *Revista Educação – Edição Especial Comemorativa n. 100*, v. 100, 01 ago, p. 55-55.
- Macedo, L. (2005) Principais desafios que se impõem ao ensino básico brasileiro. *Educação*, v. 100, 01 ago, p. 55-55.
- Macedo, L. (2005) O ancestral do humano e o futuro da humanidade. Viver *Mente & Cérebro* / *Coleção Memória da Pedagogia*, 31 out, p. 6-15.
- Macedo, L. (2005) As mulheres devem saber identificar num piscar de olhos as mentiras que eles contam. *Nova Cosmopolitan*, 01 nov, p. 163-165.
- Macedo, L. (2005) Como o professor pode ajudar a construir um Brasil melhor? *Nova Escola*, v. 188, 05 dez, p. 20-22.

- Macedo, L. (2006) Inteligência: Uma questão de escolha. *Pátio – Revista Pedagógica*, v. 38, 20 jun, p. 12-15.
- Macedo, L. (2006) Os desafios da Educação inclusiva na atualidade. *Educar*, 08 set, p. 7-7.
- Macedo, L. (2007) Brincar é mais que aprender. *Nova Escola*, 01 ago, p. 31-31.
- Macedo, L. (2007) Sempre do lado do professor. *Nova Escola*, 01 nov, p. 6-7.
- Macedo, L. (2007) A importância do pensamento científico. *Revista Labora*, 01 dez, p. 3-4.
- Macedo, L. (2008) Um orgulho para Palestina. Palestina: A Imprensa, 09 ago, p. 1-4.
- Macedo, L. (2008) Piaget, Einstein e a noção de tempo na criança. *Pesquisa Fapesp*, 06 out.
- Macedo, L. (2008) Gênio da física inspirou estudos de Piaget sobre o tempo para as crianças, diz professor da USP. São Paulo: *Pesquisa Fapesp* – Ciência e Tecnologia no Brasil, 01 dez, p. 79-80.
- Macedo, L. (2009) Escola só olha o próprio umbigo. *O Estado de São Paulo*, 10 maio, ALIÁS, p. J3-J3.
- Macedo, L. (2009) As escolas estão tomando consciência. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 01 nov, p. C5 - C5.
- Macedo, L. & Brenelli, R.P. (2006) *Pais e filhos devem ser ouvidos.* São Paulo: *Folha de São Paulo*, 24 set, p. 3-3.
- Villas Bôas, M. C. & Macedo, L. (2007) Jogar todo dia.... *Revista Nova Escola Educação Infantil*, 01 ago, p. 28-31.

Os dados completos de meu *Curriculum Vitae* podem ser obtidos em: http://lattes.cnpq.br/5836810763379112

III. Uma trajetória de vida com a avaliação psicológica

Eda Marconi Custódio[1]
Cadeira nº 20, "João Toledo"
Universidade de São Paulo (USP)
Universidade Metodista de São Paulo

Apresentação

por Irai Cristina Boccato Alves[2]
Cadeira nº 31, "Clemente Quaglio"
Universidade de São Paulo

É com muita honra e carinho que faço a apresentação da Dra. Eda Marconi Custódio, em função de muitos anos de convivência em comum. Essa convivência se deu principalmente por trabalharmos na mesma instituição e na área de avaliação psicológica, que também solidificou uma forte amizade.

Seu percurso é muito longo e relevante, pois ela começou "*como aprendiz e depois se tornou docente e pesquisadora*" tal como afirma em uma de suas exposições biográficas. Eu posso testemunhar sua atuação como docente, por ter sido sua aluna na graduação e colega de trabalho. Eda iniciou seu contato com a avaliação psicológica, quando ainda no antigo colegial participou de um processo de orientação profissional, aonde teve a sua primeira experiência com os testes psicológicos. Seguindo a indicação dessa orientação, cursou a graduação em Psicologia na PUC/SP nos anos 60, numa época de grande expansão dos testes. O gosto pela área de avaliação se deu não apenas pelas exigências curriculares, que davam grande ênfase aos instrumentos de avaliação, mas também pelo seu interesse e motivação pelo assunto. Posteriormente realizou seu Doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), com uma pesquisa a respeito de uma escala de ansiedade e o PMK (Psicodiagnóstico Miocinético).

---

[1] Contato: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco A – Cid.Universitária – IPUSP – CEP 05508-030 – São Paulo, SP. – Brasil – Tel.: (11) 3091-4352, ramal 210. *E-mail:* edam@cebinet.com.br
[2] Contato: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco A – Cid.Universitária – IPUSP – CEP 05508-030 – São Paulo, SP. – Brasil – Tel.: (11) 3091-4352, ramal 231. *E-mail:* iraicba@usp.br

Vem desempenhando sua função como docente há muitos anos no IPUSP, como na Universidade Metodista (UMESP), nos quais ministrou disciplinas de avaliação psicológica e diagnóstico. Além de ensinar nas disciplinas de graduação e pós-graduação, realizou, e ainda realiza, muitas pesquisas voltadas para a avaliação psicológica, bem como é orientadora de Mestrados e Doutorados, principalmente nessa área, mas também sobre a Psicologia da Saúde.

Suas pesquisas com testes psicológicos abrangem desde as mais quantitativas e psicométricas até as mais qualitativas e de aplicação da avaliação psicológica. Apresenta relevante produtividade acadêmica em livros, artigos, trabalhos completos de anais de congressos, bem como pela participação em eventos científicos, tanto nacionais, como internacionais.

Além disso, também é muito atuante na diretoria de uma associação científica, a Sociedade de Psicologia de São Paulo, a qual já presidiu diversas vezes. Outra contribuição que merece destaque é a sua constante e frequente participação em incontáveis bancas de exames de qualificação, defesas de Mestrados e Doutorados, bem como em monografias de conclusão de cursos e em outros concursos públicos.

Uma característica peculiar que a distingue é a sua tranquilidade e calma, mesmo quando está atribulada para dar conta das inúmeras atividades que realiza. É pessoa muito querida e admirada e que adora conversar.

Para concluir, pode-se afirmar que a Dra. Eda é detentora de vasto conhecimento de avaliação psicológica e da Psicologia em geral, transmitindo-o com interesse e satisfação aos seus alunos e também à comunidade científica da Psicologia por meio de suas publicações e palestras.

Vida e Obra

Neste exato momento estou realizando uma das atividades que me colocou na carreira de professora e pesquisadora em avaliação psicológica: corrijo relatórios de PMK de alunos do IPUSP... Por conta do aprendizado obtido com a aplicação, avaliação e interpretação do Teste PMK – Psicodiagnóstico Miocinético de Mira y Lopes (Mira, 1987) e de vários outros, fui Monitora na disciplina de testes na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), auxiliando a Professora Sylvia Morbach Portella, uma das Assistentes na época da Dra. Aniela M. Ginsberg (ex-ocupante da Cad. nº 11).

Pelos conhecimentos assim acumulados, fui depois indicada a iniciar minha carreira de docente em Avaliação Psicológica no IPUSP

pela Profa. Dra. Odette Lourenção Van Kolck (Cad. nº 16). E nessa mesma Universidade defendi minha tese de doutorado em Psicologia, com o tema “Estudo comparativo da ansiedade medida no PMK e na MAS” (Custodio, 1973), tendo como orientadora a própria Profa. Odette.

Na elaboração dessa pesquisa, necessitei em dado momento de alguns Juizes, entre os quais cito Lúcia Carvalhaes Bonilha, José Glauco Bardella (Cad. nº 8) e Irto de Souza. E entre minhas alunas, que colaboraram na mensuração dos testes, menciono a Iraí Cristina Boccato Alves (Cad. nº 34). Para a coleta de dados contei com a colaboração da aluna Silésia Veneroso Delphino Tosi.

Os examinadores do trabalho foram Romeu de Morais Almeida (Cad. nº 06), Sylvia Leser de Mello e os saudosos Antonio Carelli (ex-ocupante da Cad. nº 10) e Nelson Rosamilha.

O convívio com os Testes me permitiu atuar como docente em outras Universidades, que à frente declinarei, e também na área de seleção e avaliação de desempenho de bancários, aplicando o teste PMK e diversos outros em funcionários e candidatos a emprego no Banco de São Caetano do Sul S/A, sediado na Cidade do mesmo nome. Posteriormente foi incorporado ao Bamerindus, onde os amigos dizem brincando que eu testei e, por conta dos resultados, escolhi meu marido, o Alberto Custodio, que ali trabalhava como Gerente Geral da Administração.

Em São Caetano, por sinal, foi onde minha historia de vida começou em 04 de novembro de 1942. O parto foi assistido por parteira na própria residência dos meus pais, pois em meio à 2ª Grande Guerra Mundial não havia localmente combustível para o transporte em ambulância e na referida localidade, então um distrito do Município de Santo André, não havia ainda hospital ou maternidade. Em São Caetano também cresci, estudei, trabalhei e nela atualmente resido.

Conquanto minha mãe, Maria Luiza Marconi, tivesse apenas completado o então curso primário e meu pai, Pedro Marconi, além do primário, ter concluído um curso técnico – profissional, ambos davam grande importância à educação escolar, não medindo sacrifícios para propiciar a mim e aos meus irmãos todos os meios para uma boa formação acadêmica.

Comecei meus estudos na Escola da Dona Conceição, num tipo de “prezinho”. A escola funcionava na residência da Professora, situada a poucos metros de distância da minha. Depois fui aluna do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva e do Ginásio de São Caetano, hoje Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, mudando-me em meio ao curso ginasial para o Bairro da Mooca, em São Paulo, Capital, onde meu

pai trabalhava como técnico em equipamentos eletro-mecânicos em uma grande empresa de construção civil. Nesse Bairro estudei no Colégio São Judas Tadeu, onde hoje funciona Universidade com esse mesmo nome.

Retornei ainda a São Caetano, mas nessa ocasião apenas para estudar, agora na primeira série do curso Clássico, no Instituto de Educação Estadual Coronel "Bonifácio de Carvalho". Esse curso só funcionava no período noturno e como continuava morando na Mooca, ingressei na segunda série no curso Clássico do Colégio Estadual Presidente Roosevelt, no Bairro da Liberdade, onde passei a estudar durante o dia.

Todavia, foi no primeiro ano do Curso Clássico em São Caetano que tive contacto pela primeira vez com a Psicologia e com os testes, conforme já relatei (Custodio, 2007). Com a intermediação de Maurício Tragtemberg, nosso professor de História, foi recebida em classe Raquel Vieira da Cunha, "psicologista" (designação utilizada na época para referir-se a psicólogo), que aplicou, de forma coletiva, alguns testes psicológicos. Nos resultados apurados foi-me sugerido cursar psicologia, principalmente realizar pesquisa. Posteriormente tomei conhecimento que a Raquel também foi Acadêmica desta Casa, na Cadeira nº 27, e juntamente com Oswaldo de Barros Santos (ex-ocupante da Cad. nº 15), uma das responsáveis pela introdução em nosso meio do referencial teórico de Carl Rogers, com quem estudou no EUA e foi aqui fundadora do Núcleo Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa (Homenagens Póstumas, 2003).

Eu gosto muito de ler e minha avó materna me estimulou a gostar disso, como devo ao meu pai grande parte do meu gosto pela música. Ele tocava um instrumento de sopro enquanto jovem e possuía uma enorme coleção de discos de tenores italianos então famosos. Por conta desses interesses, eu estudava piano e ouvia frequentemente as rádios que apresentavam programas de música clássica. Lia muito, livros clássicos e também revistas tipo "Seleções", onde me informava sobre algumas novidades relacionadas ao estudo do comportamento. Lembro-me que certa vez meu professor de filosofia no Colégio Presidente Roosevelt, o Prof. Dr. João Eduardo Rodrigues Villalobos trouxe em aula algumas informações sobre mudanças no comportamento e estratégias para obtê-las. E nos fez um desafio em classe sobre como mudar ou como treinar para se obter um novo comportamento. E eu respondi corretamente de imediato às suas indagações, pois havia lido sobre o tema e nele tinha interesse.

A Psicologia, na metade do século vinte, atraiu muitos interessados em estudá-la em profundidade. Não, ainda, como um curso estruturado

e reconhecido, mas como disciplina isolada ofertada pelas faculdades de educação principalmente, a ponto de algumas associações científicas então existentes terem iniciado suas atividades agregando os "psicologistas" da época. Entre essas associações está a Sociedade de Psicologia de S. Paulo, hoje Associação de Psicologia de S. Paulo (Custódio, 2000), da qual já há bastante tempo tenho feito parte, inclusive como dirigente.

Essas influências me fizeram buscar o curso de filosofia na USP e o de psicologia no "Sedes Sapientiae". Na USP permaneci menos de um ano e após cursar o primeiro ano por inteiro no "Sedes Sapientiae", transferi-me no segundo ano para a PUC/SP, onde me graduei em Psicologia. Ambos os cursos tiveram início em 1963, conquanto o Curso de Psicologia da PUC/SP tenha sido reconhecido oficialmente a partir de 1964. Alguns professores eram comuns a esses dois cursos, entre eles a Professora Maria Fernanda Seixas Farinha Beirão. O curso era oferecido na época em seis anos, o do "Sedes" dirigido pela Madre Cristina (nome, Celia de Abreu Sodré) e o da PUC/SP pelo Dr. Enzo Azzi (ex-ocupante da Cad. nº 10).

Naquela época, no Curso de Psicologia, os alunos tinham acesso às mais variadas pesquisas e auxiliavam os professores na coleta de dados. O Professor Enzo Azzi empenhava-se em criar um curso avançado para a época e facilitar de forma inteligente a obtenção das mais variadas informações possíveis e aumentando as possibilidades de buscar o conhecimento, onde eles estavam sendo produzidos, mesmo fora das paredes da PUC/SP. Assim, para estudar fisiologia, íamos ao curso de Biologia da USP na Cidade Universitária e nosso Professor era ali o Dr. Paulo Sawaya (ex-ocupante da Cad. nº 26); para estudar neuro-anatomia (um semestre), além das aulas teóricas na PUC/SP, íamos à Escola Paulista de Medicina, onde tínhamos aulas práticas com os Assistentes do Prof. Dr. José Geraldo Camargo Lima, entre eles, salvo engano, o Prof. Raymundo Manno Vieira. E ainda na PUC/SP tínhamos um semestre de neurofisiologia e mais um de neuropatologia, sempre assistidos pelo Prof. Camargo Lima. As aulas de psicopatologia permitiam atividades de observação no Hospital de Franco da Rocha, inclusive no Manicômio Judiciário, sempre com a assistência do nosso Prof. Dr. José Teixeira Lima, ou seja, no mínimo de quinze em quinze dias nós também tomávamos o "trem para o hospício", como refletiu nosso saudoso colega Acadêmico (ex-ocupante da Cad. nº 19), Haim Grunspun (Grunspun, 1980).

As aulas de Psicologia Experimental eram conduzidas pelo Prof. Dr. Joel Martins e, posteriormente, pela Dra. Maria do Carmo Guedes. Mas os laboratórios de psicologia estavam sempre abertos aos alunos

para que pudessem apreciar os diversos materiais utilizados no estudo e na prática da atividade.

O Prof. Enzo Azzi era um inovador inquieto, como já referi, no que se refere ao Curso que planejara. E paralelamente às atividades de ensino e aprendizagem, os professores do Curso eram encarregados da colaboração da *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, editada pelo Instituto de Psicologia da PUCSP, cuja duração deu-se entre 1955 a 1973. Essa Revista não só apresentava artigos científicos originais, como também buscava atualizar os leitores sobre tudo o que ocorria no mundo a respeito da psicologia, enquanto área de conhecimento e de atuação profissional, bem como de áreas afins, como medicina, educação, odontologia e outras. Nesse sentido, várias pesquisas publicadas no Exterior eram resenhadas em textos amplos e repletos de informação. Também eram apresentadas informações detalhadas e apreciações sobre grandes eventos da área, realizados no País e no exterior.

É possível presumir que a proposta básica do Prof. Azzi era propiciar ao aluno uma visão ampla das múltiplas atividades paralelas às de atuação do Psicólogo, antecipando-se no tempo ao que contemporaneamente se pretende com a idéia de trabalho em equipe multiprofissional.

O Prof. Azzi assumiu posteriormente (1966), quando da instalação do curso de medicina da Santa Casa de São Paulo, a Chefia do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica. E segundo a Ata da primeira reunião ali realizada, uma das finalidades desse Departamento era promover, quando necessário, assistência psicológica aos alunos através do Setor de Psicologia Aplicada e para dar conta dessa atividade, seria contratada uma equipe de especialistas capazes de entrevistar, fazer aconselhamento, psicoterapia de grupo, dinâmicas de grupo e até orientação para escolha de especialidades. Esse trabalho pioneiro, originou em 1997 o REPAM - Retaguarda Emocional Para o Aluno de Medicina, com vistas à Qualidade de Vida e Suporte ao Estudante de Medicina (2010).

Também estava prevista, nessa época, a prévia avaliação psicológica dos candidatos ao curso de medicina, prática que já era utilizada no processo seletivo da PUC/SP antes mesmo da instalação do curso de graduação de Psicologia. Rojas Boccalandro (1999), um dos meus professores de Psicologia Organizacional, assinalou que para ingressar no curso de formação em psicologia clínica foi ele submetido ao Teste de Zulliger e, provavelmente, à escala avançada do Teste de Raven. Como já me referi (Custodio, 2007), essa prática era comum na época, mas não se manteve.

O que gostaria de destacar nesta relação do Prof. Azzi com o estudo da Medicina é que já naquele momento havia uma preocupação com a qualidade de vida e o equilíbrio emocional do futuro médico e, mais ainda, soube-o na época, que havia ele instituído a visita obrigatória dos alunos aos pacientes da Clínica Médica deste o início do curso e não apenas nos estágios clínicos.

Mas retornando à Avaliação Psicológica, fio condutor deste relato, reporto-me ao que já publiquei no Boletim desta Academia (Custodio, 2007). Uma vez dentro do curso, o contacto com os Testes era uma constante, pois eram objeto de estudo das aulas de diferentes professores e propósitos das várias disciplinas ministradas. Alguns desses professores eram autores de Testes, ou pesquisavam sobre eles. Thereza (Tessi) Hantzschel, junto com Margarida Windholz (Cad. nº 12) traduziram do inglês e transformaram em apostila muito didática a obra de Elizabeth Koppitz (1971), facilitando assim sobremaneira, o trabalho daqueles que usavam o Teste para avaliação diagnóstica, citando, entre os que o faziam, minha supervisora da Clínica, Ana Maria Poppovic, também autora da primeira versão brasileira da escala de inteligência WISC.

Uma das minhas professoras de Avaliação Psicológica, Rosa Maria Macedo, defendeu seu doutorado na PUC/SP em 1973 com uma pesquisa sobre o Teste que se convencionou chamar de Pré-Bender (Macedo, 1973). Boa parte dos resultados dessa pesquisa foi publicada posteriormente (Macedo, 1974 e 1975) e sua tese permitiu que professores de Avaliação Psicológica utilizassem os resultados do Pré-Bender interpretando-os à luz de pesquisas brasileiras sobre o tema.

Vários outros professores poderia citar pela relevância do trabalho na área da Avaliação Psicológica, entre eles Aniela M. Ginsberg (ex-ocupante da Cad. nº 11), Bettina Katzeinstein Shöenfeldt (ex-ocupante da Cad. nº 12), o Patrono da Cadeira nº 21, Raul de Moraes, que trabalhava em equipe com Eugênia Moraes de Andrade (ex-ocupante da Cad. nº 21) e, também, Dulce Godoi Alves (Cad. nº 24). No momento em que escrevia o artigo para o Boletim (Custodio, 2007), constatei que durante meu curso de graduação havia entrado em contacto com mais de 60 instrumentos de Avaliação Psicológica e também ali assinalo que algum material sobre os mesmos estava relatado no livro publicado por minha orientadora (Lourenção Van Kolck, 1974-75).

Ainda estudante na PUC/SP, comecei a desenvolver alguma atividade profissional remunerada. A bem da verdade, comecei como professora até antes de ali estudar, pois quando estava terminando meu curso Colegial, faleceu meu pai e para ajudar a família, passei a dar aulas particulares, inclusive de piano. Mudamos nessa época da Mooca para São Caetano.

Durante o curso universitário, obtive uma bolsa de estudos na PUC/SP e, no quarto ano, passei a fazer estágio na Phillips do Brasil, em Guarulhos, na área de recrutamento e seleção; posteriormente, por volta de 1966, passei a lecionar no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, onde permaneci até 1968, momento em que passo a integrar o corpo docente do Instituto de Educação Estadual Coronel “Bonifácio de Carvalho”, ambos onde anteriormente estudara.

Lecionava nesses colégios Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento para o então Curso Normal. Nesse meio tempo, uma colega me fala da possibilidade de lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. E para lá eu fui lecionar Psicologia Educacional, onde permaneci de 1968 a 1970.

Em 1968 estava cursando o 5º e último ano do Curso da PUC/SP. No ano seguinte, não teria mais atividades estudantis e eu julguei que não seria bom para meu desempenho cessa-las, visto estar envolvida em atividades acadêmicas. Daí a procura de um programa de Pós-graduação, no curso de Psicologia da USP. Isso foi em 1969, época em que fui entrevistada pela Dra. Odette e por ela indicada a lecionar naquela Universidade. E como nesse período já trabalhava no Banco de São Caetano, utilizando vários testes, entre eles o PMK, passei a ministrar em colaboração com o Professor Antonio Carelli (ex-ocupante da Cad. nº 10) e a Profa. Odette Lourenção disciplinas em várias das nove disciplinas dedicadas ao estudo da Avaliação Psicológica.

Deixei Sorocaba, deixei o Instituto de Educação Bonifácio de Carvalho e fui lecionar em 1970 na Sociedade Campineira de Educação e Instrução, antiga PUCCAMP, Psicologia do Desenvolvimento I e II. Nesse mesmo ano casei-me e continuei morando em São Caetano do Sul. Continuava na USP, continuava no Banco e fazia o doutorado, sob todas as pressões psicológicas conhecidas. Deixei a PUCCAMP e, ao final de 1972, já grávida da minha primeira filha, Renata M. Custódio, fiz o depósito da minha tese no último dia do prazo. Foi um ano de intensa atividade na Pós-graduação da USP, com vários colegas, alguns ex-professores, também depositando seus trabalhos de doutorado, entre eles Mathilde Neder (Cad. nº 14), Antonio Carelli (ex-ocupante da Cad. nº 10) e Theodorus Van Kolck (Patrono da Cad. nº 16).

Em janeiro de 1973, nasce a Renata e em julho do mesmo ano, ingresso no Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje UMESP, em São Bernardo do Campo, como professora de Avaliação Psicológica, onde até hoje permaneço. E em novembro desse mesmo ano de 1973, defendo minha tese de doutorado na USP, onde também até hoje permaneço.

O relato dessa intensa atividade e das várias oportunidades de exercê-la reflete também um momento único, certamente resultante de uma carência de suficiente massa crítica para atender à crescente demanda por conhecimentos na área da Psicologia.

Lembro-me que quando estava para deixar a PUC/SP, um dos meus professores de Psicologia Organizacional, Antonio Waldir Biscaro, falou-me sobre uma vaga para atuar na área de Seleção da fábrica de chocolates Lacta, provavelmente um trabalho bem mais remunerado que o de professor, mas que demandaria abandonar a carreira universitária e afastar-me da família. Ignorei a oportunidade. Hoje nossos alunos, mesmo os mais brilhantes, enfrentam enormes dificuldades para atuar na atividade profissional a que dedicaram anos e anos de suas vidas. E dessa minha opção pela família nasceram mais três filhos, além da Renata, que coroam minha vida de mãe e professora: o André, Publicitário; o Flávio, Administrador de Empresa e a Patrícia, Dentista. A Renata, eu não disse, é Bióloga. Por último, não posso deixar de acrescentar o membro mais novo da família, minha neta Beatriz.

No IPUSP sempre estive ligada à Avaliação Psicológica, na graduação e na pós-graduação. Na UMESP assumindo atividades na pós-graduação, minhas pesquisas e orientações se dirigiram ao campo da Psicologia da Saúde, usando a avaliação psicológica como estratégia para diagnóstico. Também atuei como supervisora de diagnóstico psicológico e hoje como supervisora de psicologia comunitária e da saúde. Em ambas as Universidades já exerci a coordenação do Programa de Pós-Graduação e, por conta das atividades de pesquisa, participei de muitos eventos nacionais e internacionais.

Pude participar de uma verdadeira explosão na criação de testes e pesquisas sobre sua eficiência, dentro do contexto da Avaliação Psicológica. Os testes que durante minha atividade como professora trabalhei mais intensamente foram as escalas de Weschler, como o WISC, o WAIS nas edições antigas e revisadas, Provas de Terman & Merril, posteriormente denominadas Stanford-Binet, Escalas de Auto-relato, Técnicas Projetivas, entre elas o Rorschach segundo a Escola de Klopfer, e testes gráficos de modo geral.

Minha experiência na PUC/SP e no IPUSP me conduziu a uma outra ação importante a ser tomada pelo professor de Avaliação Psicológica: a permanente atualização dos dados sobre o teste. Fui uma das felizes herdeiras do arquivo da Profª Odette no IPUSP. Lá todas as informações sobre cada instrumento psicológico selecionado eram cuidadosamente guardadas em pastas, de forma a que tivéssemos em mãos o teste propriamente dito e toda a literatura de suporte. Foi esse material que serviu de base para sua tese de livre-docência,

posteriormente editada sob a forma de livro, em dois volumes (Lourenção Van kolck, 1974-1975). Com a Dra. Odette também estavam os livros de registro das reuniões de estudo que realizava, com textos escritos à mão, detalhando as atividades decididas sobre determinado teste e objetivos. Lembro-me do nome de alguns dos participantes dessas reuniões ali assinalados, entre eles Arrigo Leonardo Angelini (Cad. nº 4), Noemi da Silveira Rudolfer (ex-ocupane da Cad. nº 2), que também fora minha professora no IPUSP, e Romeu de Morais Almeida (ex-ocupante da Cad. nº 6). É como se estivessem praticando naquela época, aquilo que hoje se faz nos laboratórios de pesquisa das Universidades e, ainda, nos Grupos de Pesquisa da ANPEPP.

Manter-se atualizado sobre o panorama científico que cerca os testes é, portanto, fundamental. Muitos de nós, professores e pesquisadores, fomos criticados por sermos adeptos da testagem e uma das críticas era do uso de material obsoleto ou não adequado à população examinada. Com a Resolução nº 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), para a qual de alguma maneira julgo ter contribuído, essa objeção foi superada, pois impõe a atualização do instrumento entre os requisitos fundamentais para seu uso entre os psicólogos brasileiros. Caso contrário, o instrumento não é aprovado pela Comissão Técnica Consultiva do CFP e, desta maneira, não autorizado seu uso pelos psicólogos em suas atividades práticas.

Contudo, não era apenas a falta de atualização dos instrumentos para aplicação perante o público alvo que servia de munição aos críticos, mas também a falta de um referencial teórico consistente e de estudos de validade e precisão, que levaram o CFP a tomar tal decisão.

A atividade de pesquisa dos docentes de programas de graduação e pós-graduação no que diz respeito à atualização dos testes deve ser considerada como parte importante dos seus objetivos. É possível colher dados, apresentar relatos de pesquisa para atualização de informações sobre os testes em cursos de pós-graduação, pois pesquisa é também uma exigência da CAPES para reconhecimento das atividades dos professores. Particularmente tive experiências gratificantes ao padronizar a Escala Especial do RAVEN publicada pelo CETEPP. Além dos encontros para discutir as etapas da pesquisa, pôde o grupo dialogar com o próprio autor das revisões mais atuais do instrumento, o Dr. John Raven. Desse grupo participaram também, entre outros, Arrigo Leonardo Angelini (Cad. nº 4), Irai Cristina Boccato Alves (Cad. nº 31), Walquíria Fonseca Duarte e José Luciano Miranda Duarte (Angelini, Alves, Custódio, Duarte, Duarte (1999).

Na obra de 2007 (Custódio, 2007), também me refiro às questões de natureza teórico-ideológica e até de identidade profissional, que afetaram o uso dos testes entre nós. Continuo advogando favoravelmente o emprego de testes. Um profissional pode e deve usar alguma estratégia para coleta de dados toda vez que necessite de um diagnóstico psicológico, além das estratégias de observação que também considero fundamentais no processo. Muitos psicanalistas com base nas raízes históricas e teóricas da psicanálise, pronunciaram-se contra a Avaliação Psicológica, ao diagnóstico prévio no processo de intervenção. Todavia muitos propõem alguma estratégia diagnóstica. Simon (1989) propõe uma entrevista diagnóstica, EDAO, como fundamental para se iniciar uma terapia breve ou até para se determinar se é possível a mesma ou recomendável uma psicoterapia reconstrutiva. Trinca (Cad. nº 40), em obra publicada (1984), propõe uma atitude que deve sempre levar em conta as hipóteses possíveis e reformuláveis na coleta de dados. Muitas vezes o sofrimento psíquico vivido pela pessoa é tal, que ela não se vê à vontade no início do processo diagnóstico até não se instalar a necessária confiança, a empatia entre psicólogo e paciente. A partir do surgimento da confiança o diagnóstico flui adequadamente e deve ser reavaliado em meio ao processo já iniciado.

Pude viver essa experiência até em processo seletivo. Lembro-me que certa vez entrevistei e apliquei um teste de personalidade do tipo auto-relato num candidato a Gerente, com experiência na área e recomendado pela Administração da empresa. Ele não se sentia à vontade na situação, o que me tornou insegura quando à decisão de recomendá-lo ou não para a função. Resolvi então aplicar-lhe um teste projetivo, o Zulliger ou o Rorschach, não estou bem certa, e a partir daí ele se colocou mais à vontade, apresentou suas incertezas e apreensões e eu pude entendê-lo de um modo mais amplo. Ele foi admitido e teve sucesso na Empresa.

No Programa de Pós-graduação me foi possível orientar vários projetos, que mostraram as possibilidades de se fazer uma apreciação crítica à forma como os instrumentos de Avaliação são utilizados, uma ampliação de propostas diagnósticas, as contribuições para a validade e precisão dos instrumentos. Seria demasiado aqui relacionar todos esses trabalhos que orientei, pois só na Metodista somam 73 (vide Lattes: http://lattes.cnpq.br/9200626019758216).

A primeira dissertação por mim orientada foi no Programa de Pós-graduação de Psicologia da Saúde da UMESP. Trata-se do estudo de Marinês Santarosa Pereira (Pereira, 1983) sobre as características do paciente que procurava a Clínica-Escola da Universidade Metodista. A autora constatou na época que havia uma grande quantidade de crianças,

principalmente meninos de 8 anos, com queixas de dificuldades escolares. Constatou, também, que não havia deficit intelectual ou perceptivo na grande maioria dessas crianças, mas sim algum tipo de sofrimento psíquico, algum tipo de dificuldade que impedia seu envolvimento com a aprendizagem. Em decorrência os professores alertavam os pais sobre a possibilidade de reprovação e em outubro ocorria a grande demanda de meninos à Clínica.

No IPUSP um dos primeiros trabalhos por mim orientados foi o de Ângela Maria Regis Cavalcanti Brasil (Brasil, 1989). Em sua dissertação de mestrado, Ângela se propõe ao mesmo tipo de análise a partir de demanda ao Serviço Psicológico de Posto de Saúde. Os resultados são semelhantes e Ângela discute o papel da professora no processo, que sabe instruir alguns, mas não é capaz de fazê-lo com a totalidade dos alunos da classe. Havia uma professora que até acreditava que todos seus alunos deveriam ser encaminhados à Clínica, pois todos tinham problemas. Mais recentemente outra orientanda, Hilda Rosa Capelão Avoglia (Avoglia, 2006), se propôs a defender a visita domiciliar e o contacto com a escola, como estratégia para ampliação das informações obtidas e para formular um diagnóstico mais consistente, além dos testes que podem ser aplicados normalmente. É interessante constatar que a visita domiciliar já era proposta por Ana Maria Poppovic na Clínica da PUC/SP, mas ainda pouco praticada, conquanto haja notícia de algumas ações nesse sentido. Também durante esse tempo, constata-se que a demanda à Clínica mudou seu perfil, porque a sociedade também mudou. Há escolas que não reprovam e supostamente os professores de tais estabelecimentos têm que ensinar todos os alunos, quer eles aprendam, quer não.

No que tange à atualização dos testes em si, o professor-orientador tem possibilidade de se informar sobre as propostas mais recentes de técnicas que já estão amplamente consagradas pelos pesquisadores. Eu estudei o Rorschach pela escola de Klopfer, mas tive orientandos que fizeram pesquisas segundo a escola de Aníbal Silveira, como é o caso de Sandra Regina Bertelli (Bertelli,1989) e, ainda, no Sistema Compreensivo de Exner, como no caso de Antonio Carlos Pacheco e Silva Neto (Silva Neto, 2008) e de Paulo Francisco de Castro (Castro, 2008).

As experiências com ensino e pesquisa têm me permitido produzir artigos e capítulos de livros, principalmente voltados à revisão das novas estratégias de avaliação psicológica nos diversos contextos em que podem ser utilizadas, como, por exemplo, na área da saúde, qualidade de vida e prevenção.

A Avaliação Psicológica não trabalha com abstrações, mas com seres humanos. E nesse contexto,

> ***Todo homem ou mulher é, sob certos aspectos,***
> ***a. como todos os outros homens ou mulheres,***
> ***b. como certos homens ou mulheres,***
> ***c. como nenhum outro homem ou mulher.***

(Frase inspirada em Kluckhohn e Murray, 1953, a partir da obra de Pervin, L. A. (1978). *Personalidade: teoria, avaliação e pesquisa*. S. Paulo, EPU, p. 02).

Resumindo, não cabe o radicalismo, a posição extremada, mas sim a moderação, a crítica construtiva e o equilíbrio. A pessoa diagnosticada não é apenas um número, resultado de uma tabela, é muito mais que isto, tem uma história de vida, tem relações dinâmicas com sua família e a sociedade e entender tudo isto faz parte do processo diagnóstico.

Essas ideias de natureza moderada que apresento coincidem com as dos ilustres Acadêmicos que me antecederam, aos quais não poderia deixar de externar meu preito de admiração: ao Patrono e ao meu antecessor na Cadeira nº 20, desta Academia, o primeiro, João Toledo e o segundo, Antonio D'Avila.

João Augusto de Toledo ou João Toledo como era mais conhecido, nasceu em Tietê, 1879 e faleceu em São Paulo, 1941. Com 35 anos de vida profissional dedicada ao magistério, foi membro do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo e Diretor Geral da Instrução Pública em São Paulo. Em meio às idéias revolucionárias que se desenvolviam na década de 30 a respeito da educação e da postura do professor, propunha uma conduta ponderada entre o ideário da escolanovista, centrada no aluno e as características da escola tradicional, centrada no professor. Dizia ele que novas doutrinas ganham terreno mais nas justificativas teóricas que na prática. Novidades empolgam a muitos, mas é importante prevenir possíveis excessos e isso se aplica não apenas no campo onde atuava, mas em todas as outras áreas do conhecimento ou das práticas que a partir deles se realizam (Camargo, 2010).

Antonio D'Ávila também era educador com boa produção desde 1932, segundo Trevisan (2010), mas pouco conhecida. Nascido em 1903, teve uma vida dedicada ao ensino, ao professor formado pela então escola normal, ao professor do SENAI e faleceu em 1989. Entre as obras publicadas, Trevisan faz referência ao livro de 415 páginas *Pedagogia: teoria e prática: de acordo com o programa de ensino do*

curso normal e com as diretrizes do ensino primário, v1, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

D´Ávila valorizava a Filosofia, pois permitia ao educador ter uma visão de homem e de mundo e a Sociologia da Educação, pois para o autor o meio é o conjunto de excitantes ou estímulos que atuam sobre o homem. Particularmente ao professor interessaria a maneira pela qual se estabelecem as relações entre pessoas e grupos. Segundo ele, um plano de ensino deve ser bem articulado à realidade do ambiente e não teórico e inoperante. D'Avila era um adepto das informações e conhecimentos das ciências subsidiárias. Afirmava que não é possível realizar o ensino e a educação só com a Psicologia. O professor deve ter conhecimentos de Biologia Educacional, Antropologia e Filosofia. Posicionava-se, portanto, de forma aberta para as contribuições múltiplas das ciências na formação de um bom educador.

É assim que me posiciono frente ao ensino e pesquisa em avaliação psicológica: com uma atitude moderada, pois há muito que se estudar e pesquisar. Os desafios da Psicologia continuam, mas hoje há mais pessoas preparadas para enfrentá-los e vencê-los.

Referências

- Angelini, L.A.; Boccato Alves, I. C.; Custódio, E. M.; Duarte, W. F. & Duarte, J. L. M. (1999). *Matrizes Progressivas Coloridas de Raven*. São Paulo, Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Avoglia, H. R. C. (2006). *Avaliação psicológica e perspectiva sócio-familiar nas estratégias complementares à prática clínica infantil.* Tese de doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. IPUSP.
- Bertelli, S. M. R. B. (1989). *Estudo das características afetivo-emocionais e psicossociais de gestantes de partos normais e cesarianas: estudo com o Teste de Rorschach.* Dissertação de mestrado. Programas de Pós-graduação em Psicologia da Saúde. UMESP.
- Brasil, A. M. R. C. (1989). *Fracasso Escolar:uma questão simbólica. Estudo analítico Junguiano dos dinamismos infantis na família, na escola e na cultura.* Dissertação de mestrado. Pós-graduação em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. IPUSP.
- Camargo, P.E.B. (2010). João Toledo: o educador paulista segundo a historiografia da educação brasileira. http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/tema4/0432.pdf (acesso em 16 de julho de 2010).

- Castro, P. F. (2008). *Caracterização da personalidade de pacientes com transtorno de pânico por meio do método de Rorschach. Contribuições do Sistema Compreensivo.* Tese de doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. IPUSP.
- Custódio, E. M. (2007). Avaliação Psicológica: ensino e pesquisa na década de sessenta. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, ano XXVII, nº 2/07, p. 49/66.
- Custódio, E. M. (1973). *Estudo comparativo da ansiedade medida no PMK e na MAS*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem, Desenvolvimento e Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Grunspun, H. (1980). *Trem para o Hospício*. São Paulo: Livraria Cultura Editora.
- Homenagens Póstumas – Psicologia (2003). *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, ano XXIII, nº 2, p. 9.
- Koppitz, E. M. (1971). *El test guestaltico visomotor para niños*. Buenos Aires: Editorial Guadalupe.
- Lourenção Van Kolck, O. (1974-75). *Técnicas de Exame Psicológico e suas aplicações no Brasil.* Petrópolis, Ed. Vozes. Obra em 2 volumes, o primeiro editado em 1974 e o segundo em 1975.
- Macedo, R. M. S. (1973). *A organização grafo-perceptivo de pré-escolares de 4 a 6 anos de diferentes níveis sócio-econômicos-educacionais*. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUCSP.
- Macedo, R. M. S. (1974). Prova de organização grafo-perceptiva. *Revista de Psicologia Normal e Psicológica*, pp. 153-165.
- Macedo, R. M. S. (1975). Normas para prova de organização perceptiva de Hilda Santucci. *Boletim de Psicologia*, V. 25, nº 65, pp. 69-81.
- Mira, A. M. G. (1987). PMK: *Psicodiagnóstico Miocinético*. São Paulo: Vetor.
- Pereira, M. S. (1983). *Diagnósico psicológico em clínica-escola: um questionamento profissional.* Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde, UMESP.
- Qualidade de Vida e Suporte ao Estudante de Medicina (2010). http://www.fm.usp.br/cedem/qv/servicos.php (acesso em 15.10.2010)
- Rojas Boccalandro, E. (1999). Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic” – Uma perspectiva histórica. *Boletim Clínico* nº 6, pp. 34/37.
- Silva Neto, A. C. P. (2008). *Estudo sobre a estabilidade temporal do Rorschach no Sistema Compreensivo de Exner.* Tese de doutorado. Pós-graduação em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. IPUSP.

- Simon, R. (1989). *Psicologia clínica preventiva*. São Paulo, EPU Editora.
- Trevisan, T. A. (2010). *A pedagogia segundo Antonio D'Avila*. Dissertação de mestrado.UNESP. Marília. http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/fm07ff14_09.pdf (acesso em 16 de julho de 2010).
- Trinca, W. (1984). *Diagnóstico psicológico: a prática clínica*. São Paulo, EPU Editora.

Produção Bibliográfica atual da Acadêmica

Artigos

- Campos, M. T; Avoglia, H. R. C. & Custódio, E. M. (2007). A imagem corporal de indivíduos com paraplegia não congênita: um estudo exploratório. *Psicólogo inFormação* (São Bernardo do Campo), v. 11, p. 27-55.
- Custódio, E. M. (2007). Avaliação psicológica: ensino e pesquisa na década de sessenta. *Boletim. Academia Paulista de Psicologia*, v. 27, p. 49-66.
- Custódio, E. M. (2008). Lino de Macedo - um construtor da Psicologia. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. 28, p. 187-196.
- Custódio, E. M.; Gomes, M. R R; Avoglia, H.R.C. & Bastos, I. S. (2004). Qualidade de vida entre universitárias: estudos preliminares com WHOQOL-Bref. *Boletim. Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 24, n. 3/4, p. 47-57.
- Lopes, A. C. de A.; Silva, E. E. A.; Cruz, M. S.; Barbosa, T. S.& Custódio, E. M. (2007). O trabalho comunitário sustentável: sua influência na qualidade de vida do trabalhador. *Psicólogo inFormação* (São Bernardo do Campo), v. 11, p. 56-80.
- Martins, A. D.; Menezes, A. C.; André, R.L. & Custódio, E. M. (2005). Fatores envolvidos na queixa de atendimento psicológico infantil nas Unidades Básicas de Saude do Municipio de Santo André. *Psicólogo inFormação* (São Bernardo do Campo), v. 9, p. 58-72.
- Oliveira, D. & Custódio, E. M. (2007). Redes de apoio social para homens de terceira idade de uma cidade da região do Grande ABC (SP). *Encontro* (Santo André), v. 11, p. 165-174.

Capítulos de Livros

- Benczik, E. B. P.; Custódio, E. M. & Tardivo, L. S. de La P. C. (2006). O uso do Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) em crianças com transtorno de déficit de atenção / hiperatividade: um estudo de validade. In: N. A. Silva Neto & D. M. Amparo. (Org.). *Métodos Projetivos: instrumentos atuais para a investigação psicológica e da cultura.* 1 ed. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda., v. 1, p. 307-314.

- Braga, T. B. M. & Custódio, E. M. (2009). O sentido da prática clínica para uma clínica do sentido: a formação no contexto da atenção psicológica em instituições. In: H. T. P. Morato; C. L. B. T. Barreto & A. P. Nunes. (Org.). *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica-existencial: uma introdução*. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S/A, v. -, p. 101-120.
- Custódio, E. M..(2007). Inserção da avaliação psicológica na saúde: breve relato sobre a experiência brasileira. In: M.M.M. Siqueira; S.N. Jesus, & V.B. Oliveira (Org.). *Psicologia da saúde: teoria e pesquisa*. 1 ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, v. 1, p. 243-256.
- Custódio, E. M. (2008). O Teste de Bender como instrumento de avaliação da personalidade. In: A. E Villemor-Amaral, & B. S. G. Werlang, (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. , p. 307-326.
- Custódio, E. M.; Avoglia, H. R. C.; Scurato, D.; Effenberger, A. B.; Nicolau, M. A. & Viabone, S. A. (2007).O desenvolvimento intelectual de escolares integrantes de uma comunidade isolada na Mata Atlântica. In: A.A. Candeias e L.S. Almeida. (Org.). *Inteligência Humana*. 1 ed. Coimbra - Portugal: Quarteto, v. 1, p. 311-320.
- Esteves, C.; Custódio, E. M. & Castro, P. F. (2008). Avaliação da personalidade a partir dos fatores observados no Bender-Hutt: a influência da experiência com o instrumento. In: S.R.Pasian; E.T.K. Okino; S.R. Loureiro, & F.L. Osório (Org.). *Avaliação de personalidade: técnicas e contextos diversos*. Ribeirão Preto - SP: ASBRo, v. , p. 826-843.
- Silva Neto, A. C. P. & Custódio, E.M. (2010). Estabilidade temporal do Sistema Compreensivo do Rorschach: um estudo com adultos da cidade de São Paulo. In S. R. Pasian (Org.) *Avanços de Rorschach no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.55-85.

Trabalhos Completos: publicações em anais de congressos

- Benincasa, M. & Custódio, E. M. (2010).O uso de drogas em adolescentes brasileiros. I. Leal, J. P. Ribeiro, M. Marques & F. Pimenta (Eds.) 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde – *Sexualidade, Gênero e Saúde* – Actas. p. 702-710.
- Benincasa, M.; Rezende, M. M.; Custódio, E. M. (2008) Percepção de fatores de risco e proteção para o uso de substâncias psicoativas entre adolescentes. In*: 7o Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*, 2008, Porto. Actas. Lisboa: ISPA, p. 467-470.

- Campos, M. T.; Avoglia, H. R. C.; Souza, F. Y. B. A.; Custódio, E. M.; Gianelli, M. (2008). A imagem corporal de indivíduos com paraplegia não congênita: um estudo exploratório. In: *7o Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: intervenção em psicologia e saúde,* 2008, Porto. Actas. Lisboa : ISPA, p. 439-442.
- Campos, M. T.; Avoglia, H. R. C.; Souza, F. Y. B. A; Custódio, E. M.; Gianelli, M. (2008). Expressão lúdica em crianças hospitalizadas. In: *7º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: intervenção em psicologia e saúde,* 2008, Porto. Actas. Lisboa : ISPA, p. 435-438.
- Custódio, E. M. & Avoglia, H. R. C. (2009). Violência contra crianças: diagnóstico a partir da observação *in loco* da família. 1º Congresso Luso-Brasileiro da Psicologia da Saúde. In: S. M. Jesus, I. Leal & M. Rezende. *Experiências e Intervenções em Psicologia da Saúde* – Simpósios, Faro, Portugal, p. 343-350.
- Fanani, F. B.; Custódio, E. M.; Avoglia, H. R. C. (2008).Dificultades de adhesión al tratamiento psicológico por parte de madres cuyos hijos han sido abusados(as) sexualmente. In: XII Congreso Nacional de Psidiagnostico y XIX Jornada Nacional de ADEIP. *Demanda, Ética y Límites.* Buenos Aires - AR: Akadia Editorial, p. 32-39.
- Furusawa, L. M. & Custódio, E. M. (2009). Psicologia e Odontologia: necessidade de integração das áreas nas ciências da saúde. 1º Congresso Luso-Brasileiro da Psicologia da Saúde. In: S. M. Jesus, I. Leal & M. Rezende*. Experiências e Intervenções em Psicologia da Saúde* – Posteres interativos, Faro, Portugal, p. 395-404
- Grecchi, D.; Custódio, E. M. Rezende, M. M. (2008) Promoção de saúde mental no atendimento a estudantes e supervisores do último ano de um curso de graduação em fisioterapia. In*: 7o Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: intervenção em psicologia e saúde,* Porto. Actas. Lisboa : ISPA, p. 183-186.
- Itoh, M. M.; Amaral, M. G. & Custódio, E. M. (2009). Atendimento Psicológico em situações de tragédia. 1º Congresso Luso-Brasileiro da Psicologia da Saúde. In: S. M. Jesus, I. Leal & M. Rezende. *Experiências e Intervenções em Psicologia da Saúde* – Simpósios, Faro, Portugal, p. 828-842.
- Vizzotto, M. M.; Silva, L.C.; Moura, L.; Avoglia, H. R. C.; Custódio, E. M. (2006). Paternidad y embarazo: un estudio clínico de caso único. In: X Congreso Nacional de Psicodiagnostico / XVII Jornadas Nacionales de ADEIP, Buenos Aires. Libro de Ponencias: *Crisis, Mutaciones, Rupturas, Posibilidades*. Buenos Aires AR : ADEIP, p. 450-454.

IV. Da Psicologia Hospitalar à Psicoterapia Familiar

Mathilde Neder[1]
Cadeira nº 14, "Aníbal Silveira"
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Apresentação

por Aidyl M. Q. Pérez-Ramos[2]
Cadeira nº 30, "Paula Souza"

A colega formou-se em Pedagogia em 1946, pela memorável Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Realizou vários cursos de especialização e de curta duração, além de ter efetuado estágios em hospital psiquiátrico e clínica de higiene mental, acrescidos de observações em clínicas psicológicas e similares na Europa e nos Estados Unidos da América como base à formação psicológica, época em que ainda não existiam cursos universitários de formação do psicólogo no País. Fez o mestrado e doutorado na USP (Universidade de São Paulo) em Psicologia; nesta última titulação, realizou importante trabalho sobre integração das diversas abordagens em psicoterapias.

Exerceu atividades docentes na Universidade Mackenzie e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), nesta última de 1959 até a presente data. Nesta instituição exerceu funções de psicóloga e atualmente de Professor Titular, em cuja atribuição tem orientado uma quantidade apreciável de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, sobretudo nas áreas de psicossomática e de terapia familiar.

Desde 1954, vem exercendo funções de psicóloga em várias clínicas psicológicas, inclusive na da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Criou e coordenou unidades e serviços no campo da

---

[1] Contato: Al. Casa Branca, 962/13A – Jd. Paulista – 01408-000 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 3062-4062.
[2] Contato: Rua Pelágio Lobo, 107 – Perdizes – CEP 05009-020 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 3862-1087.

Psicologia Hospitalar e desenvolveu treinamentos de psicólogos para a área, introduzindo também técnicas de avaliação e de terapia como a psicoterapia breve e a terapia familiar, em tempo em que não se contava com a participação de psicólogos nos hospitais. Pertenceu, em anos recentes, à comissão de Bioética na Faculdade de Medicina da USP, contribuindo com novas ideias e normas aplicáveis ao campo da ciência psicológica. Por essas e outras iniciativas, a colega é considerada pioneira no desenvolvimento da Psicologia Hospitalar no Brasil. Participou da criação e do desenvolvimento de diversas associações científicas e de classe, sejam elas nacionais sejam internacionais. Citam-se algumas: Conselhos Federal e Regionais de Psicologia, Sociedade Interamericana de Psicologia, *International Family Therapy Association* e *American Family Association*. Escreveu artigos em revistas, deixando consignado o seu legado à ciência psicológica. A importância de suas contribuições justifica plenamente os prêmios e láureas recebidos, como a distinção que lhe foi outorgada como Titular da Cadeira nº14 da Academia Paulista de Psicologia.

Vida

Nasci em 30 de novembro de 1923, em Piracicaba. Filha de libaneses, Romão e Zahira, caçula de cinco irmãos. O nome Mathilde, segundo informações de Ceneide Cerveny (1933) tem origem alemã e quer dizer “guerreira intrépida”, o que talvez tenha estimulado a empenhar-me em abrir portas para o conhecimento, sobretudo de natureza psicológica. Fui uma criança e uma adolescente que brincava de bola na rua, subia nas árvores; lembro-me do nosso quintal com árvores frutíferas. Minha mãe, já viúva, faleceu aos 69 anos. Além de muito inteligente, era intuitiva, compreensiva, enérgica, habilidosa e simpática em suas relações. Naquela cidade conclui o ensino médio e o magistério. Por não existirem cursos de Psicologia na época, o meu desejo desde então, em 1943 optei por cursar Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUC/Campinas. No meu primeiro ano, Noemy da Silveira Rudolfer (ex-ocupante da Cad. nº 02) e seus alunos foram à PUC/Campinas para um debate; fiquei tão admirada com ela e seus acompanhantes que convenci minha mãe a me transferir para a USP, onde obtive o título de bacharel e de licenciatura em 1946. No período de 1946 a 1948, realizei cursos de especialização em Psicologia Educacional, em Sociologia Educacional e em Administração Escolar. Em 1948, ganhei uma bolsa de estudos da Universidade do Chile, oferecida pela Professora Noemy, na qual tive oportunidade de

familiarizar-me com o desenvolvimento psicológico do Chile e também de outros países da América Latina. Em meados de 1950, fomos, Odette Lourenção, Aidyl Macedo de Queiróz, hoje Pérez-Ramos, por razão de casamento, e eu para Paris, a fim de participarmos do 1º Congresso Mundial de Psiquiatria, onde pudemos assistir importantes conferências de psicanalistas de prestígio na época, como Melanie Klein e de Ana Freud. Naquele tempo, não tínhamos cursos regulares de Psicologia, éramos formadas em Pedagogia, Filosofia ou Ciências Sociais. A formação específica em Psicologia vinha das especializações e estágios, além da variedade de disciplinas de caráter psicológico introduzidas no curso de Pedagogia.

Atuei como observadora e colaboradora no trabalho terapêutico que realizava a Profª Noemy da Silveira Rudolfer na então denominada Clínica Psicológica da Cadeira de Psicologia Educacional pertencente à Seção de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Nessa oportunidade realizava práticas em observação familiar, além de assistir a professora em grupos terapêuticos e de formação de terapeutas ocupacionais que, na época, como acontecia com a Psicologia, não possuía cursos regulares no Brasil. Com essa experiência, aprendi a ver a família em suas diferentes relações e possibilidades.

Participei de cursos junto à seção de Pedagogia, proporcionados por professores estrangeiros de renome como Otto Klineberg em Psicologia Social e também de outros mestres que nos propiciavam ensinamentos de outras disciplinas de Ciências Humanas.

Nos anos 1954 a 1956, a formação em Psicologia Clínica era oferecida pelo “Sedes Sapientiae” e também pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, mediante cursos extensivos de especialização dedicados especialmente aos graduados em Pedagogia, Filosofia ou Ciências Sociais.

Realizei os dois cursos em Psicologia Clínica, o primeiro durante um ano de formação e o segundo durante dois anos e com exigência de defesa de monografia para o seu término. Fiz estágio no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, hoje Hospital Psiquiátrico Franco da Rocha e também na Clínica de Higiene Mental da Secretaria de Educação, com Durval Marcondes, Virginia Bicudo e Lygia do Amaral, enquanto professores e supervisores psicanalistas do curso de especialização em Psicologia Clínica que frequentava na USP.

Nos anos 50, efetuei visitas e/ou estágios em clínicas psicológicas e em hospitais psiquiátricos na França, Suíça, entre outros países europeus, como também no México e nos Estados Unidos da América. No Brasil continuei com estágios em instituições que ofereciam serviços

de orientação educacional e profissional, como no Instituto de Seleção e Orientação Profissional – ISOP, da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, hoje infelizmente extinto. Essas e outras investidas eram feitas com o intuito de constituir as bases de uma formação em psicologia, seguidas de matérias conexas e suas práticas. Anos mais tarde, com maior experiência em docência e em prática clínica, realizei o mestrado em 1971 e, em 1972, o doutorado na USP. Para este último título, apresentei a tese sobre integração de enfoques psicoterápicos, cuja contribuição ocasionou um avanço importante para a Psicologia Clínica no País.

Aqui termino a exposição sobre minha formação profissional, muito embora durante a minha vida profissional procurei sempre complementar o cabedal já adquirido com novos conhecimentos advindos da prática clínica, da criação e coordenação de serviços, da formação de pessoal e também de participação na comunidade científica e acadêmica.

Obra

No final de 1948, quando já graduada em Pedagogia, iniciei minha docência no Instituto Mackenzie, hoje Universidade Mackenzie, ministrando aulas de Psicologia das Relações Humanas, período este que durou oito anos. Por outro lado, minhas atividades como psicóloga foram gradualmente desenvolvidas em clínicas psicológicas (Clínica Psicológica da Sociedade Pestalozzi de São Paulo e também na Clínica de Psicologia da PUC/SP), no período de 1957 a 1975.

Anos antes havia tido experiências como colaboradora na Clínica Ortopédica e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP que aos poucos foram sedimentados para dar lugar a minha atuação como psicóloga em 1957 na referida instituição.

Nessa entidade atendia crianças submetidas à cirurgia da coluna, no período pré e pós-cirúrgico. Trabalho que era estendido à família dessas crianças e à equipe do Dr. Eurico de Toledo Freitas e enfermeiros. Também colaborava com a equipe de paralisia cerebral, liderada pelo Professor Enéas de Brasiliense Fusco, portanto, com os grupos de paraplégicos, hemiplégicos e amputados. Compreendia esse atendimento o conhecimento das condições do paciente e de suas famílias, no hospital, em seu domicílio e na comunidade. Interessavam aos médicos e aos outros profissionais envolvidos a capacidade reativa do paciente e a força colaborativa da família para aumentar a probabilidade de sucesso da cirurgia. Nessa época, também colaborei com a Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD).

Em 1957, passei a atuar no antigo Instituto Nacional de Reabilitação da USP (INAR). Esse Instituto tinha apoio da Organização das Nações Unidas, que enviava integrantes para os grupos de discussão de casos, como Allbright, coordenador, Karen Lindborg; fisioterapeuta, Jenquins; protético ortopédico, Ansejo; especialista em deficiência visual, entre outros.

Em meu trabalho, na reabilitação, destacava sempre a abordagem da pessoa como um todo, consideradas as diferenças individuais. Estas eram vistas nas interações pessoais, na instituição hospitalar, na família, nos ambientes em que viviam, na comunidade. Sem caracterizar as pessoas em função da deficiência física, esta era por mim considerada como um dos contribuintes para sua diferenciação. A família era assistida como componente necessário para a compreensão dos reabilitandos e para as mudanças desejadas, sempre consciente de que o comportamento de qualquer um dos membros da família influenciava e era influenciado pelos comportamentos dos demais.

Não era fácil o atendimento familiar. Na sua maioria, a família era de nível socioeconômico baixo ou médio-baixo, o que impedia o comparecimento regular ao hospital. Eu trabalhava com quem viesse ao hospital: pai, mãe, irmãos, maridos e esposas, vizinhos ou outros acompanhantes Não tardou e passei a reunir membros de famílias de diferentes pacientes, formando com eles grupos terapêuticos e de orientação, enquanto, em outros casos, continuava prestando atendimento, em separado, à família de cada reabilitando. Não raro, mesmo com a colaboração do Serviço Social, o comparecimento da família ao hospital ainda significava deixar de trabalhar nesse dia ou pagar para a vizinha tomar conta dos filhos. Mesmo assim as visitas familiares se intensificavam. Consideração à comunidade de origem, trabalhar nessa e com essa comunidade, estudá-la, conhecê-la melhor nas condições integrativas e nível de vida eram as preocupações e metas da equipe. De formação básica psicanalítica, logo me ficou evidente, na prática psicoterápica em reabilitação, que mudanças na técnica sobreviriam.

Mas o processo de mudança não foi tão rápido. Bastante compreensivos foram os médicos coordenadores e colegas de equipe, acompanhando minhas transformações pessoais, pelas descobertas que fazia. Pela necessidade surgiu a prática da psicoterapia breve, porque objetivos específicos se impunham em cada caso e o tempo de permanência no Hospital, embora mais prolongado, por se tratar de reabilitação, ainda assim era limitado, em média de três a seis meses. Assim, na década de 60, nosso trabalho em psicoterapia breve era

frequente. Individualmente, a princípio, mas em grupo, depois. Já em 1968, em cursos com Fiorini e Kusnetsoff, no Rio de Janeiro, e com Knobel, em São Paulo, no ano de 1970 e seguintes, com supervisões, pude inteirar-me da evolução na área. Também em 1970 iniciei minha formação psicodramática, com Bermudes e equipe, que me possibilitaram aplicações na prática da reabilitação. Idem, no referente a minha formação em técnicas de abordagem corporal, com Pethö Sándor, a partir de 1968.

O Instituto Nacional de Reabilitação (INAR) do HC (Hospital das Clínicas) tornou-se conhecido e procurado, no Brasil e por estrangeiros, por pacientes e por profissionais psicólogos. Do Uruguai, psicólogos estagiários, bolsistas e não bolsistas, vieram trabalhar conosco, na década de 60. Nesse tempo, início da década, com bolsa do Lar Escola São Francisco, em São Paulo, colaborou com o Instituto a psicóloga Suad Hadad, nossa primeira estagiária em Psicologia, no Hospital das Clínicas. Outros estagiários não bolsistas vieram, no início da década de 70 e, participantes do 1º concurso público do Hospital (1977), tornaram-se então psicólogos do Hospital das Clínicas.

Iniciando a participação do psicólogo no Ensino e na Pesquisa, no Instituto de Reabilitação, pude participar do magistério nos Cursos de Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Fonoaudiologia, ministrando aulas sobre Psicologia do Desenvolvimento, da Personalidade e do Excepcional junto com supervisão psicológica aos estagiários.

Ainda na década de 60, a par desses cursos regulares, no Instituto de Reabilitação, tive a oportunidade de ministrar um curso intensivo que considero de importância, denominado “Treinamento Sensorial e Educação Perceptiva”, com duração de sete meses, aberto a psicólogos, assistentes sociais, professores, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas, com prática supervisionada, na aplicação da psicologia a cada área específica. Foram experiências ricas, na reabilitação, especialmente no tocante às associações interdisciplinares e ao trabalho da equipe multiprofissional que procurava facilitar a relação interativa e aumentar para o cliente as suas possibilidades de aproveitamento do programa em processo de execução. Esperava-se poder responder melhor às suas necessidades, entendendo suas dificuldades, compreendendo seus medos, desejos, frustrações, angústias. Esperava-se conseguir motivação e participação nas mudanças de autoimagem, nas mudanças autovalorativas, ajudando-o no aproveitamento de seu potencial positivo, de suas forças de realização, passando a ser produtivo, sempre que possível e criativo na sua integração ou relações comunitárias.

Pensando na pessoa com paraplegia, posso lembrar-me de minhas sensações ao experimentar sentar ou movimentar uma cadeira de rodas.

Ou de quando, com vendas especiais nos olhos, passar pelo programa de Terapia Ocupacional preparado para investigação de potenciais e capacidades, para posterior tratamento e treinamento de clientes com deficiência de visão.

Terminada a simulação experienciada, era mais fácil a aproximação ao paciente e aos novos profissionais em treinamento, o que passou a acontecer, de forma programada. Seguia-se a entrevista grupal comigo, enquanto psicóloga, além da entrevista com o técnico de locomoção por exemplo. Era a oportunidade para a expressão da ansiedade e da desorientação produzidas pela vendagem dos olhos para vivenciar a situação de ser cego.

Em função dessa busca de conhecimento e compreensão do outro, de si mesmo e das relações existentes e possíveis, pude praticar o trabalho com pequenos grupos (auxiliares de enfermagem, atendentes, enfermeiras, assistentes sociais, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais), no desenvolvimento dos papéis respectivos, em interação. Era frequente a consultoria; e as interconsultas psicológicas se processavam num sentido mais amplo do que a interconsulta médico-psicológica, acontecendo também na relação do psicólogo com profissionais de outras áreas, como com o assistente social, o terapeuta ocupacional, o fisioterapeuta, as enfermeiras e outros.

O quadro de psicólogos do HC foi aumentado significativamente, em relação ao número acentuadamente reduzido de antes. Serviços de Psicologia já estavam em funcionamento em quase todas as dependências do Hospital das Clínicas, com exceção do Instituto Central, do Hospital Auxiliar do Cotoxó e do Serviço de Assistência Médica ao Servidor. Minhas atividades passaram a se desenvolver na Divisão de Reabilitação Profissional de Vergueiro, desde 1974 até que, em agosto de 1982, passei a prestar serviços no Instituto Central, para planejar, orientar e coordenar as atividades psicológicas nesse local. Considerando-se que não havia no Instituto Central (Hospital Geral) um Serviço de Psicologia organizado e com apenas cinco psicólogos de recente designação, a situação causava preocupação à administração do hospital e também a mim. Esses poucos psicólogos trabalhavam isoladamente em Clínicas especializadas, sem que existisse entre esses profissionais uma unidade de atuação. Além disso, existiam psicólogos estagiando como voluntários, de forma autônoma e sem interação com os profissionais da área. Eram 34 psicólogos estagiários que ali desenvolviam atividades, sem supervisão e como auxiliares de pesquisa ou do trabalho clínico, ou não tinham vínculo algum; alguns compareciam quando chamados, em caso de necessidade; havia um de frequência

diária, com atividade programada e supervisão, outros de uma vez por semana, quinzenais, mensais e ocasionais, além dos que davam apenas duas horas na semana, no total, para contatarem com pacientes em situações especiais.

Iniciadas as atividades para regularização dos estágios, abrimos vagas para estagiários voluntários, a serem admitidos por seleção, com planejamento de suas ações naquelas clínicas que dispunham de psicólogos para a necessária supervisão. Esses estagiários desenvolviam suas tarefas seguindo um programa de atuação, com a supervisão do psicólogo responsável pelas atividades psicológicas de cada Clínica, com a minha responsabilidade e supervisão geral.

As preocupações da Superintendência, em relação ao Hospital Geral, no Instituto Central, diziam respeito à regulamentação dos estágios, mas também à regularização e melhoria das atividades dos psicólogos do HC. Já em 1985 nomeou-se uma comissão de representantes dos diferentes Serviços de Psicologia, por mim presidida, para levantamento de suas necessidades e proposta de soluções Essa mesma Superintendência abriu-nos as portas, ajudando-nos em nosso caminho no Instituto Central do Hospital das Clínicas (ICHC). Facilitou, sobremaneira, nosso trabalho de articulação com as diferentes Clínicas Médicas e com os professores diretores, por elas responsáveis.

As atividades dos psicólogos, em todas as áreas do HC (Hospital das Clínicas), desenvolviam-se pelos três tipos: Assistência, Ensino e Pesquisa. Como a existência da Unidade de Psicologia no ICHC (Instituto Central do Hospital das Clínicas) era apenas funcional, o que era particularmente importante, desenvolvemos nossos esforços no sentido de regulamentar essa funcionalidade, incluindo as necessárias disposições no Decreto 9.720/77, legalizando assim, nossa situação.

Criada a Divisão de Psicologia em 15/03/87, pelo Decreto 26.094, foi feito o enquadramento dos psicólogos no Instituto Central, organizando sua estrutura e atribuições. Tais atribuições foram previstas para as áreas básicas de Assistência Psicológica, Ensino e Pesquisa, para serem executadas através dos dois Serviços da Divisão: 1) Serviço Central de Atendimento Psicológico Integrado, compreendendo a Equipe Técnica de Planejamento, Treinamento, Ensino e Pesquisa; a Seção Geral de Atendimento Psicológico Integrado (Preliminar, de Saúde Ocupacional, Diagnóstico e Tratamento, Interconsultas, Consultorias, Assessorias), o Setor de Psicologia em Pronto-Socorro e em Unidades de Terapia Intensiva e o Setor de Entrosamento Psicológico com a Comunidade; 2) Serviço de Psicologia para Ambulatórios e Enfermarias, compreendendo duas sessões, com dois setores cada uma: Seção de Psicologia para

Pacientes Externos e uma Seção para Pacientes Internados, ambas com setores para as Clínicas Médicas e Especializadas e para as Clínicas Cirúrgicas e Especializadas, além de um setor de Psicologia para Pronto Atendimento Ambulatorial.

Para a nova organização, não houve mudança substancial na forma de pensar ou conduzir-se, por parte dos psicólogos. Eles mantinham uma posição filosófica com a qual fundamentavam os seus trabalhos: posição humanística, de alta e especial atenção à população hospitalar, particularmente aos pacientes e suas famílias. O psicólogo teve seu referencial teórico de trabalho firmado nessa concepção indutora da humanização, considerando a pessoa humana na sua globalidade e integridade, única nas suas condições pessoais, com seus direitos definidos e respeitados.

Os psicólogos situavam-se como profissionais da saúde. E como tal, foram incluídos em seus propósitos e método de trabalho os cuidados psicológicos humanizantes, devendo eles próprios terem maturidade filosófica para tanto. Eles contribuíam para o Bem-estar Humano, cuidando da Qualidade de Vida, condicionadora da Saúde. Tinham uma área psicológica de ação bastante extensa, não se circunscrevendo apenas às clássicas designações de Psicologia Geral, Educacional, Clínica, Social e do Trabalho ou Organizacional. Evidentemente, porém, não é apenas a Clínica, nem apenas a Social, dependendo da situação, do contexto, da necessidade da pessoa.

Sendo o HC um Hospital-Escola, é compreensível que o **ensino** fosse uma das funções prioritárias. Nesse sentido participamos do programa de ensino para médicos e não médicos, com palestras, conferências, mesas-redondas, cursos de aprimoramento, orientação e supervisão de estágio. O Ensino, porém, não acontecia sem a Assistência, que possibilitava a prática necessária à aprendizagem.

A **Pesquisa** tem merecido, por parte dos psicólogos, uma atenção particular, em função da prática experienciada. São muitas as investigações, no Instituto Central, no Instituto de Psiquiatria, no Instituto da Criança, no Instituto do Coração e no Instituto de Ortopedia e Traumatologia, na Divisão de Reabilitação.

São pesquisas próprias, conduzidas pelos Serviços de Psicologia, pesquisas por colaboração destes às várias áreas profissionais, especialmente médicas e em articulação com universidades, para mestrado e doutorado, observadas as disposições regularmentares do HC nestas últimas e em outras, e também dos psicólogos externos.

O Psicólogo procede e procedia à **Assistência Psicológica**, em termos de:

1) Avaliação Psicológica: do paciente, da família, da situação hospitalar. Esta última, por sua vez, podia ser referente a pacientes, à família ou à própria instituição.
2) Tratamento psicológico e prevenção. Conforme as necessidades do caso, procedendo à orientação e com:
   - Psicoterapia, ao paciente e à família, no hospital e com extensão ao domicílio.
   - Psicopedagogia.
   - Psicomotricidade ou terapia psicomotora.
3) Consultorias e Interconsultorias psicológicas.
4) Assessoria Psicológica.

Com suas atividades, a Divisão de Psicologia do ICHC considerou as características do Hospital Geral e o atendimento à demanda das diferentes Clínicas Médicas. Estas têm seus objetivos específicos e os objetivos psicológicos, devendo ser coerentes com os da instituição.

Procuramos focalizar os aspectos diferenciais e os aspectos comuns dos pacientes, enquanto pessoas e, além disso, num trabalho de integração, através do Serviço Central de Atendimento Psicológico Integrado, focalizamos problemas como: Criança Maltratada, O Idoso, a Adolescente Grávida, Famílias de Pacientes, Tentativas de Suicídio e Preparo para encaminhamento à Divisão de Reabilitação. Os pacientes eram e são provenientes das diferentes Clínicas Médicas e Especializadas, e atendidos em função da problemática psicológica, especificamente em grupos como os mencionados e no também referido Serviço Central de Atendimento Psicológico Integrado, da Divisão. Continua, porém, a atendimento, dos pontos de vista médico e psicológico, articuladamente e no que couber, na Clínica de sua procedência. Paralelamente, portanto, os psicólogos passam a atender também os pacientes das Clínicas Especializadas, enquanto tais.

De uma maneira geral, insistimos, qualquer que seja a área específica em que trabalhe o psicólogo, no Hospital, entendemos que, considerando o embasamento filosófico comum, a ele é facultada a escolha da linha teórica de sua preferência, para a compreensão psicológica do ser humano, seu paciente. A ação metodológica, no entanto, embora coerente no respeito ao ser humano, sofre variações adaptativas ou criativas, conforme as necessidades dos casos ou situações, com utilização dos recursos de domínio do psicólogo.

O trabalho psicológico direto, junto ao cliente, era e é feito através da aplicação de provas psicológicas e de entrevistas para estudo, esclarecimento e acompanhamento psicológico, quando lhe é devida

uma assistência por seus problemas afetivo-emocionais interferentes na reabilitação.

As provas psicológicas existentes no Instituto distribuem-se pelos campos específicos: Nível Intelectual, Personalidade, Interesses, Aptidões, Habilidades específicas, além das provas para casos especiais, como seria, por ex., para afasia e outros.

Na atualidade, as atividades psicológicas dos psicólogos do HC eram e são coordenadas pela Coordenadoria das Atividades dos Psicólogos do Hospital das Clínicas. Foi instituído esse Órgão Coordenador por Portaria da Superintendência, sete meses depois de criada a Divisão de Psicologia do Instituto Central, a 22/10/1987, com minha designação para essa coordenação. O intuito: promover entrosamento ao desempenho de trabalhos assistenciais, científicos e didáticos, de modo a possibilitar atuação com sentido de grupo estruturado. A implantação dessa Coordenadoria encerra, acima de tudo, o objetivo de promover congraçamento profissional destinado à estipulação, em conjunto, de construtivos programas, sem alterar as ações específicas costumeiramente executadas.

Tendo já participado de um Encontro dos Psicólogos do HC e de diferentes atividades através de Grupos de Trabalho, a Coordenadoria organizou e lançou a Revista de Psicologia Hospitalar. E nós, na Divisão de Psicologia da ICHC, criamos, em 1989, dois Centros de grande importância: um, o Centro de Estudos e Pesquisas Psico-cirúrgicas - CEPPSIC, para consolidar a experiência de uma equipe interdisciplinar, das I e II Clínicas Cirúrgicas. Esse Centro interno, pertencente à Divisão de Psicologia do ICHC. E outro, mais amplo, de alcance nacional e mesmo internacional, denominado Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia Hospitalar - CEPPHO, cuja diretoria é mista, constituída por profissionais de diferentes centros científicos, técnicos e universitários.

Com a crescente experiência e crescente interesse pela área hospitalar, em Psicologia, organizamos desde 1973 vários cursos de Psicologia Hospitalar, no HC e fora do HC a nível universitário, de especialização em Psicoterapia e em Psicologia Hospitalar. Num hospital, como em outros órgãos institucionais de Saúde, o profissional que se dispõe a nele trabalhar precisa ter a necessária maturidade psíquica, o que inclui, naturalmente, um autoconhecimento, além da necessária boa formação acadêmica. O treino na função sempre acontece, em período experimental; e é aconselhável o estágio prévio à admissão.

Outra direção das minhas funções se referem às atividades na PUC/SP a partir de 1957, embora tenha tido experiências anteriores como

psicóloga na Clínica Psicológica dessa universidade, já citadas anteriormente.

Nesse ano, passei a lecionar Psicologia Social na PUC, e de 1961 a 1962, Psicologia em Reabilitação na área hospitalar. Quando criado o curso de Psicologia na PUC, em 1963, lecionei Psicoterapia de Crianças para a primeira turma, em 1968 e em turmas seguintes, até 1976.

Em 1976, passei a integrar o corpo de professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, lecionando Psicoterapias Breves, Terapia Familiar e Teorias e Técnicas Psicoterápicas. Criei, coordenei e supervisionei o Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar, o núcleo de terapia familiar e de casal e dirigi e dei aulas no Curso de Especialização em Psicologia e Saúde; Psicologia Hospitalar, e no Curso de Terapia Familiar e de Casal. Essas funções as mantenho atualmente.

No Programa de Pós-Graduação em Psicologia na PUC, orientei inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado. Cito algumas que são registradas nas notícias dos Acadêmicos do Boletim Academia Paulista de Psicologia, como o psíquico e o somático, a eutonia e qualidade de vida em pacientes com fibromialgia, Psicossíntese e o *burnout* e doenças psicossomáticas. Aliás nesse Boletim estão descritos muitos assuntos aqui relatados. Quero acrescentar que tive prazer de orientar dissertações e teses sobre terapia familiar, à luz de diferentes teóricos.

Organizei e participei das Jornadas Anuais de Psicossomática, durante vários anos, e também outros eventos, participando de concursos de efetivação de professores. Paralelamente continuava me especializando em Psicoterapia Familiar e de Casal. Foi rica minha experiência de aluna e de profissional com Andolf, na Itália. Ia para lá a cada dois anos, por mais de cinco anos. Lá também conheci Cármine Saccu que, com Andolfi, ia sempre aprendendo. Nos Estados Unidos da América, foi rica minha aproximação com Sluzki, em curso de especialização em Terapia Familiar e de Casal na Universidade de Williamstown em Massachusetts e na Califórnia, em que participaram como professores Marcelo Packman (USA), Maldonado (México), Ceccin (Itália) e muitos outros. Muitos deles vieram ao Brasil para continuar compartilhando experiências. Tomamos parte de muitos Congressos na área na Finlândia, Holanda, Itália, Noruega, Alemanha e Portugal. Muitos congressos foram feitos no Brasil e posso afirmar que somos um grupo forte de terapia familiar.

Abrindo novas fronteiras, como as já citadas anteriormente, por volta dos anos 2000, identifiquei-me com a Psicologia Comunitária, expandindo-a através de cursos e encontros com dirigentes comunitários.

Ainda, observando os problemas de ética que ocorriam tanto na Psicologia quanto nas demais áreas científicas, participei da disciplina Ética e Psicologia Hospitalar na Faculdade de Medicina e ministrei curso sobre a matéria no X Encontro Nacional de Psicologia Hospitalar. Também estendi os meus conhecimentos sobre câncer, tomando parte de mesa-redonda sobre a visão psicossomática dessa doença.

Paralelamente, continuava em expansão na área de Psicologia Hospitalar, proferindo conferências e tomando parte em mesas-redondas de congressos sobre a matéria, em especial sobre temas de terapia familiar e de casal. Nesse sentido, e mais recentemente, dediquei-me a esta última área do conhecimento, participando de eventos específicos, tanto no Brasil como no estrangeiro, realizando cursos e orientando teses e dissertações. Estive, várias vezes, nos Estados Unidos, atuando em reuniões em um centro específico de formação de terapeutas de família.

Como meio de estimular os psicólogos ao desenvolvimento das áreas de conhecimento abertas por mim e por outros colegas, foi instituído o “Prêmio Mathilde Neder” que tem estado ativo em várias ocasiões, sendo ganhadores psicólogos da Universidade Paulista (UNIP) em São Paulo, PUC de Goiás e UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo).

Durante minha carreira profissional, tenho sido participativa nos movimentos em defesa da profissão do psicólogo, como em 1958, quando surge o Projeto de Lei apresentado pelo Deputado Salvador Julianelli. Essa norma regulamentava as atividades do psicólogo, devendo este estar subordinado aos médicos, cerceando com isso nossas ações, em especial quando psicoterapeuta. Conseguimos que o projeto fosse arquivado. Ultimamente tivemos novas investidas com o projeto chamado “Ato Médico”, novamente limitando as atividades do psicólogo e das demais profissões não médicas. Continuamos em defesa da nossa profissão, que, aliás, foi legalizada também com o nosso empenho.

Recebi várias homenagens como uma das fundadoras da APAE, pelos quarenta anos de sua existência; no 1º Congresso Paulista de Psicossomática (1998) “pelos 10 anos ininterruptos como supervisora do Programa de Aprimoramento de pessoal no HC da FMUSP” (1998), em “reconhecimento da valiosa contribuição prestada nesses 50 anos de trabalho e dedicação à Psicologia”, “nos 40 anos da Associação Brasileira de Psicossomática Regional de São Paulo” (2005), também “nos 50 anos do Pensamento Psicossomático no Brasil” e “nos 10 anos

do Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar na PUC/SP", além da distinção recebida pela Academia Paulista de Psicologia, para ocupar a Cadeira nº 14, Patrono "Aníbal Silveira". Nesta oportunidade quero homenagear o Dr. Aníbal, assim conhecido, pelas expressivas contribuições à Psicopatologia, em especial quanto ao Método Rorschach.

Produção bibliográfica da autora

- Neder, M. (1959) O psicólogo a serviço da reabilitação. *Revista Paulista de Hospitais,* (3), p. 73-80.
- Neder, M. (1959) Psicologia em reabilitação. I Seminário de Instituto de Reabilitação, *Anais*, São Paulo: FMUSP.
- Neder, M. (1967) Psychological services in the rehabilitation on disabled. Basic Services and equiproent for Rehabilitation Centres. Unites Nations.
- Neder, M. (1973) Diversificação na assistência psicológica em reabilitação. 14º. Congresso Interamericano de Psicologia. São Paulo: *Anais.*
- Neder, M. (1973) Implicações psicológicas em casos de cirurgia de mão. 14º. Congresso Interamericano de Psicologia, São Paulo: *Anais*.
- Neder, M. et al. (1983) Histórico da Unidade de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas do HC-FMUSP, Documento constituinte de relatório à Superintendência, São Paulo.
- Neder, M. et al. (1983) Relatório sobre a Unidade de Psicologia. Apresentado em reuniões dos Diretores Técnicos de Divisão do ICHC, São Paulo.
- Neder, M. et al. (1984) Relatório sobre a Unidade de Psicologia. Apresentado em reuniões dos Diretores Técnicos de Divisão do ICHC, São Paulo.
- Neder, M. (1992) O psicólogo no hospital. *Revista de Psicologia Hospitalar*, ano 1, (1).
- Neder, M. (1995) Atendimento psicológico a pacientes hospitalares, no domicílio. *Revista de Psicologia Hospitalar*, ano 5, (2), p. 2-3.
- Neder, M. (2003) O psicólogo no hospital: o início das atividades psicológicas no HCFMUSP. *Psicologia Hospitalar*: uma aliança com a saúde, ano 27, (3), p. 326-336.

V. Contribuição pessoal para uma perspectiva psicológica da Fenomenologia

Yolanda Cintrão Forghieri[1]
Cadeira nº 1, "Franco da Rocha"
Universidade de São Paulo (USP)

Apresentação

por Zacaria Ali Ramadam[2]
Universidade de São Paulo (USP)

Professora de Psicologia, detentora dos mais elevados títulos nas melhores Universidades do País, Yolanda Cintrão Forghieri acumula longa experiência no magistério, tendo perpassado, com entusiasmo e dedicação, diferentes escolas de pensamento filosófico e psicológico.

Depurada pela experiência e amadurecida em suas reflexões, dedica-se, há muitos anos ao estudo do método fenomenológico e suas aplicações no campo da Psicologia.

A Fenomenologia inaugurada por Husserl não é um sistema filosófico, mas um conjunto de proposições para um método de pensar, apreender e investigar o mundo – é extensa e difícil. Entretanto, graças à sua experiência didática, a professora Yolanda introduz os iniciantes, suavemente, no assunto. Relatando suas próprias dificuldades iniciais, ampara-os em seus primeiros passos com a simplicidade e autenticidade de uma verdadeira mestra.

Como autoridade no assunto, foi convidada – e o fez com sucesso – a ministrar curso na Universidade La Sapienza de Roma (instituição italiana oficial), projetando no exterior as contribuições brasileiras.

Incansável, tem orientado teses e pesquisas, formando inúmeros discípulos e seguidores. Foi distinguida pela Academia Paulista de Psicologia para ocupar a Cadeira nº 1, cujo Patrono é Francisco Franco

---

[1] Professora Titular e Livre-docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Contato: Rua Estado de Israel, 847, ap.31 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 5571-2787.
[2] Psicanalista e Livre-docente da Faculdade de Medicina da USP. Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, São Paulo.

da Rocha e antecessora, a psicanalista Virginia Leone Bicudo (ex-ocupante da Cad. nº 1).

Vida e Obra

Vim ao mundo no dia 19 de maio de 1925, em Taquaritinga, SP., como a caçula do casal Antonio Alves Cintrão e Donária Rodrigues Cintrão, portugueses, tendo como irmãos Maria Luiza e João de Deus. Aos três anos, vim com minha família para São Paulo – SP, onde cresci, estudei e resido até hoje.

Voltando-me para o passado a fim de verificar vivências e anseios que teriam me levado a tornar-me uma professora, consigo chegar até minha infância. Lá me encontro sentada no terceiro degrau da escada de minha casa, a contar, com muito entusiasmo, histórias para meus primos e amiguinhos. Eles me ouviam muito atentos e envolvidos, chegando a dar gostosas gargalhadas nos relatos alegres, e a ficar com os olhos marejados, nos tristes. No início eu lhes contava as histórias que os adultos me contavam, porém, quando aprendi a ler, eu mesma as lia com muito interesse para poder relatá-las. Assim eu adquiri o gosto pela leitura, inicialmente de contos de fadas e histórias fantasiosas e, com o passar do tempo, de textos tidos como verdadeiros para transmiti-los aos meus alunos: tornei-me professora aos dezessete anos de idade.

Eu havia ingressado na Faculdade de Pedagogia do memorável “Sedes” (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”) e a reitora, Madre Santo Ambrósio, sabendo de minhas dificuldades financeiras, indicou-me para ser professora do então ensino primário do Colégio Assunção na cidade de São Paulo.

Estar numa sala de aula diante de trinta crianças alegres e curiosas, e estar ali para lhes contar importantes fatos a respeito do início da história de nosso País foi a mais intensa e agradável emoção de minha vida de estudante! No “Sedes” já era ensinado, no início de 1940, um novo sistema revolucionário de ensino – a Escola Nova – apresentado pelo renomado educador brasileiro/paulista, Lourenço Filho (Patrono nº 2 desta Academia Paulista de Psicologia) e pelo americano John Dewey, que possuía por fundamento que o ensino deve ser articulado à vida dos alunos, aos seus interesses e necessidades. Entusiasmada e confiante nessas ideias, preparei um cartaz com os mapas da Europa, das “Índias” e do Brasil, banhados pelo oceano no qual coloquei as três caravelas de Cabral, traçando o caminho que percorreram até chegar ao nosso país, cheio de árvores, animais e índios. As crianças ficaram tão interessadas e animadas que começaram a falar alto e até a gritar; e eu não conseguia

aquietá-las. Fui severamente criticada pela freira que cuidava da disciplina e só não fui demitida porque garanti que tal desordem não se repetiria.

Compreendi que o novo sistema de ensino precisava ser introduzido aos poucos e que seria importante ocupar as crianças com alguma tarefa. Na aula seguinte, disse às crianças que não podíamos fazer barulho, caso quisessem que eu continuasse com elas. Dei-lhes a tarefa de desenharem no caderno, enquanto eu fazia no quadro negro uma ilha, um lago, um rio, nos quais podiam acrescentar o que já haviam observado em sua vida cotidiana. Pedi que falassem baixinho, para não perturbar as outras classes e nem a freira da disciplina; caso quisessem falar comigo que erguessem a mão, e eu então iria até elas para atendê-las. E aos poucos fomos nos acostumando com o novo sistema e nele progredindo a cada aula, eu ensinando e elas aprendendo com muito prazer. Mas a freira da disciplina foi queixar à Madre Superiora que as crianças só brincavam, muito alegres, nas minhas aulas. Então a reverenda madre apareceu de surpresa para arguir as alunas; e elas saíram-se muito bem! Assim ficou constatado por mim e pelas duas freiras, que é possível ensinar e aprender com satisfação e alegria. Desde então e até o dia de hoje, venho lecionando, procurando articular os ensinamentos às vivências minhas e de meus alunos, com o mesmo prazer que sentia lá no passado, há mais de sessenta anos.

Assim como a vocação para ser professora, o germe de minha vocação para ser terapeuta desabrochou no decorrer da infância, convivendo com minha mãe. Ela era muito carinhosa e dedicada comigo; chegava a ficar sentada na beirada de minha cama, contando-me histórias até eu adormecer. Entretanto, às vezes, entrava em intensas crises de ansiedade, queixando-se apavorada que estava com medo de enlouquecer e de morrer, pois seu coração não resistiria a tanto sofrimento. Eu a amava profundamente e era muito apegada a ela, por isso, embora também me sentisse aflita, procurava acalmá-la, manifestando-lhe meu amor com muito carinho, penteando seus cabelos, levando-a para ver suas plantas das quais costuma cuidar, falando de coisas que pudessem distraí-la, para tentar aliviar o seu sofrimento. E o conseguia, mas apenas por alguns instantes. Isto me levou a imaginar que enquanto eu estivesse perto ela não enlouqueceria e nem morreria. Então, eu procurava estar sempre ao seu lado, não saía de casa nem para brincar com outras crianças. E o fato de conseguir acalmá-la por alguns instantes levava-me a pensar que deveria haver recursos mais eficientes para aliviar seu sofrimento. Eu tinha não apenas vontade de encontrá-los, mas também o empenho no sentido de consegui-lo. E foi assim que quando jovem eu resolvi fazer o curso de Pedagogia por ser

o único, naquela ocasião, que oferecia estudos de Psicologia. A partir dele, fui para o de Especialista em Psicologia Clínica e consegui me tornar psicóloga e terapeuta. Entretanto percorri um longo caminho para chegar a concretizar esse meu ideal. Até os seis anos de idade, eu fui uma criança triste, ansiosa, doentia, com insônia – eu quase não conseguia dormir, precisava ficar atenta para acudir minha mãe, caso ela precisasse.

Entretanto, um dia, observando pela janela as crianças lá fora brincando alegremente fiquei a pensar: eu gostaria de ser como aquelas crianças, porque não o era... como seriam suas mães... como eu gostaria de brincar e ser alegre... por que eu era tão infeliz. Acabei concluindo que meu sofrimento era devido ao fato de eu amar demais à minha mãe, e somente a ela. Eu precisaria aprender a amar a outras mulheres que, diferentes de minha mãe que era magérrima e pálida, fossem gordas e coradas para me darem a segurança de que eram saudáveis e teriam uma longa vida. E foi pensando assim que eu comecei a praticar o que hoje denomino de “exercício de amar as pessoas”. E aos poucos fui conseguindo fazê-lo com sucesso. Ele consistia em escolher uma pessoa e começar a fitá-la calma e carinhosamente até descobrir algo que me agradasse; o fato de ser gorda já era um bom começo. Através desses exercícios, eu comecei a amar várias mulheres que frequentavam minha casa; depois das gordas passei para as magras, pois já eram tantas que algumas poderiam morrer sem me fazer falta! E aos poucos fui conseguindo me sentir livre, calma, feliz. O auge desse período aconteceu com Irmã Joselina, minha primeira professora. Ao me ver triste e indagar-me o motivo, eu lhe disse que minha mãe estava para morrer a qualquer momento, deixando-me na solidão. Ela abraçou-me com carinho e convidou-me para ir morar com ela na escola, quando isso acontecesse. Assegurou-me que sempre estaria lá; nunca saía, nem nos fins de semana e nem nas férias. Ao contemplar suas bochechas gordas e coradas e seu ar angelical, imaginei que ela seria eterna. E ela realmente se eternizou em minha vida, pois além de me alfabetizar e assegurar-me a sua presença, ensinou-me a amar a Deus e a invocá-Lo sempre que me sentisse triste e sozinha. Despertou-me uma espiritualidade que desde então me tem propiciado momentos de paz e tranquilidade.

Nesses fatos encontrei um enorme ensinamento: o da importância do amor no decorrer de nossa existência.

Além de Irmã Joselina, outros mestres exerceram significativa influência em minha formação pessoal e profissional, durante minha permanência no “Sedes”. Foram eles: os psiquiatras e psicoterapeutas Haim Grunspun e José Ângelo Gaiarsa e a Catedrática de Psicologia

Madre Cristina, ex-Célia Sodré Dória. Com o primeiro aprendi a entender melhor meus filhos e outras crianças; com o segundo aprendi a me conhecer melhor, sendo sua cliente. Com Madre Cristina, seus exemplos, seus conselhos aprendi a ser uma professora-aconselhadora, e a praticar o Aconselhamento Terapêutico.

Além desses notáveis mestres do “Sedes”, também foram importantes em minha formação meu professor particular de Inglês, Mister George Hale, e o franciscano Frei Irala, que era missionário na Chima e veio ao “Sedes” para fazer uma conferência. Precisei aprender Inglês para poder ler a enorme bibliografia de Psicologia e as aulas de uma americana, Missis Munch. Nessa época, eu tinha muitas ocupações; levantava-me às 6 horas da manhã para pegar dois ônibus e chegar à casa de um aluno particular, de lá ia para as aulas no “Sedes” onde comia alguma coisa para depois ir a uma creche onde observava um grupo de crianças para fazer um relatório sobre seu desenvolvimento psicológico. Estava sempre ocupada e preocupada e Mister George pedia-me que lhe contasse, em inglês, as coisas mais prazerosas que eu havia observado em meus momentos de lazer. Ora, eu não os tinha, mas ele era tão insistente e alegre que eu me senti obrigada a descobri-los durante a viagem de ônibus ou andando a pé ao observar uma árvore, um pássaro, uma criança brincando... Ele dizia-me e eu acabei verificando que é possível encontrar pequenos intervalos entre as ocupações para descansar. Com Frei Irala, aprendi algo semelhante: ele recomendava fazermos “percepções conscientes”, pois na correria das ocupações nós acabamos nos esquecendo delas. Olhamos para as coisas sem reparar, sem enxergá-las, pois estamos sempre distraídos, preocupados, pensando em outra coisa. Assim acontece com os sons, o sabor dos alimentos, os nossos pés tocando o chão. As “percepções conscientes” interrompem nossas preocupações: elas constituem instantes de descanso, que contribuem para evitar o estresse. Estes dois verdadeiros mestres não eram psicólogos, mas me ensinaram como vivenciar momentos que contribuem, de certo modo, para a saúde existencial. Em seus ensinamentos, encontro, novamente, o amor. Entregar-se agradável e espontaneamente às próprias percepções é estar em sintonia com a natureza, com o próprio existir no mundo; é uma vivência integradora... Este foi meu primeiro aprendizado que permaneceu no decorrer de toda a vida, embora tenha acontecido lá longe, quando, ainda muito jovem, comecei meus estudos no “Sedes” – apenas ultimamente compreendi este seu profundo significado. E conforme fui adentrando nos conhecimentos de psicologia estive sempre querendo encontrar a importância do amor em nossa existência, que eu aprendera quando

criança. Psicanálise, behaviorismo, teorias humanistas e outras mais não me satisfaziam completamente. Cheguei a pensar que a encontrara em Rogers, até elaborei minha tese de doutorado, fundamentando-a em suas ideias. Finalmente acabei encontrando o amor em Martim Buber o fenomenólogo das relações interpessoais e dediquei-me a estudá-lo. Meu interesse pela Fenomenologia já havia surgido pouco tempo antes, por indicação do saudoso e competente mestre, Dante Moreira Leite (Patrono de nossa Academia, da Cad. nº 23), que fez parte da Comissão Examinadora de minha tese. Ele me disse que neste trabalho eu já estava adentrando na Fenomenologia e presenteou-me com dois excelentes livros inéditos nas bibliotecas de São Paulo: o de Binswanger e o de Boss, ambos psiquiatras e psicólogos fenomenólogos. Passei a estudá-los com afinco e muito prazer, deles passando para outros; dessa abordagem (Minkowski e Van den Berg). Deles fui a filósofos nos quais fundamentavam suas ideias, Husserl, Merleau-Ponty e Heidegger.

Além da importância do amor no decorrer de nossa existência, encontrei na Fenomenologia notável importância à vivência imediata pré-reflexiva não apenas para a Psicologia e a Psiquiatria, mas para a ciência de um modo geral. É a partir dela que surge o conhecimento, os conceitos, as teorias. Tais ideias vieram ao encontro do meu modo de estar sempre atenta às vivências, inicialmente minhas e de minha mãe, depois às de meus alunos e das pessoas com as quais comecei a me dedicar como aconselhadora terapêutica.

Penso que os conhecimentos, principalmente os de Psicologia só adquirem seu verdadeiro valor quando articulados às nossas vivências. Em outras palavras, a ciência psicológica deve contribuir para aprendermos a viver melhor, a sofrer menos e até para sermos felizes. O astrônomo Galileu já afirmava na Antiguidade que a ciência só se justifica se contribuir para melhorar a qualidade da vida humana. Na atualidade o notável físico Einstein manifestou-se de modo semelhante. E eles não eram psicólogos!

As vivências imediatas, pré-reflexivas, de certo modo têm um significado universal. Cada um de nós pode ter ideias diferentes, mas na vivência imediata somos todos semelhantes, existindo no mundo ora com alegrias e satisfações, ora com tristezas e contrariedades. É em nosso convívio solidário com amor que nossas alegrias se intensificam e nossas tristezas ficam arrefecidas!

Durante um longo período de quase meio século de vida acadêmica, conforme me fui aprofundando nos estudos, lecionando, pesquisando e atendendo aconselhandos, fui também progredindo em minha carreira. De pedagoga e psicóloga passei a Doutora em Ciências-

Psicologia, Livre-docente e Professora Titular em Aconselhamento Psicológico pelo Instituto de Psicologia da USP e Professora Titular pelo Centro de Educação da PUC/SP. Fui eleita Titular da Academia Paulista de Psicologia, na qual ocupo a Cadeira nº 1, cujo Patrono é Francisco Franco da Rocha, renomado psiquiatra e psicólogo. Seu nome foi dado à cidade e ao hospital no qual atuou com grande competência. Procurando aliviar o sofrimento dos doentes mentais, transferiu-os para uma chácara onde, então, propiciava que eles tivessem alguns momentos de prazer colhendo frutas, pescando, colhendo mel, plantando verduras, etc. Os doentes costumavam retornar dessas atividades suados, cansados e felizes... e seus sintomas ficavam atenuados ou, às vezes, até desapareciam durante vários dias (Forghieri, 2005). Minha antecessora nesta Academia, Virgínia Leoni Bicudo, Educadora Sanitária pela USP e bacharel em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política, foi a primeira profissional na América Latina que, sem o título de médica, tornou-se psicanalista e Analista Didática. Chegou a assumir a direção do Instituto de Psicanálise em 1962, nele permanecendo com sucessivas reeleições durante 13 anos. Em boa parte de sua vida, empenhou-se na luta em favor do bem–estar de seus semelhantes. Também fui eleita para ocupar como Titular a Cadeira nº 20, cujo Patrono é Mario Shenberg, na Academia de Letras, Ciências e Artes da Associação dos Funcionários Públicos de São Paulo e membro honorário da Academia Paulista de Educação.

Na Universidade de São Paulo (USP) e na Pontifícia Universidade Católica (PUC), lecionei Psicologia da Personalidade nos Cursos de Graduação em Psicologia e nos de Pós-graduação em Psicologia da Educação e de Psicologia Clínica da PUC/SP, onde também fui coordenadora; lecionei Aconselhamento Existencial e Investigações Fenomenológicas em Psicologia nesses cursos e também no de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da USP. Em ambas as Universidades, fui orientadora de 10 teses de doutorado e de 37 dissertações de mestrado. E participei de Comissões Julgadoras desses trabalhos e de Bancas de Ingresso e Promoção na Carreira Docente, nas quais ultrapassei 500 participações.

O aprofundamento de estudos da Fenomenologia levou-me a adotá-la na minha prática como docente, pesquisadora e Aconselhadora Terapêutica. Amadurecida por tais atividades, elaborei minha tese de Livre-docência, fundamentando-a na referida abordagem (Fenomenologia do existir de uma professora universitária, USP, 1992).

Minha atuação como pesquisadora fenomenológica levou-me a realizar oito investigações nas quais procurei verificar as peculiaridades

de vivências intensas de bem-estar e de contrariedade e suas relações com a saúde existencial. Os resultados das duas primeiras pesquisas levaram-me a concluir que o bem-estar intenso facilita e a contrariedade intensa a dificulta. Porém as pesquisas seguintes e a comparação entre todas elas levaram-me a concluir que as vivências de contrariedade intensa, quando são enfrentadas e superadas, levam a um bem-estar mais intenso e a níveis de saúde existencial mais profundos e duradouros.

Tenho promovido o desenvolvimento e divulgado a abordagem fenomenológica da Psicologia em cursos regulares ministrados na USP e na PUC/SP, em cursos intensivos de várias Universidades de nosso país e em Congressos Nacionais e Internacionais, em cujos Anais constam os resumos de pesquisas que realizei. Cheguei a ministrar, como professora convidada, curso de Psicologia Fenomenológica na Universidade "La Sapienza" de Roma – Itália. Encontro-me entre os pioneiros dessa abordagem em nosso país, assim como da Psicologia em geral.

Além das referidas publicações em Congressos, publiquei vários artigos sobre o assunto em periódicos científicos, principalmente no Boletim desta Academia. Elaborei três livros: "Fenomenologia e Psicologia" (1984), que se encontra esgotado, no qual organizei o livro, fiz a apresentação e escrevi um capítulo sobre Fenomenologia, Existência e Psicoterapia; ele reúne as conferências de um evento que organizei e coordenei na PUC, no qual participaram professores de várias Universidades de nosso país. O segundo livro, "Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa" resultou de minha tese de Livre-docência, tem sido adotado por várias Universidades Nacionais, motivo pelo qual encontra-se na 5ª Reimpressão (2010). No terceiro livro, "Aconselhamento Terapêutico: origens, fundamentos e prática" (2007) trato desse tema tanto sob o ponto de vista teórico como do ponto de vista concreto, com a ilustração de meus atendimentos terapêuticos.

Além do relato de todos esses fatos, quase todos relacionados à vida profissional, existem outros também importantes mais relacionados à minha vida cotidiana pessoal; da juventude até o dia de hoje, que se iniciaram com minha entrada no "Sedes". O convívio com as madres, especialmente Madre Cristina, a lembrança de Irmã Joselina, a tranquilidade e espiritualidade do ambiente levaram-me a pensar em entrar para a congregação dessas religiosas. Imaginei durante algum tempo que nela poder-me-ia entregar totalmente à missão de educadora e terapeuta. Porém algo aconteceu que veio abalar profundamente esse meu ideal: conheci Cyro numa festa de comemoração da então Escola

de Comércio Álvares Penteado. Logo me afeiçoei a ele e juntos projetamos nos casar quando tivéssemos condições de fazê-lo. Mas éramos muito jovens ainda, eu com 16 e ele com 17 anos. Precisaríamos primeiro nos formar na faculdade e começar a trabalhar, coisas que acabaram demorando seis longos anos. Eu já havia começado a lecionar no “Sedes” e estava encantada com essa atividade. Porém, Cyro colocou-me num enorme conflito: exigiu que eu me desligasse dessa atividade. Fiquei tão abalada que até adoeci: comecei a sentir fortes tonturas, um cansaço e uma tristeza intensos. Precisei consultar um médico que diagnosticou minha doença como resultante do meu grande conflito: aconselhou-me a tomar logo uma decisão para ficar curada. Então, ainda meio atordoada, decidi me casar e deixar o “Sedes”, imaginando que algum dia eu talvez pudesse voltar a lecionar. Casamo-nos e logo vieram os filhos: Ricardo, prematuro, exigiu de mim muitos cuidados; pouco tempo depois veio a Celinha que nasceu normal, mas antes de completar um ano teve paralisia infantil. Pouco tempo depois veio o Claudio. Eu estava tão atribulada com a inexperiência para cuidar dos afazeres domésticos, conjugais e maternais que não conseguia pensar em mim mesma – apenas sentia um enorme cansaço e uma grande tristeza. Então arranjei uma empregada, Maria, uma senhora portuguesa que me aliviou bastante das tarefas. Mas eu continuava muito cansada e triste. Então comecei a me sentir inferiorizada em minha feminilidade, pois casara com o homem que amava, tinha dois filhos e uma filha, e ainda me sentia infeliz.

Eu não era uma mulher normal. Foi quando um acaso veio me salvar de tanto sofrimento: fiz um telefonema para alguém, enganei-me no número e ele caiu no “Sedes”. Quem o atendeu foi a reitora naquela ocasião, Madre Maria da Paz. Reconhecendo sua voz, desculpei-me pelo engano, mas ela quis saber quem eu era. Quando lhe respondi Yolanda Cintrão, que era o meu nome de solteira, que ela conhecia, tive uma surpresa imensamente agradável: ela disse-me que havia surgido uma vaga na Psicologia e ela estava me procurando para me contratar e perguntou-me se eu aceitaria. “Aceito! Aceito!”, Respondi tão alto e com tanta alegria que meus filhos me escutaram; correram para mim e eu os abracei, todos juntos com muito amor e carinho, como antes eu ainda não havia sentido. De repente me senti inteira, era como se uma parte importante viesse novamente me integrar.

Com esses fatos, aprendi uma grande lição: precisamos reconhecer coisas muito importantes em nossa vida para não renunciar a elas, pois caso contrário podemo-nos tornar tristes e infelizes. Cyro, inicialmente, não queria concordar com minha decisão de voltar para o “Sedes”. Penso

que ele se sentiu magoado ao perceber que não era apenas ele a minha paixão; o “Sedes” ou a minha profissão também o era.

E foi assim que eu voltei a lecionar no “Sedes”, utilizando a metodologia que assumira quando bem jovem, ao ministrar minha primeira aula: relacionar os temas apresentados com as vivências minhas e das alunas. Esta pedagogia propiciou o aparecimento de conflitos e dificuldades de algumas alunas. Passei, então, a atendê-las individualmente em Aconselhamento Terapêutico, sem ônus para elas, durante horas de minha permanência na Faculdade. Assim o fiz desde aquela ocasião e durante todo o período de mais de sessenta anos de magistério.

Entretanto, assumir duas importantes e trabalhosas tarefas a de profissional e de esposa e mãe exigiu-me um grande esforço. Principalmente porque eu garantira ao Cyro que meu trabalho no “Sedes” não iria interferir em nossa vida familiar. Sempre respeitei os fins de semana e as férias, dedicando-os a ele e aos nossos filhos. Então durante muitos anos eu me levantava às cinco horas da manhã para estudar e preparar minhas aulas. E às sete horas eu já estava pronta para o café com a família reunida. Várias vezes algum dos filhos acordava mais cedo e vinha para a sala de jantar a fim de estudar perto de mim. Penso que o meu gosto pela leitura e o estudo os estimulou nesse sentido, pois sempre deram conta com êxito de suas obrigações escolares, sem que eu precisasse lhes chamar a atenção. Davam-me total apoio em minhas atividades profissionais e ajudavam-se mutuamente quando eu não podia estar presente.

E quando eu estava beirando os 40 anos de idade e eles já estavam crescidos, surgiu mais uma filha: Marisa que veio trazer à família uma renovação de nosso amor, nossa solidariedade, nossa felicidade. E nesse ambiente, os filhos desenvolveram-se normalmente, Cyro e eu amadurecemos como esposos e como pais. Passamos juntos 60 anos, a maior parte de nossa existência; comemoramos nossas Bodas de Prata e de Ouro, nas quais confirmamos nossos votos de amor e compreensão recíprocos. Os filhos tornaram-se adultos independentes: Ricardo como engenheiro, Célia como bióloga – professora universitária, Cláudio como administrador público, Marisa como psicóloga e gestora de universidade. E nossa família ampliou-se com a vinda de Terezinha, esposa do Cláudio, de Marly, esposa do Ricardo e seu filho, meu neto Rafael e Carlos, marido de Marisa

Ao rever tantos acontecimentos importantes, sinto-me contente por ter conseguido conciliar meus dois grandes ideais, familiar e profissional. Ambos completaram-se e enriqueceram-se mutuamente, contribuindo para que hoje eu me sinta realizada e feliz.

Porém, nem tudo decorreu com alegria e tranquilidade, pois vivenciei também vários momentos de lutas, conflitos e adversidades, como, por exemplo, quando meu pai, um homem bom e caridoso, foi assassinado por um ladrão. De menos intensidade, mas também sofridos, foram alguns conflitos e sentimentos de culpa, quando, por exemplo, precisei deixar um filho em casa com febre por não poder faltar a um importante compromisso profissional, ou vice-versa quando deixei de comparecer a uma Banca Examinadora por necessitar atender a um filho gravemente doente.

Um grande abalo e profundo sofrimento envolveram-me quando Cyro veio a falecer. Novamente voltei a sentir que havia perdido uma importante parte de mim mesma. Mas com o correr do tempo, com o amor e o carinho dos filhos, dos parentes, dos amigos e dos colegas fui aos poucos me recuperando. Acabei reconhecendo que um de meus grandes ideais ainda está vivo e muito presente. Voltei a assumir várias de minhas atividades profissionais: a docência, o aconselhamento terapêutico, a participação em Bancas, a pesquisa, a atuação na Academia Paulista de Psicologia. E já estou começando a projetar um novo livro, provavelmente este será sobre a Metodologia Fenomenológica na investigação de vivências.

Tenho participado bastante de atividades desta Academia Paulista de Psicologia, divulgando-a em congressos, escrevendo artigos para o seu Boletim e atuando como membro da Diretoria.

Voltei para o magistério, dando aulas sobre Fenomenologia, no curso de especialização “Formação em Psicoterapia Fenomenológico-existencial”, promovido pelo Centro de Psicoterapia Existencial.

E voltei a praticar exercícios de “percepção consciente”, que aprendi quando jovem com Frei Irala para evitar o estresse e “exercícios de amar as pessoas” que aprendi na infância para combater a ansiedade devida ao medo de ter que enfrentar a solidão. Estes eu pratico com pessoas de minha convivência e especialmente com meus aconselhandos. Procuro amar a cada um deles e quando ele percebe que o amo, passa a me amar também e a se sentir acompanhado, valorizado, fortalecido e em condições de começar a enfrentar suas dificuldades. Mas não fica dependente de mim porque me relaciono com ele com solidariedade, como uma companheira; além disso, não tenho necessidade de reter seu amor, pois eu o satisfaço com outras pessoas. Por isso seu amor “bate” em mim e retorna para ele, seus amigos, sua família, seu trabalho, sua própria vida. Além de amar o aconselhando, procuro descobrir e ativar suas capacidades, seus aspectos saudáveis, que se encontram encobertos pelas cinzas de seus sofrimentos. O amor

tem o dom de remover essas cinzas; minha experiência de mais de meio século tem confirmado.

Procuro não lidar com a psicopatologia do aconselhando e sim ajudá-lo a deixar desabrochar a sua saúde existencial que nele existe, apesar de seu adoecimento. Todos nós, seres humanos, temos aspectos saudáveis, assim como temos também, aspectos psicopatológicos, quer sejamos clientes ou terapeutas!

Ao novo psicólogo, recomendo que não se afogue nas várias e às vezes divergentes teorias psicológicas; além de conhecê-las racionalmente, procure sentir qual ou quais delas encontram eco em seu coração. Pois como já dizia o sábio filósofo Pascal, lá longe na Antiguidade: “o coração tem razões que a própria razão desconhece”.

Em meu coração tem ecoado, profundamente, as reflexões que tenho feito sobre vivências pessoais e formulações teóricas no decorrer de mais de oitenta anos, até chegar às minhas próprias ideias, que aqui apresento de modo sucinto. Elas não constituem uma Fenomenologia rigorosa e, sim, a minha perspectiva atual, decorrente de vivências profissionais e cotidianas, e das ideias de filósofos, psiquiatras e psicólogos pertencentes a essa ampla e fascinante corrente de pensamento!

Produção bibliográfica da autora

Livros e capítulos de livros

- Forghieri, Y. C. (1984) (org.) *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Forghieri, Y.C. (2007) *Aconselhamento Terapêutico, origens, fundamentos e prática.* São Paulo: Editora Thomson Learning.
- Forghieri, Y.C. (2007) Aconselhamento Terapêutico e Espiritualidade. In I. Arcuri e M. Ancona-Lopez. São Paulo: Editora Vetor-Psicopedagógica, p. 317-327.
- Forghieri, Y. C. (2010) *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisas.* São Paulo: Editora Cengage Learning (5ª reimpressão).

Artigos publicados em revistas científicas (de 1983 a 2010)

- Forghieri, Y.C. (1983) Influência dos grupos de encontro na auto-aceitação de universitários. Cadernos PUC-Psicologia: (2), p. 34-46.
- Forghieri, Y.C. (1989) Contribuições da Fenomenologia para o estudo de vivências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia*, v. II (1), p. 7-20.

- Forghieri, Y.C. (1991) O Método Fenomenológico na Pesquisa Psicológica. *Anais do III Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP*, p. 243-248 (artigo completo).
- Forghieri, Y.C. (1992) Levantamento e Classificação de Pesquisas Fenomenológicas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia*, v. IV (2), p. 7-19.
- Forghieri, Y.C. (1993) O ideal de Bem-Estar e Saúde Existencial: contribuição da contrariedade e da angústia para a sua conquista. *Actas do 8th World Congresso f Sport Psychology*, p. 545-550, Lisboa (artigo completo).
- Forghieri, Y.C. (1994) Paradoxo do existir humano: o bem-estar e a contrariedade. *Ontopsicologia*, (8), p. 12-24.
- Forghieri, Y.C. (1996) A Pesquisa Fenomenológica na Psicologia. *Cadernos de Pesquisa*. Clínica Psicológica Sedes Sapientiae, (5), p. 30-48.
- Forghieri, Y.C. (1996) Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. *Temas em Psicologia*. (1), p. 97-110.
- Forghieri, Y.C. (2004) Notas sobre o II Congresso de Espiritualidade e Prática Clínica. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, a. XXIV, (02/04), p. 25-27.
- Forghieri, Y.C. (2004) Saúde Existencial: vivência a ser periodicamente reconquistada. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXIV, (01/02).
- Forghieri, Y.C. (2005) Memória dos Patronos: Francisco Franco da Rocha. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXV, (01/04), p. 22-33.
- Forghieri, Y.C. (2005) Discurso de posse da Acadêmica Yolanda Cintrão Forghieri. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXV, (03/05), p. 8-12.
- Forghieri, Y.C. (2007) Perspectiva fenomenológica da Psicologia. Acta e CD do Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica e I Congresso Luso Brasileiro de Fenomenologia. Lisboa (Portugal).

Resumos de Pesquisas e Trabalhos publicados em Anais de Eventos Científicos (1984-2000)

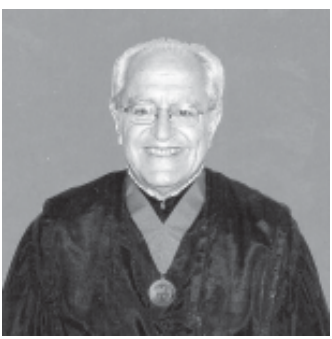
- Forghieri, Y.C. (1984) Estudo de experiências vividas de realização pessoal. Anais da 36ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo: Editora da SBPC.
- Forghieri, Y.C. (1985) Frustração pessoal e temporalidade. Anais da 37ª Reunião Anual da SBPC. Belo Horizonte: Editora SBPC.

- Forghieri, Y.C. (1986) A vivência do tempo em situações significativamente frustradoras. Anais da 38ª Reunião Anual da SBPC. Curitiba: Editora SBPC.
- Forghieri, Y.C. (1986) A análise fenomenológica. Anais do Congresso Inter-americano de Pesquisa Qualitativa em Enfermagem. São Paulo: EDUSP.
- Forghieri, Y.C. (1988) O enfoque Fenomenológico em Psicologia. Anais da XVIII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.
- Forghieri, Y.C. (1988) Significação, espacialidade e temporalidade em vivências de contrariedade intensa. Anais da 40ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo: SBPC.
- Forghieri, Y.C. (1989) Realização e frustração pessoal intensas: suas influências na vivência do espaço e do tempo. Anais da 41ª Reunião Anual da SBPC. Fortaleza: Editora SBPC.
- Forghieri, Y.C. (1990) Esboço de um enfoque Fenomenológico da personalidade. Anais da 42ª Reunião da SBPC. Porto Alegre: Editora SBPC.
- Forghieri, Y.C. (1992) Proposta para a formação do Aconselhador Psicológico. Anais do Congresso Paulista sobre a formação de Educadores. Águas de São Pedro: Editora ANPEPP.
- Forghieri, Y.C. (1992) Ber-Estar humano e atuo-realização. Anais da 44ª Reunião Anual da SBPC. São Paulo: Editora da SBPC.
- Forghieri, Y.C. (1992) A investigação fenomenológica da vivência. Anais do IV Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP. Brasília: Editora ANPEPP.
- Forghieri, Y.C. (1994) A paradoxal contribuição da angústia para o alcance do bem-estar. Anais da 46ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Vitória: Editora: SBPC.
- Forghieri, Y.C. (1995) Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. Anais da XXV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBPC). Ribeirão Preto: Editora da SBPC.
- Forghieri, Y.C. (2000) Procedimentos Terapêuticos Fenomenológicos. Anais do II Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir. São Bernardo do Campo: Editora da Universidade Metodista de São Paulo.
- Forghieri, Y.C. (2000) A Pesquisa Fenomenológica na Psicologia. Anais do II Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir. São Bernardo do Campo: Editora da Universidade Metodista de São Paulo.

VI. Explorando o comportamento animal

César Ades[1]
Cadeira nº 19, Patrono Marcondes Machado
Universidade de São Paulo

Introdução



Não costumo prestar muita atenção ao trajeto percorrido ao longo dos anos, deixo-me absorver pelos projetos do momento que são muitos e que representam o desafio e a esperança. O depoimento que me pede a Academia Paulista de Psicologia é uma oportunidade para rever momentos de minha carreira e para apreender, *a posteriori*, linhas de coerência. Tive, por motivos de tempo e de espaço, de fazer uma escolha e resolvi apresentar apenas, neste relato, parte da história, a que tem a ver com uma longa curiosidade em relação ao comportamento animal, que me levou a muitos encontros, muitas pesquisas e um bocado de surpresas.

Tive de ser aqui bastante seletivo. Deixei para mais tarde partilhar outros setores de minha atuação acadêmica, meu envolvimento em sociedades científicas (em particular na criação da Sociedade Brasileira de Etologia), a participação em intercâmbios e congressos, a experiência de dirigir o Instituto de Psicologia e, agora, o Instituto de Estudos Avançados da USP, o esforço e a gratificação de ensinar, a pesquisa sobre o comportamento humano, as reflexões sobre história e teoria em Psicologia e outras coisas ainda. Sou leitor de Fernando Pessoa, acredito que cada pessoa junte em si faces diversas, apresento aqui uma delas. Principalmente, não fiz referência a todas as pessoas: familiares, alunos e orientandos, professores, colaboradores, colegas e amigos, parceiros essenciais desta aventura que muito me enriqueceram. Dedico o presente texto, com amor, às minhas filhas, Lia Ades Gabbay, psicóloga clínica e estudiosa dos problemas de alimentação e Tatiana Ades, uma escritora vivamente interessada por Psicologia.

---

[1] Diretor dos Estudos Avançados da USP e Prof. Titular do Depto. de Psicologia Experimental do IPUSP. Contato: Rua Pamplona, 825/34 – Jd. Paulista – CEP 01405-001 – São Paulo, SP. – Brasil. *E-mail:* cades@usp.br ou cesarades@gmail.com

Vida e Obra

Uma primeiríssima etologia

Nasci no Cairo, Egito, tenho lembranças ensolaradas de minha infância e dos primeiros estudos, feitos no *Lycée Français du Caire*. Eu devia ter 13 anos quando um amigo, que sabia de meus gostos, deu-me de presente um livro do naturalista francês Jean-Henri Fabre, *La vie des araignées*. De férias em Alexandria, numa casa com um grande quintal, descobri num arbusto uma bela aranha de teia que eu passei a observar, lançando insetos e outros itens não comestíveis, cutucando-a de diversas maneiras, para ver como reagiria. Parecia-me incrível que um animal deste tamanho conseguisse fazer, com tanta perfeição, tudo o que fazia.

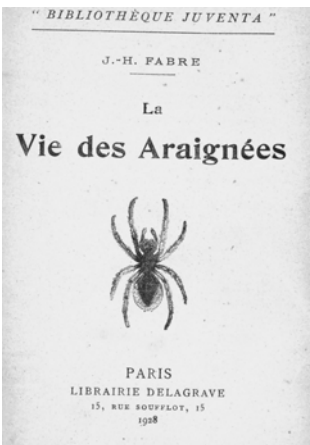


Figura nº 1: La vie des araignées, de Jean-Henri Fabre, uma leitura etológica essencial.

Aos quinze anos, com a minha família, vim a São Paulo onde eu fiz as duas últimas séries do grau médio na seção francesa do Liceu Pasteur, quando ainda localizada na Rua Mairinque, em São Paulo. A *classe de philosophie*, último ano do curso, em 1960, foi particularmente estimulante. Mme Josette Balsa nos encantava com aulas densas, povoadas com as ideias de Sartre, Bergson, Merleau-Ponty e outros e nos fez tomar contato, numa idade em que éramos naturalmente levados a indagações amplas, com as quatro divisões tradicionais da Filosofia: metafísica, moral, lógica e psicologia. Foi a psicologia que mais me atraiu, fiz um trabalho e uma apresentação sobre psicanálise (não prevendo minha guinada experimentalista de mais tarde). Guardo ainda as dissertações filosóficas com as muitas anotações de margem, na letra pequena e bonita de Mme Balsa. Na mesma época, entre colegas,

tivemos a ideia de criar uma sociedade científica, a que demos o nome de Sociedade Spinoza. Coube-me dar (já tinha lido o livro de Paul Guillaume sobre psicologia animal) uma palestra sobre Darwin e a teoria da evolução. Foi o meu primeiro debate darwinista, havia na audiência quem se incomodasse com a ideia da continuidade psicológica entre nós e os animais e os debates que se seguiram à apresentação foram, no mínimo, calorosos.

Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP)

Quando veio o momento do vestibular, fiquei, previsivelmente, dividido entre biologia e psicologia. A ideia de cursar filosofia passou-me pela cabeça, mas a dispensei, por achar a filosofia abstrata demais, eu queria mexer com o concreto das coisas e fazer descobertas. No fim, optei pela Psicologia. O curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pioneiro no Brasil, estava na sua terceira turma. Quem estudasse psicologia, naquela época, era, no mínimo considerado excêntrico. A turma era pequena... entre outros, de lembrança querida, Feiga Grunspun, Fúlvia de Barros Mott (Rosemberg), Carmen Sílvia de Arruda Andaló, Regina Schenkman Chnaiderman, Maria Helena de Souza Patto, Léa Katte Brickmann, Tatiana Blanc, Felícia Werner Rothschild (Mesei), Marilena Medina Coeli, Moysés Campos de Aguiar Netto, Erika Elizabeth Strack, Valdir Lisboa Rocha, Amir de Campos, Léa de Sousa Gomes. Em outras turmas, mais novas ou mais antigas, Maria Amélia Mattos, Dora Selma Fix (Ventura), João Claúdio Todorov, Vera Koenigsberger, Peter Barth, Marília Ancona Lopes, Melany Schvartz Copit, Jandira Goldman (Masur), Lídia Rosenberg, Claudio Jorge Willer, Lúcia Maria Salvia (Coelho), Álvaro Duran, Fernando José Leite Ribeiro, Katsumaza Hoshino, Ana Maria Almeida (Carvalho), e tantos que não tem aqui espaço para colocar...

Tínhamos, em termos de laboratórios, manuais, oportunidades de pesquisa, muito menos do que dispõem (às vezes sem se dar conta de sua sorte) os estudantes que hoje fazem Psicologia na USP, mas era impressionante a qualidade e a abrangência das ideias que recebíamos e que nos nutriam. Havia um espírito de desbravamento e de descoberta, tudo parecia muito novo e merecedor de discussão, a Psicologia estava aí, múltipla, para ser abordada, em seus contatos com as ciências biológicas e as humanidades, entre o qualitativo e a possibilidade do rigor. Eu me sentia exatamente onde queria estar, num campo estimulante de convergências e conflitos.

Figura nº 2: O palacete Jorge Street, na Alameda Glete (a "Glette") onde a Cadeira de Psicologia Social e Experimental da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tinha laboratórios e uma sala de aula, no porão ocupado inicialmente pelo geneticista Theodosius Dobzhansky.

Foi muita a riqueza que recebemos na sala de aula, menciono aqui apenas, dentro do contexto do meu texto, a Psicologia Experimental, com Annita de Castilho e Marcondes Cabral (ex-ocupante da Cad. nº 17), Walter Hugo de Andrade Cunha, Arno Engelmann; a Análise Experimental do Comportamento, os primeiros treinos de ratos brancos na caixa de Skinner, Gil Sherman, Rodolfo Azzi, e Fred Keller (Prof. Convidado USA) com o qual cheguei a discutir projetos de pesquisa sobre um efeito paradoxal de motivação animal; a Biologia com Osvaldo Frotta-Pessoa, a Fisiologia pela mão de Paulo Sawaya e de seus assistentes, a estatística com José Severo, e principalmente o curso de Psicologia Comparativa e Animal que Walter Hugo ministrava na pequena sala de aula, no espaço de que dispúnhamos no Palacete da Alameda Glette. Líamos o Tinbergen de *The study of instinct* e outros clássicos, eu me empolguei com a variedade de formas e processos evidenciados no comportamento animal; a questão do instinto e da plasticidade me pareceu (como ainda me parece) a mais central de todas. Além disso, formou-se, via Tolman, uma ligação nunca rompida com a abordagem cognitiva.

Já quando eu estava no terceiro ano do curso, formamos, Walter, Arno e eu, um grupo de estudos que se reunia à noite na Glette (era assim designado, afetuosamente, o espaço que a Cadeira de Psicologia Social e Experimental tinha, no porão do Palacete Jorge Street, na Alameda Glette). Discutíamos ideias cognitivas e cibernéticas a partir do livro de Miller, Galanter e Pribram, *Plans and the structure of behavior*.

E, no final do curso, criamos outro grupo (Alcides Gadotti, Katsumaza Hoshino, Fernando Leite Ribeiro e eu), que também se reunia na Glette, para testar a ideia de que animais eram capazes de aprender a estrutura espacial de um labirinto só por explorá-lo, sem reforço explícito, a partir de uma aprendizagem “latente”. Era uma pesquisa tolmaniana, no prenúncio da era cognitivista. Planejamos o esquema experimental, construímos um labirinto em que, de forma inédita, o ponto de chegada coincidia com o de partida, obtivemos os camundongos que serviriam de sujeitos. Motivos diversos nos impediram, contudo, na última hora, de realizar o experimento: deixou de ser comprovada a existência de uma motivação puramente cognitiva! (A questão foi examinada, muito mais tarde, por Gilberto Fernando Xavier, do Instituto de Biociências da USP).

Uma motivação pelo que é novo

Contratado em 1965 (quando ainda estava no quarto ano do curso), na Cadeira de Psicologia Experimental e Social da qual a chefe era Da. Annita de Castilho e Marcondes Cabral, iniciei a minha primeira linha de pesquisa, com a análise do comportamento exploratório. Tinha-me estimulado muito a leitura do livro *Conflict, Arousal and Curiosity* de Daniel Berlyne, um psicólogo sempre admirado e que cheguei a conhecer, quando na última fase de sua carreira, dedicava-se à estética experimental.

Figura nº 3: No laboratório da Glette, explorando o comportamento exploratório, duas curiosidades em confronto (Foto N. Dalva).

Meu laboratório foi instalado no espaço, já quase desocupado, da Glette, onde montei um biotério improvisado e construí os meus

equipamentos experimentais. Encantava-me ver o rato branco, uma criatura supostamente limitada à influência de impulsos básicos - fome, sede, sexo, dor - andar para todos os lados, vibrissas em movimento, em contato com o que fosse novo, adquirindo experiência no processo. Ao desejo de explorar, juntava-se a cautela de aventurar-se. Seguindo Berlyne, também me interessei por estudar a curiosidade humana, revelada na direção do olhar, no tempo gasto vendo, tocando ou ouvindo. Meu primeiro artigo científico versou sobre o comportamento exploratório e foi publicado em 1965 na *Revista Brasileira de Psicologia*. Creio que tenha sido o primeiro estudo brasileiro sobre o tema. Em trabalho de 1968, em *Ciência e Cultura*, sobre uma resposta típica de exploração do rato branco, a de erguer-se nas patas traseiras, esquadrinhando o ambiente com o focinho, mostrei o quanto a exploração segue os princípios da habituação, uma forma básica de plasticidade comportamental.

Toda discrepância é, em princípio, capaz de eliciar exploração. Quando ainda não havia indicações de que cheiros pudessem ser objeto de curiosidade, Lino de Macedo (Cad. nº 22), amigo de sempre, colega da USP e da Academia Paulista de Psicologia, fez sua pesquisa de mestrado, colocando ratos para correrem numa pista em que odores surgiam, imprevisivelmente: os animais estacavam, atrasando sua ida à recompensa para investigar. A resposta, como previmos, diminuía com o contato e a habituação e ressurgia se houvesse novidade.

José Lino Oliveira Bueno tomou, além das respostas exploratórias, as que compõem a matriz espontânea de comportamento do rato branco. Poucos experimentalistas da época, limitados às mudanças de taxa em respostas escolhidas como representativas, davam-se ao trabalho de examinar a “atividade geral”. O estudo de José Lino indicou como se estrutura o repertório espontâneo de ratos, numa situação de *expectativa* em que uma recompensa aparece a intervalos previsíveis e noutra de *frustração*, em que a recompensa esperada deixa de aparecer. A proposta era mostrar o quanto a descrição minuciosa do comportamento, como é feita pelos etólogos, permite uma maior compreensão do que acontece em situações experimentais. José Lino e eu cunhamos, nesta época, o termo *psicoetologia* para designar a área de convergência que nos parecia tão frutífera. Uma vantagem colateral da pesquisa foi descobrirmos, no meio do caminho, um artigo essencial de John F. Staddon a respeito desta proposta, e outra vantagem, o fato de Staddon acabar tornando-se colaborador e amigo.

Meu mestrado defendido em 1969, sob a orientação de Dora Fix Ventura, não foi realizado com ratos exploradores, mas versava sobre a

capacidade humana de reter estímulos percebidos muito brevemente e barrados pela atenção, durante uma tarefa de busca visual.

Hamsters que armazenam e a abordagem ecológica à motivação

Sempre atrás de motivações (aparentemente) atípicas, interessei-me pelo *hamster* sírio, *Mesocricetus auratus*, e pela sua enorme aptidão em armazenar alimento e material para a construção do ninho. Em tocas de hamsters, animais que pesam em torno de 100 gramas, foram encontrados kilos de alimento estocado. O sistema de armazenamento, do mesmo modo como o de exploração, foge do esquema hulliano da redução de impulso: nele pode ser desvendada a influência estruturante dos fatores que provêm do modo de vida natural do animal e de sua ecologia. Defendi, em vários artigos, esta visão ecológica da motivação contra abordagens mais tradicionais em termos de privação-saciação e homeostase.

A pesquisa com *hamsters* teve um começo informal. Brincava de oferecer tirinhas de papel ao hamster de casa, e me espantava ao ver sua disposição em apanhar e acumular o papel. Teria este um papel reforçador? Com Lino de Macedo, verifiquei que, como no caso de água ou alimento, os *hamsters* são capazes de pressionar uma barra, horas a fio, para ganhar material de ninho, um recurso essencial para a sua sobrevivência em condições naturais. Não publicamos o trabalho por ter surgido, por uma coincidência que não é tão rara em ciência, um artigo na literatura com resultados análogos.

Figura nº 4: *Hamster* carregando uma tira de papel para o ninho numa situação experimental em que se testou a teoria ecológica do forrageamento ótimo (*Foto C. Ades*).

Em várias pesquisas feitas em meu laboratório, buscou-se entender a motivação subjacente ao comportamento de armazenar a partir de uma análise em termos de custo/benefício, que é um pouco como uma aplicação de ideias econômicas ao comportamento animal. Em condições naturais, o uso de estratégias que reduzem custos e/ou aumentam o

benefício tem valor adaptativo e proporciona maior aptidão darwiniana. Modelos de laboratório podem reproduzir, virtualmente, a distribuição espacial, a dificuldade de acesso, a raridade ou abundância de recursos essenciais para a sobrevivência. Tiras de papel são sucedâneos das folhas e da grama que os *hamsters* coletam para criar microambientes apropriados em seus ninhos.

Foi um modelo destes, baseado na teoria do forrageamento ótimo, que Rogério Ferreira Guerra aplicou ao armazenamento de material de ninho. Além de manipular o tamanho das tiras, variou a distância entre ninho e fonte de papel, e confirmou a hipótese de que diminuiriam as viagens e aumentaria a quantidade carregada a cada viagem. Verificou, além disso, mudanças na maneira de carregar as tiras: as bolsas bucais especiais dos *hamsters* serviam, como sacolas, para as distâncias maiores, o transporte na boca, para as distâncias menores. Os resultados, paralelos aos seus obtidos em condições de "economia aberta" interessaram bastante ao meu colega Georges Collier, da Universidade de Rutgers.

A otimização do desempenho também foi posta em evidência por Eduardo Benedito Ottoni, numa situação inversa: os *hamsters* tinham que escolher a posição mais conveniente para o seu ninho em relação à disposição espacial da fonte de alimento e tiras. A opção econômica, a de menor distância, prevaleceu, mas ela interagia com outros critérios de qualidade do ninho.

A terceira pesquisa que apresento partiu de um aspecto paradoxal, aparentemente antieconômico e não funcional do comportamento dos *hamsters*. Eles têm a peculiaridade de não apresentarem compensação por períodos de privação alimentar; não têm, a longo prazo, um consumo maior que lhes permita, como outros roedores, manter constante o seu peso corporal. Esta característica paradoxal e perigosa talvez decorra do fato de armazenarem alimento: a disponibilidade de estoques de alimento poderia diminuir a urgência dos mecanismos de reação à privação. Para entender em que medida interagem os sistemas motivacionais de comer e de armazenar, Emma Otta (Cad. nº 34), em sua tese de doutorado, utilizou um procedimento experimental simples e engenhoso para avaliar ao mesmo tempo, em *hamsters*, quantas sementes de girassol são ingeridas e quantas são armazenadas.

Não houve, e era esperado que não houvesse, efeito de períodos de privação sobre a quantidade de alimento ingerida em longo prazo, mas a expectativa de que a privação aumentaria então o armazenamento não foi confirmada, ou o foi de maneira fraca, deixando em aberto uma questão instigante.

Aranhas e sua cognição instintiva

Um dia, Walter Cunha me trouxe, numa caixa de papelão, uma aranha que ele identificava, inicialmente, como *Nephila* (na verdade, era como Sylvia Lucas, do Instituto Butantã me informou, *Argiope argentata*). Fascinou-me a teia de fios geometricamente dispostos e a precisão de seu comportamento de caça. As leituras de Fabre, a etologia precoce praticada com uma aranha de teia num jardim em Alexandria eram bases antigas para a motivação que eu senti de imediato. Também estava em jogo a questão do instinto!

Figura nº 5: Um retrato com *Argiope argentata*. O fotógrafo fez com que a aranha, viva e sobre a sua teia, ficasse frente ao meu rosto (Folha de São Paulo).

As aranhas eram consideradas, na época, criaturas de puro automatismo, o exemplo preferido dos capítulos de manuais para a fixidez e a estereotipia. Fiquei assim muito instigado quando verifiquei, em desempenhos corriqueiros e instintivos das aranhas, o uso da memória. O caso era basicamente este: uma primeira mosca caía na teia e era levada ao centro para ser ingerida. Se uma segunda mosca então aparecesse, ela era enrolada em seda e deixada no local de captura. Como explicar a diferença na captura? Uma hipótese que pus à prova em uma série de experimentos, colocando minha intuição em dúvida, era que a aranha armazenava a segunda presa *por lembrar-se da primeira conservada no centro*. Os controles experimentais e muitos resultados convenceram-me que de fato estava em jogo memória neste e em muitos outros comportamentos de *A. argentata.* Pesquisas levadas adiante com Fausto Assumpção Fernandes mostram que *A. argentata* possui um mapeamento espacial de sua teia e que cria uma representação do local

onde deixou armazenadas as presas. Aranhas cuspideiras *Scytodes globula*, que Eduardo Ramires, Márcia Regina Marcon e eu estudamos, diminuem os toques exploratórios que dão às suas presas, quando capturam sucessivamente várias de mesma espécie. É tentador pensar que aprendem a reconhecer a presa e que se tornam mais rápidas e competentes com a experiência.

Foi *a posteriori* que descobri que o zoólogo alemão Hans Peters já havia descrito, em 1935, processos de memória noutra aranha de teia geométrica *Araneus diadematus*, e que os nossos procedimentos eram muito semelhantes aos que ele tinha usado. Tive a satisfação de me corresponder com ele quando, aposentado mas ainda muito ativo, estudava, na universidade de Tübingen, as propriedades dos fios de seda das aranhas e quando solicitou que lhe enviasse espécimes de *A. argentata*, também para analisar-lhes a seda. Indo a Tübingen participar de um congresso, pensei que teria a satisfação de ter um encontro pessoal com Peters, mas ele infelizmente tinha falecido.

De observação em observação, na salinha do Bloco 10, na Cidade Universitária, que me servia de laboratório, ao longo dos muitos capítulos redigidos (todos eles lidos e anotados cuidadosamente por Walter, com a sua letra pequena, os comentários às vezes mais extensos do que o texto) completei minha tese de doutorado, em dois volumes e mais de quinhentas páginas repletas de análises da teia e da caça da aranha. Walter teve que insistir para que interrompesse a coleta de dados e passasse à redação da tese; por mim, eu continuaria investigando. Da banca participou, além de Sylvia Lucas que substituía Wolfgang Bücherl, do Instituto Butantã, Paulo Vanzolini, então diretor do Museu de Zoologia da USP, irmão de minha colega de departamento Maria Alice Vanzolini Leme e compositor paulistano. Elogiou o caráter inovador e abrangente de meu trabalho; sua avaliação me incentivou.

Minha reflexão em torno dos processos que gerenciam o comportamento animal, reforçada pelos resultados obtidos com aranhas “mnêmicas” e com outros bichos, levou-me a enfatizar a necessidade de transcender a tranquila dicotomia com a qual situamos em setores separados pré-programação e flexibilidade, *nature* e *nurture*, instinto e experiência, etc. Falta-nos uma abordagem que faça justiça à complexidade dos organismos, ao mesmo tempo preparados a agir (uma preparação que pode ter levado milhões de anos para se instalar) e capazes de modificar a sua ação em função do ambiente, uma coisa se refletindo na outra, uma coisa atuando a partir da outra. Não é simples somação, mas uma organização de processos que se elabora durante o desenvolvimento individual. Não sendo o ambiente totalmente previsível, entende-se que o processo evolucionário tenha embutido no

comportamento dos organismos dispositivos especiais para a aquisição da experiência, para a manutenção mais ou menos duradoura de representações, para a extrapolação cognitiva a partir de dados sensoriais. A biologia de hoje se aventura por concepções renovadas do fenótipo e do desenvolvimento individual como elementos atuantes no processo evolutivo. Distancio-me das dicotomias de Lorenz, mas me inspiro na sua ideia de que processos que propiciam a plasticidade comportamental podem ter sido selecionados como prontidão. Será possível, renovando a epistemologia tradicional, dar conta, inclusive, do comportamento humano e de sua inevitável natureza cultural.

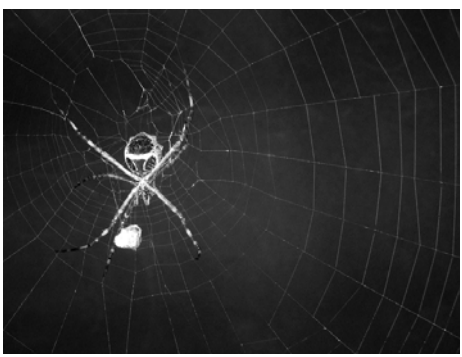


Figura nº 6: Argiope argentata diante da presa enrolada em seda e pendurada no centro da teia. A pesquisa mostra que ela forma uma representação de memória que a guia no reencontro da presa (foto C. Ades).

Encontrei flexibilidade na construção da teia geométrica. Na natureza, nos arbustos em que encontra suportes, a aranha geralmente mantém as proporções da teia: ligeiramente elíptica, a parte inferior maior do que a superior. No laboratório, verifiquei que era possível obter teias absolutamente fora do padrão, estreitas e longas ou largas e curtas, mais retangulares ou mais simétricas, em função das dimensões do quadro de madeira em que as aranhas tinham sido forçadas a construir. Medindo muitos parâmetros das teias de *Nephilengys cruentata*, ao longo do desenvolvimento, Japyassú e eu encontramos mudanças de grande complexidade na passagem da teia circular, típica dos imaturos, à teia semiorbicular das aranhas adultas, essas mudanças remetem à existência de flexibilidade no programa de construção.

Quando colocadas num quadro horizontal (na natureza, as teias se mantêm próximas à vertical), as argiopes não conseguem a princípio produzir mais do que uma rede de fios casuais. Depois, à medida em que vão reconstruindo, elaboram versões cada vez mais regulares até chegar a teias funcionais, quase perfeitas em sua geometria. É muito

provável que a melhora seja devida a uma aprendizagem motora, propiciada por um ensaio-e-erro locomotor e de fixação de fios, ao longo dos dias. O trabalho, feito com Selene Nogueira, foi apresentado durante o Congresso Etológico Internacional em Torremolinos, na Espanha, e creio que tenha sido um dos primeiros a demonstrar que a teia, exemplo tradicional de fixidez comportamental, é plástica e sujeita à aprendizagem.

São muitos agora os estudos, com várias espécies de aranhas, em vários sistemas de comportamento, que comprovam a tese da plasticidade. Robert Jackson da Universidade de Canterbury, na Nova Zelândia, tem sido um dos autores que mais contribuíram para desvendar a cognição embutida em sistemas neuronais muito simples como os da aranha saltícida, *Portia fimbriata* que aprende por ensaio-e-erro, faz *detours*, mimetiza outras, guarda informações e integra trajetos até sua presa.

Fui ao campo observar o comportamento das aranhas. Não tanto a inspiração de Lorenz, mas a de Tinbergen, Zysman Neiman, Hilton Japyassú e eu, saímos, na Cidade Universitária, em busca das enormes aranhas de teia *Nephylengis cruentata*, aranhas que preferem ambientes humanos, às árvores onde poderiam prender a sua teia. Mapeamos os microlocais escolhidos pelas aranhas, em beirais, em janelas, debaixo de telhados e investigamos como se processa a ocupação pelas aranhas, em seus diversos estágios de desenvolvimento, de espaços novos. A ocupação não era sempre pacífica, as aranhas que se instalavam muitas vezes invadiam as teias de outras e as desalojavam. A contenda muitas vezes era resolvida com cautela, as aranhas avaliavam-se mutuamente, de longe, antes de uma delas escapulir. Esta dinâmica remete aos temas básicos e essenciais da ecologia comportamental, que têm a ver com a funcionalidade do comportamento e à sua adaptação a ambientes físicos e sociais determinados.

O projeto atual é ambicioso. Com Hilton Japyassú, agora na Universidade Federal da Bahia, e com a mestranda Vanessa Penna Gonçalves, estamos tentando rastrear, usando registros tomados com uma série de espécies e técnicas cladísticas, o surgimento evolutivo de processo de memórias em aranhas. O pressuposto é que os processos cognitivos, como outras características do organismo e como também os padrões fixos de ação da etologia clássica, são elementos selecionados na filogênese, a partir das demandas do ambiente. Só há memória se houver vantagem em tê-la. Seria uma descoberta e tanto localizar a bifurcação taxonômica, em tempos muito antigos, em que pode ter havido esta inauguração cognitiva.

De cobaias e preás: domesticação e ecologia

As cobaias (*Cavia porcellus*), domesticadas há aproximadamente 4.500 anos, nos Andes (possivelmente pela sua carne, existem até hoje fazendas de cobaias no Peru), são parentes próximas do preá, *Cavia aperea*, uma espécie selvagem (alguns autores sugerem que ambas façam parte da mesma espécie) que pode ser encontrada, no meio da grama, em muitas regiões do Brasil e que é representativa dos ancestrais da cobaia. Esta relação de ancestralidade entre um animal domesticado e um animal selvagem silvestre constitui um modelo tão raro quanto relevante: permite-nos entender como nos foi possível atuar sobre as espécies que inserimos em nosso ambiente cultural, modificando a sua genética e tornando-as especialmente adaptadas à interação conosco. Darwin, que abordou quase todos os assuntos relevantes na área biológica, dedicou especial atenção à domesticação, provavelmente uma das fontes inspiradoras de sua teoria da seleção natural.

O estudo das diferenças entre o cão e o lobo, espécie ancestral, permite avaliar as mudanças que facilitam a comunicação entre cão e ser humano. Uma delas é esta: cães (não lobos) persistem em olhar a face humana, estabelecendo assim um canal de recepção de sinais. Do mesmo jeito, as cobaias adquiriram, ao longo da domesticação, sinais inexistentes em preás. Nossas observações mostram que cobaias usam um chamado – o assobio ao tratador – em circunstâncias comunicativas, quando alguém se aproxima de seu recinto, trazendo alimento. O assobio, que funciona como um pedido ou uma maneira de se destacar, é inexistente em preás, mesmo quando criados como se fossem cobaias, em cativeiro.

Figura nº 7: O filhote da cobaia, reconhecendo a mãe, entra em contato, focinho a focinho (foto C. Ades).

As cobaias são especialmente gregárias. Por trás de um comportamento que pode parecer simples, o de se amontoarem umas em cima das outras, existe um sofisticado sistema social do qual analisamos vários aspectos. Um dos nossos focos foi o relacionamento

entre os filhotes e sua mãe. Especialmente a mãe porque, como mostrou Beatriz Beisiegel, o pai intervém muito pouco no cuidado direto aos filhotes, embora tenha, por influência indireta, um papel importante no desenvolvimento do comportamento social.

Filhotes separados do grupo emitem um chamado de aflição, um assobio repetitivo cuja função é trazer a mãe ou algum outro membro do grupo para perto. Verificamos, com Suemi Tokumaru, que a tranquilização do filhote e a interrupção dos chamados de aflição dependem do animal que chegar perto. Adultos são bons tranquilizadores, filhotes coetâneos não. Mas a qualidade da tranquilização parece melhor quando é a mãe que interrompe o isolamento do filhote. Daí a previsão: deve haver reconhecimento individual da mãe pelo seu filhote. Colocamos (Suemi Tokumaru e Clarissa Nicioporciukas) filhotes numa situação em que poderiam aproximar-se de uma dentre duas fêmeas lactantes, sem, contudo, que pudessem se valer dos cuidados imediatos das fêmeas, deles separadas por uma tela. Os filhotes se aproximaram preferencialmente da própria mãe, embora não manifestassem escolha quando à distância. O estímulo materno que possibilita o reconhecimento certamente não é o colorido da pelagem, provavelmente atue de perto e seja olfativo.

Poderia então a mãe reconhecer o filhote? Como sabíamos de dados da literatura indicando a aproximação preferencial de fêmeas, por olfação, à própria ninhada, resolvemos (Suemi Tokumaru, Patrícia F. Monticelli) verificar se a mãe discriminaria o assobio de aflição de seu filhote. Faz sentido que uma fêmea tenha capacidade de discriminar os sinais produzidos pela prole. Faz sentido, mas não foi o que encontramos: não houve discriminação, pelas mães, do assobio de seus filhotes e nem capacidade para elas aprenderem, por contato e recompensa social, a qualidade deste assobio.

Normalmente, mães mamíferas amamentam os próprios filhotes. Em búfalos e cobaias (além de algumas outras espécies), há aloamamentação. No grupo socialmente denso de cobaias, podem coexistir fêmeas recém-paridas e se vê, então, um filhote entrar por baixo de uma fêmea que não é sua mãe para mamar. No começo, pensamos que fosse uma espécie de adaptação altruísta à vida grupal, depois, verificamos (com Adriana Toyada Takamatsu) que consiste num comportamento aproveitador por parte dos filhotes que se valem de não poder a lactante fiscalizar o acesso às próprias tetas. É possível que haja aloamamentação em preás silvestres, mas certamente terá taxa menor do que nas cobaias. O jogo de interesses é uma parte essencial do comportamento social.

Mais recentemente, temo-nos dirigido à comparação entre cobaias e preás, visando descrever as mudanças geradas pela domesticação.

Patrícia Ferreira Monticelli colocou cobaias e preás em ambientes de cativeiro semelhantes e programou contatos sociais propícios para a vocalização. O repertório básico de comunicação vocal era o mesmo em ambas as espécies, sem acréscimo ou eliminação de chamados por conta da domesticação. Mas havia diferenças significativas na intensidade e frequência dos chamados e diferenças sonográficas de detalhe. Cobaias machos usam muito mais o *purrr*, que é o chamado de corte que executam enquanto dançam para a fêmea; preás, em compensação, são muitas prontas a emitir o *drr*, um chamado defensivo, que tem mais significado no ambiente natural do que nos recintos de cativeiro em que as gerações de cobaias foram criadas.

Nina Furnari comparou a corte de preás e de cobaias. O comportamento reprodutivo das cobaias é bem conhecido, os machos são muito insistentes e têm muita prontidão para cortejar. Podem até ter uma certa preferência por fêmeas novas, uma preferência que lembra o bem estudado efeito de Coolidge (Daniel Cohn, Suemi Tokumaru). Como no caso da vocalização, eram semelhantes as categorias básicas de corte em cobaias e preás, mas havia, do mesmo jeito, diferenças de frequência e de estilo. Poderiam estas diferenças representar uma barreira reprodutiva entre as espécies? Esta é uma pergunta de enorme relevância em termos evolutivos, tem a ver com o momento em que, por resistência ao cruzamento, populações começam a divergir e vão para a especiação. Nina colocou machos de preás com fêmeas de cobaias e machos de cobaias com fêmeas de preás. O resultado foi surpreendente: as fêmeas cobaias aceitavam a corte dos machos preás e chegavam a ter filhotes híbridos; as fêmeas preás, em contrapartida, reagiram violentamente à corte dos machos da outra espécie, impedindo qualquer veleidade reprodutiva. Esta assimetria não é desconhecida, foi descrita com outras espécies de animais e recebe complexas interpretações que não é o caso discutir aqui.

Cabe notar que, numa perspectiva etológica, o dado comportamental, além de seu interesse causal, possui relevância ecológica e evolucionária: remete ao contexto maior do ambiente natural, onde tem função de sobrevivência. A cada aspecto “mental” correspondem as pressões e equilíbrios ambientais aos quais este aspecto atende e que ele também condiciona; a vida psicológica é uma aposta antiga que se renova diante de uma natureza mutável sem perder de todo suas estratégias de origem. Esta perspectiva ecológica aproxima-se mais do modo de pensar biológico do que do nosso enquanto psicólogos mas ela não se cria por ruptura mas pela proposta de um contexto conceitual amplo a ser interligado às nossas preocupações científicas corriqueiras a respeito do comportamento individual.

Figura nº 8: Na Ilha de Moleques do Sul (SC), Nina Furnari com um preá da espécie nova *Cavia intermedia* (foto de Luciano Candisani).

O interesse na inserção ecológica fez com que escolhêssemos realizar a pesquisa de doutorado de Nina Furnari na ilha maior (porém pequena) do arquipélago Moleques do Sul, no litoral catarinense, a alguma distância de Florianópolis. Lá vive uma espécie nova e muito especial de preá, *Cavia intermedia*, talvez a menor espécie conhecida de mamíferos, com uma população muito restrita, um total em torno de uns cem indivíduos todos muito aparentados e com DNA quase idêntico. Como os animais são pouco ariscos, é possível marcá-los para reconhecimento individual, permanecer a pouca distância e observar a sua interação social sabendo quais são os atores envolvidos.

Na visita que fiz à ilha, fiquei impressionado com o acesso que se tem ao comportamento dos animais em suas condições naturais de vida, era como estar diante de um grupo de primatas já habituado à presença humana, conhecendo todos os indivíduos e sabendo de sua história comportamental. É cedo para apresentar resultados, mas eles certamente levarão a conhecimentos relevantes a respeito da organização social dos animais, de seus subgrupos, de suas hierarquias, de suas estratégias de exploração dos recursos e de sua comunicação e esclarecerão questões teóricas a respeito de especiação e adaptação a ambientes restritos.

Primatas destros e barulhentos

Foi Francisco Dyonísio Cardoso Mendes (Dida) quem atraiu minha atenção para a comunicação vocal de primatas e para a bioacústica em geral. Seu trabalho de mestrado, com apoio de Karen Strier, tinha versado

sobre as relações afiliativas (a “amizade”) do muriqui-do-norte, *Brachyteles hypoxanthus* de Caratinga, Minas Gerais. Perguntou-me, numa ligação telefônica direta de Santo Antonio, perto da estação biológica, se eu toparia que centrasse sua pesquisa de doutorado no rico repertório de vocalizações dos animais. Concordei imediatamente. Assim se iniciou um interesse, no laboratório, por bioacústica que tem levado às análises, já mencionadas, com roedores e ao trabalho notável de Dilmar Gonçalves de OIiveira com as vocalizações dos bugios, *Alouatta guariba* e *A. belzebul*.

Figura nº 9: Patrícia Monticelli gravando as vocalizações de um preá *C. intermedia*, Ilhas de Três Moleques (*foto de C. Ades*).

Os chamados de longa distância dos muriquis (relinchos e estacados) usados pelos animais para organizar a sua progressão pela mata densa nos deixaram, Dida e eu, intrigados pela complexidade interna e pela variabilidade de emissão, características poucas vezes encontradas em espécies de primatas. A análise sonográfica revelou a existência de 14 sílabas. A composição e a estrutura sequencial dos chamados variavam de um animal a outro e de um chamado ao outro, no mesmo animal: em 658 chamados registrados, encontramos 543 sequências diferentes de sílabas.

Esta riqueza formal corresponde a um mecanismo combinatório: como ocorre na fala humana, os muriquis combinam sílabas gerando um sem número de “sentenças” que obedecem a regras restritivas de ordenação. Estamos atualmente, com o linguista Didier Demolin, analisando os registros sonográficos dos chamados e obtendo indicações de que neles existem regras análogas às sintaxes humanas livres de contexto e sensíveis ao contexto, dentro do modelo hierárquico chomskyano. Temos também descrito, pela primeira vez em vocalizações de primatas não humanos a existência de características prosódicas. São questões de alta relevância, a área de investigação da evolução

Figura nº 10: “Ele quase fala”. Foi assim como o jornalista Carlos Fioravanti, da revista Pesquisa Fapesp denominou uma matéria sobre nossas pesquisas sobre a comunicação vocal no muriqui (*Foto M. Boyayan*).

da linguagem depende essencialmente de subsídios comparativos. Num artigo já clássico, Hauser, Chomsky e Fitch colocam a capacidade recursiva como o marco da fala humana. Processos combinatórios, como os que encontramos no muriqui, podem ser precursores, dentro de um quadro evolutivo darwiniano.

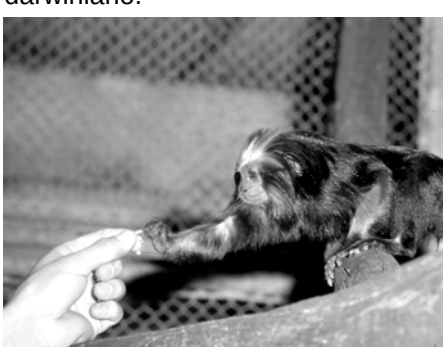


Figura nº 11: O mico-leão de cara dourada usa a mão direita para apanhar a larva de tenébrio oferecida por Vânia Haddad Diego em pesquisa de doutorado efetuada no Zoológico de São Paulo. Obtivemos indicações de uma preferência consistente, em parte da amostra de micos-leões de cara dourada e de micos- leões pretos, pelo uso da mão direita (foto C. Ades).

Sofia: teclas, sentenças e olhares na comunicação com o ser humano

Um dia veio procurar-me Alexandre Rossi, formado em Zootecnia e já conhecido adestrador de cães e autor do livro *O adestramento*

inteligente, objetivando orientação para o mestrado. Cães não eram então considerados um objeto relevante de estudo etológico, o interesse de quem quisesse remontar às raízes filogenéticas da habilidade simbólica humana ia aos chimpanzés e bonobos, com guinadas em direção a golfinhos e papagaios cinzentos. Nas minhas aulas e nos meus textos, referia-me desde sempre aos chimpanzés "linguísticos", Sara, por David Premack; Washoe e outros por Trixie e Allen Gardner; Dana, por Rumbaugh; o bonobo Kanzi por Sue Savage-Rumbaugh. Foi natural que nos ocorresse a ideia de replicar, com um cão, procedimentos que tinham indicado a presença de processamentos simbólicos em primatas. Assim começou a pesquisa com Sofia, uma cachorrinha que treinamos desde pequena e que foi uma presença especial no meu laboratório de psicoetologia e muito divulgada pela mídia (recentemente, no Globo Repórter).

Sofia aprendeu o uso de sinais arbitrários, num teclado, para indicar seus desejos (passear, brincar, carinho, comer, e outros) não como tarefa de laboratório, mas como rotina espontânea, no dia a dia. Usar os lexigramas (os símbolos do teclado) não era equivalente à pressão da barra por um rato na gaiola de Skinner, constituía um comportamento dirigido a um ser humano, uma espécie de "mand" skinneriano. Sofia, depois de teclar, olha para a pessoa envolvida, como quem espera ter um pedido realizado. Rumbaugh, que serviu de juiz para o artigo que escrevemos a respeito da pesquisa, mostrou-se entusiasmado: afinal, tínhamos aplicado ao cão a técnica que ele inaugurara com o chimpanzé Lana.

Figura nº 12: Sofia usando o teclado, em comunicação com Carine Savalli Redígolo (*foto de M. Boyayan*).

Daniela Ramos e eu nos perguntamos se Sofia poderia ser treinada a responder a comandos duplos, compostos por uma palavra referente a uma *ação* e outra referente ao *objeto* desta ação. Cães são sempre adestrados para obedecer a comandos simples ("senta", "dá a pata", etc.). Comandos duplos correspondem a frases humanas com verbo e objeto e põem em jogo um processamento cognitivo bem mais complexo em que entra algo como uma combinatória sintática. Indo quase todos os dias ao Departamento de Psicologia Experimental na Cidade Universitária, Sofia aprendeu a executar ações (apontar, buscar) e a reconhecer objetos (bola, palito, chave, etc.). Depois mostrou ser capaz de combinar a dupla informação, atendendo a pedidos em que objetos e ações eram combinados: "bola busca", "palito aponta", etc. Não demonstramos, não era o objetivo, uma compreensão sintática plena no cão, mas estabelecemos a existência de processos cognitivos que a prenunciam, uma possível "proto-sintaxe".

Disse mais acima que os cães olham para os olhos das pessoas. Em que medida tiram deste olhar uma informação a respeito do que percebem as pessoas? Não se trata de imaginar que os cães têm uma teoria da mente, mas pensar que podem usar a atenção explícita dos seres humanos como indicação a ser levada em conta em seu próprio desempenho. Carine Savalli Redígolo abordou a questão, aproveitando, mais uma vez Sofia, nosso animal linguístico. As situações experimentais eram simples; numa delas, Sofia tinha de escolher entre dois teclados para pedir comida, um visível pela experimentadora, o outro escondido atrás de um anteparo opaco. Os resultados, replicados com outra cachorrinha, Laila, mostraram uma clara preferência pelo teclado visível e indicam a discriminação, pelo cão, das regiões privilegiadas do ambiente onde pode incidir a atenção humana.

Pesquisas em fase de planejamento e realização pretendem levar adiante esta exploração da comunicação entre cães e seres humanos: Carine, na pesquisa de doutorado para a qual contamos com a parceria de Florence Gaunet do *Muséum d'Histoire Naturelle* de Paris, visa demonstrar em cães a presença de intencionalidade e referencialidade; no seu mestrado, Maria Brandão abordará um tema pouco investigado com animais, o da memória envolvida em processos de comunicação.

Conhecer para promover o bem-estar

Cristiane Schilbach Pizutto veio um dia, há quase dez anos, falar-me de Virgulino o muito conhecido gorila da Fundação Parque Zoológico de São Paulo ao qual estava aplicando treinamento operante e procedimentos de interação social, no contexto de uma abordagem nova

de promoção do bem-estar de animais cativos: o enriquecimento ambiental. Assim foi o início de um engajamento que se prolonga até hoje e que deu origem ao grupinho ativo, com Cristiane, Marcelo Alcindo Vaz Guimarães, Angélica da Silva Vasconcellos, Manuela Gonçalves Geronymo Sgai, que organizou, em 2008, o primeiro congresso brasileiro de enriquecimento ambiental e está envolvido na programação do segundo.

Angélica Vasconcellos dedicou-se ao estudo, no mestrado e no doutorado, do lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus*, um dos mais belos canídeos de nossa fauna, usando duas abordagens, a do comportamento e a dos correlatos hormonais (análise dos metabólitos de glucocorticóides). No sentido de aliviar um possível estresse e o tédio e a previsibilidade das condições de cativeiro em zoológicos, usou como desafios oportunidades para a brincadeira e para a busca trabalhosa do alimento e comparou desempenho e hormônios antes e depois da manipulação. Os resultados indicam que os animais preferem as condições em que são mobilizadas as suas competências de exploração e forrageamento, mas também mostram o quanto os efeitos do enriquecimento dependem das peculiaridades de cada animal, eu diria de suas experiências e de sua personalidade. Aqui, o enriquecimento ambiental reencontra a Psicologia Clínica.

Figura nº 13: Lobo-guará (pesquisa sobre enriquecimento ambiental de Angélica da Silva Vasconcellos, foto de A.S. Vasconcellos).

Uma proposta psicoetológica

Gosto da foto a seguir em que apareço, em plena palestra, num dos congressos da Associação Brasileira de Psicologia. No fundo, está Darwin, a respeito do qual tenho lido, falado e escrito bastante, em 2009,

ano da comemoração dos cento e cinquenta anos de seu nascimento e do centenário de *A origem das espécies*. Tenho tentado mostrar o quanto a Psicologia está presente no pensamento de Darwin, desde o início de sua carreira, desde a época dos cadernos em que lançava notas intuitivas a respeito da diversidade e da transformabilidade das espécies vivas. Não havia, em seu pensamento, uma ruptura entre o domínio da vida e o domínio da mente.

Ressalto, darwinianamente, a importância de uma epistemologia que situe os assuntos psicológicos num contexto mais amplo, que é o da biologia e do pensamento evolucionário. Não há receita para esta integração, ela surge quando especialistas de áreas diversas percebem que sua compreensão será mais abrangente e criativa se for de convergência. Destes esforços parciais é que depende uma construção mais ampla e uma reanálise dos esquemas teóricos, uma epistemologia colocada em dia. Esta é minha mensagem. Espero que o meu texto/aventura a tenha tornado interessante e plausível.

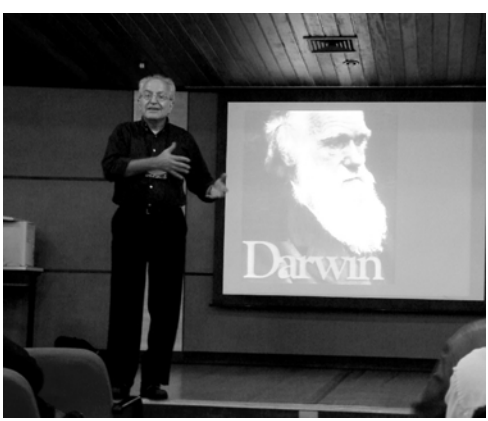


Figura nº 14: Durante uma palestra em Curitiba, no Congresso da Associação Brasileira de Psicologia; ao fundo, Darwin, inspiração evolucionária e psicobiológica.

Produção bibliográfica do autor (2007-2010)

Memória e comportamento de aranhas

- Ades, C. (2008). De seda e quelíceras: introdução ao estudo do comportamento das aranhas. Em Del-Claro, K., Prezoto, F. & Sabino, J. (Eds.). *As distintas faces do comportamento*. Segunda edição revista e ampliada. Campo Grande: Uniderp.
- Ades, C.; Ramires, E. & Marcon, M.R. (2010). *Asymmetry and experience in the predatory probing behavior of spitting spiders* Scytodes

globula Nicolet, 1849 (Araneae, Scytodidae). *Revista Brasileira de Zoociências*, 12 (1).

- Ades, C., & Japyassú, H.F. (no prelo). De seda e quelíceras: como se comportam as aranhas. Capítulo da versão espanhola de Del-Claro, K., Prezoto, F. & Sabino, J. (Eds.). *As distintas faces do comportamento.* Valencia (Espanha): Tundra Ediciones.
- Fernandes, F.A. (2007). Memória predatória da aranha *Argiope argentata*: localização e tamanho da presa. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, área de concentração Psicologia Experimental. http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-11052009-144032/
- Penna-Gonçalves, V., Ades, C., Japyassú, H.F., & Viera, C. (em preparação). *Preliminary observations about web and behavior* in *Badumna longinqua* (Araneae: Desidae).
- Russini, J.B., & Ades, C. (submetido). *No up/down running speed differences in the capture and retrieval of prey by the spider* Argiope argentata.

Comunicação e comportamento social em roedores

- Furnari, N., & Ades, C. (em preparação). Corte intra e interespecífica em cobaias (*Cavia porcellus*) e preás (*Cavia aperea*).
- Monticelli, P.F., & Ades, C. (submetido). *Bioacoustics of domestication: Alarm and courtship calls of wild and domestic cavies.*
- Takamatsu, A. (2007). Aloamamentação em cobaias. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-23112007-140405/

Comunicação no cão doméstico

- Ramos, D., & Ades, C. (em preparação). *Proto-sentence processing in a dog* (Canis familiaris).
- Redígolo, C.S. (2009). O papel da atenção humana na comunicação cão-ser humano por meio de um teclado. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP. Área de concentração Psicologia Experimental. http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-16122009-161632/
- Redígolo, C.S., & Ades, C. (em preparação). *The relevance of human attentional state in dog-human communication through a keyboard.*
- Rossi, A.P., & Ades, C. (2008). *A dog at the keyboard: using arbitrary signs to communicate requests*. *Animal Cognition*, 11, 329-338.

Enriquecimento ambiental

- Pizzutto C. S., Nichi, M., Corrêa, S. H. R., Ades, C. & Guimarães, M. A. B. V. (2007). *Reduction of abnormal behavior in a gorilla through social interaction with human beings*. *Laboratory Primate Newsletter*, 46: 6-10.
- Prado, A.M., Vasconcellos, A.S.& Ades, C. (2007) *Behavioral enrichment reduces stereotypic pacing in maned wolves* (Chrysocyon brachyurus). In 8th International Conference on Environmental Enrichment, 2007, Viena. Proceedings of the Eighth International Conference on Environmental Enrichment. San Diego, CA: *The Shape of Enrichment*, p. 311-312.
- Vasconcellos, A.S. (2009) *O estímulo ao forrageamento como fator de enriquecimento ambiental para lobos guarás: efeitos comportamentais e hormonais*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia, área de concentração: Psicologia Experimental. http://www.teses.usp.br/ teses/disponiveis/47/47132/tde-30112009-095524/
- Vasconcellos, A.S., Guimarães, M.A.B.V., Oliveira, C.A., Pizzutto, C.S. & Ades, C. (2009). *Environmental enrichment for maned wolves* (Chrysocyon brachyurus): *group and individual effects. Animal Welfare*, 18: 289-300.
- Vasconcellos, A.S., & Ades, C. (em preparação). Enriquecimento ambiental em zoológicos: uma revisão necessária.

Comunicação vocal no muriqui

- Demolin, D., Ades, C., & Mendes, F.D.C. (2007). Some observations on the acoustics and articulatory capacities of northern muriquis (Brachyteles hypoxanthus). *Primate Tidings*, 16, 7-17.
- Demolin, D., Ades, C., & Mendes, F.D.C. (2010). Prosodic features in northern muriquis vocalizations. *Anais do 8th International conference on the Evolution of Language* (Evolang 8), 14-17 April 2010, Utrecht Institute of Linguistics OTS (UiL OTS) of Utrecht University, the Netherlands.
- Demolin, D., Ades, C., & Mendes, F.D.C. (em preparação). Context sensitive grammars in the vocalizations of a primate, the Northern Muriqui

História e teoria do estudo do comportamento

- Ades, C. (2007). Psicologia USP, 1992-2002: uma aventura participativa. *Psicologia USP*, 18.

- Ades, C. (2007). Desde Darwin: um olhar evolucionista para a Psicologia. In N.M.D. Rocha & A.V.B. Bastos (Orgs.) *Psicologia: novas direções no diálogo com outros campos do saber*, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ades, C. (2008). Pedro de Alcântara, Haim Grünspun e a defesa da criança. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 28: 178-186.
- Ades, C. (2009). Um olhar evolucionista para a psicologia. In E. Otta & M.E. Yamamoto (Org.). *Fundamentos de Psicologia: Psicologia Evolucionista*, São Paulo: Guanabara Koogan.
- Ades, C. (2009). A expressão da modularidade. *Scientiae Studia*, 7, 283-308.
- Ades, C. (2009). Um adulto atípico na cultura das crianças. In F. Müller; A.M.A. Carvalho (Org.) *Diálogos com William Corsaro: teoria e prática na pesquisa com crianças.* São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- Ades, C. (2009). Darwin, instinto e mente. *Pesquisa FAPESP*, 157: 44-45.
- Ades, C. (2009). Num futuro não tão distante: Darwin e a ciência do comportamento. In M.I. Landim & C. Moreira(Org.) *Charles Darwin: num futuro não tão distante*. São Paulo, Instituto Sangari.
- Sabadini, A.A.Z.P., Verissimo, T.G., Cadidé, I., & Ades, C. (2009). Preservação da memória institucional no Instituto de Psicologia da USP. XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, São Paulo. http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3552.pdf
- Osorio, V.K.L., Vilela, C.R., Carvalho, N.G., Sabadini, A.A.Z.P. & Ades, C. (2010). O palacete Jorge Street – um marco da infância da USP que não foi tombado. In A.M Alfonso-Goldfarb, M.H.M. Ferraz, M.H.R. Beltran & A.P. Santos. *Simão Mathias - cem anos: Química e História da Química no início do século XXI*, São Paulo: CESIMA, SBQ.
- Del-Claro, K., Ades, C., Prezoto, F., & Pereira, W. (2009). Etologia. In R. M Rocha & W. A. P. Boeger (Orgs) *Estado da Arte e Perspectivas para a Zoologia no Brasil. Resultados dos Simpósios do XXVII Congresso Brasileiro de Zoologia. Curitiba*. Editora UFPR.
- Ades, C. (2010) Do bicho que vive de ar, em diante: uma pequena história da etologia brasileira. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 30 (78), p. 91-104.
- Ades, C. (no prelo). Conhecer os animais. In M. Massimi & A. Hoffman (Org.) *Ciência: da maravilha à descoberta.* Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP.

Outras publicações

- Ades, C., & Hegenberg, E. (2010). Emoções e a percepção do corpo: um exercício jamesiano para a sala de aula. *Psicologia: Ensino e Formação*, 1: 9-20.
- Ades, C. (no prelo). Por uma ética animal centrada no animal. In V.B. Magalhães & V. Rall (Org.). *Direitos dos animais: faces da intolerância*.
- Zysman, N., & Ades, C. (submetido). *Contact with nature: the effect of Environmental Education field trips on environment knowledge, attitudes and values.*

Divulgação

- Ades, C. (2007). Olhar o olhar do outro: será que primatas compreendem estados psicológicos? *ComCiência*, n. 97, http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=31&id=361
- Ades, C. (2008). O IEA e o pulo do sapo. *Jornal da USP*. 23, n. 838, suplemento "A ciência pensa o futuro do Brasil", http://www.usp.br/jorusp/arquivo/ 2008/jusp838/pag03b.htm
- Ades, C. (2008). Um naturalista curioso. In A. Ivanissevich & A.A.P. Videira (Org.) *Memória Hoje – Volume 1. Ciências Biológicas e Ambientais: Fatos que mudaram nossa forma de ver a natureza*. Rio de Janeiro, Instituto Ciência Hoje.
- Ades, C., & Leal, T. (2009). Dia das mães no reino animal. *Ciência Hoje das Crianças*, http://cienciahoje.uol.com.br/144676
- Ades, C. (2009). O sono dos bichos e Hora de dormir. In C. Passos & Z. Silva. *Eu gosto de Língua Portuguesa, 3º ano fundamental*. São Paulo: Editora IBEP.
- Ades, C. (2010). O papagaio-cinzento Alex e as palavras (resenha do livro de Irene Pepperberg. *Alex e eu*). *Ciência Hoje*. *45*: 75-76.
- Ades, C. (2010). A ciência múltipla do enriquecimento ambiental. *Shape of Environment, Brasil News*, 1: 3-4.

VII. O desenvolvimento psicológico na sua interface com as Neurociências

Ceres Alves de Araujo[1]
Cadeira nº 39, "Antonio Leão Bruno"
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Apresentação

por Ana Maria Galvão Rios[2]

Sinto-me à vontade para apresentar a Dra. Ceres, pois ela foi minha professora no curso de Psicologia, no de Especialização e também orientadora no Mestrado, todos realizados na PUC/SP. Ela é psicóloga, pesquisadora e psicoterapeuta; Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de São Paulo. É analista junguiana pela Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, membro da *International Association for Analytical Psychology* e docente do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, tendo sido anteriormente professora da graduação do Curso de Psicologia da mesma Universidade e do Curso de Especialização na abordagem junguiana do Instituto *Sedes Sapientiae.* Por ter sido sua aluna desde o curso de graduação de Psicologia e até minha orientadora no Mestrado, posso afirmar que a Dra. Ceres é detentora de vasto conhecimento na matéria em que se especializa, tudo aliado à delicadeza e prontidão no contato com seus alunos.

Vida

Nasci aos vinte e oito dias do mês de fevereiro de 1946, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, filha mais velha de uma família de

---

[1] Contato: Rua Diogo Jácome, 518, ap. 82, Bl. 3 – V.N. Conceição – CEP 04512-001 – São Paulo – SP – Brasil. *E-mail:* ceres@pucsp.br
[2] Contato: Pça. Horácio Sabino, 87 – Jd. das Bandeiras – CEP 05412-010 – São Paulo – SP – Brasil. Tel.: (11) 3872-3158 e (11) 3675-5955.

cinco. Meu nome, Ceres, foi escolhido por meu pai, engenheiro agrônomo, apaixonado, desde então e até hoje, por sua profissão.

Vale descrever um pouco do mito: Ceres, que na mitologia romana equivale à grega Deméter, é deusa da agricultura, das plantas que brotam, dos grãos e sementes, do vir a ser da vida que alimenta as criaturas. Provedora da fertilidade da terra, Ceres é o próprio amor maternal. Conta o mito que, quando sua única filha Perséfone foi sequestrada e levada por Hades ao seu reino no mundo subterrâneo, a tristeza de Ceres fez com que a terra se tornasse estéril. A dor da mãe obrigou a filha a voltar ciclicamente ao mundo da superfície, restaurando a fertilidade, renovando anualmente as promessas da primavera quanto ao sustento do mundo. Em Ceres, o amor pessoal se expande e traduz em abundância para todos. O nome Ceres provém de “ker”, de raiz indo-europeia, que significa crescer, sendo também raiz das palavras criar e incrementar. O mito de Ceres conta que ela resistiu sempre às tentações de Júpiter para que fosse morar no Olimpo com os outros deuses, escolhendo permanecer perto da terra onde a vida germina. Ceres espalha sementes em seu trabalho e cultiva amorosamente a terra. Ceres, a mediadora entre os mundos, é considerada também a deusa da alteridade.

Foram precisos muitos anos para que eu entendesse o que o destino me preparara. O encontro com a Psicologia Junguiana, para a qual os mitos são expressões tão privilegiadas, aconteceu muito mais tarde.

Passei em Belo Horizonte toda a minha primeira infância e parte da segunda. Era uma época, para as crianças, muito diferente da de hoje. Brincava-se muito pelo prazer de brincar, sem apelos a rendimentos. O brincar prestava-se evidentemente, ao exercício das funções perceptivas, motoras e mentais, mas a ênfase não era colocada no produzir. Brincava-se o tempo todo e entrava-se na escola mais tarde.

Iniciei a chamada Educação Primária no Instituto de Educação de Minas Gerais, em 1953, onde plantei muitas árvores, tendo o patrocínio de meu pai que trabalhava na Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais. Plantar árvores nos terrenos da escola em épocas festivas e as histórias sobre mitologia, contadas por minha mãe, constituem parte importante das minhas memórias mais pregressas.

Continuei meus estudos no Externato Nossa Senhora de Lourdes em São Paulo em 1955, terminando-os em 1957. A mudança de minha família para São Paulo, em fins de 1954, trouxe alteração importante na minha vida escolar. De uma instituição, que se propunha como uma das primeiras escolas experimentais do País, fui transferida para uma escola

primária tradicional. Consegui me adaptar, combinando duas formas muito diversas de aprender.

Fiz a segunda parte da Educação Básica no Instituto de Educação Caetano de Campos com vistas a frequentar a Escola Normal desse Instituto, na época tão afamada. Entretanto, por ter muito mais facilidade em matemática, escolhi o Curso Científico. Pretendia estudar biologia, pois me interessava por genética vegetal, sem dúvida influenciada pela profissão e atividade do meu pai e sob a égide da deusa Deméter-Ceres.

Às vésperas do vestibular, tive uma intuição de que não seria bom para mim ser uma pesquisadora confinada a laboratório. Eu era tímida demais e tal ocupação poderia ser um agravante a essa timidez. Assim, decidi escolher uma faculdade relacionada às Ciências Humanas. Prestei exame vestibular ao Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo sido aprovada.

Na faculdade, o grande incentivador para minha escolha para trabalhar com crianças foi o saudoso Prof. Dr. Haim Grunspun, (ex-ocupante da Cadeira nº 19) um dos precursores da Psiquiatria Infantil no Brasil, cujo valor incontestável o fez membro da Academia Paulista de Psicologia. Com o Dr. Haim, aprendi a olhar, a acolher e a carregar literalmente crianças. Ele me ensinou a correspondência emocional com crianças. Sei que ele permanece nos meus gestos, frente a cada criança que me dirijo até hoje.

Em 1969, após o quarto ano do Curso de Psicologia, graduei-me como Bacharel e Licenciada em Psicologia. Nesse ano passei a frequentar grupos de estudo sobre a Psicologia Analítica, dirigidos pelo saudoso Prof. Dr. Pethö Sándor, interessando-me a partir de então, pela vida e obra de Jung.

Na faculdade, via-se, na época, a teoria junguiana de modo bastante superficial. A ênfase era dada à psicanálise. Mas, na época, paralelamente, com o professor Sándor aprendi a abordar a teoria junguiana primeiramente como uma filosofia sobre a existência do homem, para mais tarde integrá-la como um sistema de referência para a prática psicoterapêutica. Através do estudo da abordagem junguiana, naquele tempo, comecei a me aproximar do reino dos mitos.

No quinto ano do Curso de Psicologia, interessando-me pelo atendimento clínico à criança, prestei concurso público para o quadro de estudante estagiário de psicologia da Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo, tendo sido aprovada em primeiro lugar. Concluindo o curso de graduação em 1970, recebi o diploma de Psicólogo. Casei-me próximo ao término da faculdade.

Interessando-me pelo atendimento a crianças e adolescentes, em 1971, inscrevi-me e fui aceita no Curso de Especialização em Psicoterapia Infantil e do Adolescente da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras *Sedes Sapientiae* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Na especialização, a abordagem era kleiniana. Naqueles tempos não era viável se pensar em uma psicoterapia infantil de base junguiana, pois o próprio Jung havia dito que se deveriam tratar os pais e não a criança.

Meu primeiro filho nasceu logo que concluí a especialização. A família cresceu, com o nascimento de uma filha. Casei-me novamente. Meu marido é também professor e pesquisador, o que permite o partilhar de projetos e sonhos na área pessoal e profissional. A família cresceu mais ainda, com o nascimento de três netos.

Na faculdade interessei-me sobremaneira pelos estudos relativos à integração mente-cérebro. Possivelmente tal interesse ligava-se às reminiscências de meu desejo de estudar biologia e genética. Não conseguia entender uma psique não corporificada, enfatizada nas teorias psicológicas da época. Os distúrbios das habilidades motoras, os transtornos psicomotores despertaram muito a minha atenção, levando-me a participar de equipes interdisciplinares para tentar compreender a interação mente-cérebro.

Obra

Em 1971, passei a atender crianças e adolescentes com problemas psicomotores, que afetavam o aprendizado escolar, em consultório particular junto à Anna Luiza Camargo Garcia, que havia sido minha professora de Psicomotricidade na Faculdade de Psicologia. Fui convidada, em 1972, a trabalhar como assistente voluntária junto ao Programa de Psicomotricidade do Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras *Sedes Sapientiae* da PUC/SP. Nos anos de 1973 a 1975, fui contratada como professora, na categoria Auxiliar de Ensino, responsável pelo Programa de Psicomotricidade para o 4º e 5º anos do Curso de Psicologia dessa Faculdade.

Com o advento da integração dos cursos de Psicologia da PUC/SP em 1975, fui contratada como professora, na categoria Auxiliar de Ensino, pertencente ao Departamento de Psicodinâmica, responsável pelo Programa Teórico e supervisora do atendimento clínico do Núcleo 8 – Psicomotricidade, oferecido para o 7º, 8º, 9º e 10º períodos do novo Curso de Psicologia da PUC/SP.

No mesmo ano de 1975, fui convidada por Madre Cristina (nome de nascimento: Célia Sodré Doria) a integrar o grupo de professores que

fundavam o Instituto de Especialização em Psicologia *Sedes Sapientiae*, onde passei a dar aulas de Psicomotoricidade até 1986 e, a partir de 1987, no Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Junguiana, coligada a Técnicas de Abordagem Corporal. A mudança de nome do curso refletia a integração de áreas do conhecimento e de práticas psicológicas que vinham sendo objeto de estudo, há muito tempo, dos grupos de estudos dos quais eu participava.

O interesse pelos distúrbios psicomotores nas crianças conduziu-me aos estudos das questões relativas à integração mente-cérebro, à psiconeurologia, à psicoendocrinologia e à psicossomática. Assim, paralelamente às atividades como professora, passei a frequentar cursos, grupos de estudos, seminários, simpósios, cujos temas eram pertinentes a esses campos de interesse. Fui convidada também a ministrar aulas, dar palestras a estudantes e profissionais de psicologia, pedagogia, medicina e fonoaudiologia.

O contato e o convívio com profissionais dessas áreas alargaram minha percepção sobre a complexidade do ser humano, fizeram-me ver a necessidade e o valor da multidisciplinaridade para o exercício sério da clínica psicológica.

Acompanhando a evolução que ocorria nos estudos sobre a psicomotricidade em outros países, particularmente na França e na Bélgica, o trabalho em Reeducação Psicomotora passou a ser compreendido como uma terapia relacional, a então chamada Terapia Psicomotora. Sabendo que uma psicoterapia não se define pelas técnicas utilizadas, mas pela linha psicológica, que determina os pressupostos teóricos e os princípios da metodologia psicoterapêutica, passei a acreditar que as crianças com distúrbios psicomotores poder-se-iam beneficiar muito mais de uma abordagem psicoterapêutica que utilizasse também, como recursos de técnica, o brincar com o próprio corpo.

Na minha dissertação de mestrado, “O Corpo Lúdico. Sua Utilização na Psicoterapia Infantil de Orientação Junguiana”, defendida em 1986, no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, procurei sistematizar essa proposta. Esse trabalho, apenas, foi possível pelos incentivos da Profª Dra. Mathilde Neder, Membro titular da Academia Paulista de Psicologia (Cad. nº 14), minha orientadora no mestrado, que me deu coragem para escrever sobre o que eu fazia na prática clínica. Muito me foram úteis, nessa época, os ensinamentos do Prof. Dr. Pethö Sándor, que desde o início dos anos 70, vinha, com suas traduções das publicações originais de Jung e Neumann, ensinando quem era a criança, do ponto de vista junguiano. Devo à generosidade e à

sabedoria do Professor Pethö Sándor, Professor Doutor Emérito pela PUC/SP, a compreensão da criança em sua integração psicofísica, à luz da psicologia analítica.

Acredito ter conseguido, com a dissertação de mestrado, uma síntese: a possibilidade de uma psicoterapia infantil de orientação junguiana que incluísse o considerar do corpo, na sua fenomenologia e no seu simbolismo.

Nesse período, já era do meu interesse os estudos sobre o Autismo Infantil, uma vez que muitas das crianças que me eram encaminhadas por serem afetadas por distúrbios psicomotores eram autistas. Passou a ser também minha preocupação a necessidade do psicodiagnóstico mais preciso em crianças mais jovens.

Em 1987, fui convidada pelo Prof. Dr. Raymundo Manno Vieira para realizar o doutorado no Curso de Pós-graduação em Distúrbios de Comunicação Humana da então Escola Paulista de Medicina, estudando o autismo. A participação em uma equipe multidisciplinar do ambulatório de Distúrbios da Comunicação do Hospital São Paulo permitiu desenvolver estudos e pesquisas a respeito do diagnóstico diferencial de crianças que apresentavam como sintomas distúrbios da comunicação, mas com etiologias diversas. Devo muito ao Prof. Manno a noção da multidisciplinaridade. Nunca mais me coloquei isolada em minha prática profissional, nem como professora, nem como psicoterapeuta. Devo ainda a ele a compreensão da importância do rigor do método científico para a pesquisa em psicologia. Muito me valeram seus ensinamentos para meu trabalho de orientação junto a meus alunos de mestrado e doutorado. Sem dúvida, devo ainda a ele o impulso para estudar autismo, tema que passou a dirigir todo o meu interesse em estudos e pesquisa.

O título de Doutor em Ciências foi obtido em junho de 1992, ao defender a tese intitulada: “Psicose e Neurose em Crianças. Estudo Quantitativo do Desenvolvimento Motor e Psicológico”.

Em julho de 1988, durante o doutorado, em função das pesquisas que estavam em andamento, fui indicada pelo Conselho Britânico para integrar um grupo de pesquisadores brasileiros, que viajaria a Londres, para conhecer as pesquisas recentes sobre o Autismo Infantil. A indicação do meu nome para o convite foi feita pelo Prof. Dr. José Salomão Schwartzman, a quem devo muito do meu conhecimento sobre crianças. É um amigo precioso, de longa data.

Nessa mesma época, fui convidada pelo psiquiatra Dr. Raymond Rosenberg e pelo neurologista Prof. Dr. José Salomão Schwartzman a participar do GEPAPI (Grupo de Estudos sobre Autismo e outras Psicoses

Infantis). Era um grupo multidisciplinar, composto por profissionais interessados em pesquisas e estudos sobre essas patologias e na divulgação das descobertas mais recentes, que poderiam ser úteis, também, para as associações de pais e profissionais, que atendem diretamente pessoas acometidas do Transtorno Global do Desenvolvimento. Foi uma época de muita troca de informação, nos encontros do grupo em São Paulo e nos cursos programados em outras capitais do País. Foi por meio do GEPAPI que pude entrar em contato com pesquisadores de renome sobre Autismo. Dentre eles o Prof. Francisco Baptista Assumpção Jr. (Cad. nº 17 da Academia), o Prof. Dr. Raimundo Lippi, o Dr. Walter Camargo e a Prof. Celiane Secunho. Pude ainda, por intermédio do GEPAPI, conhecer pesquisadores de outros países como o Prof. Dr. Christopher Gillberg da Suécia, a Profa. Dra. Uta Frith, o Prof. Dr. Simon Baron-Cohen e a Profª Dra. Francesca Happé, da Inglaterra, e o Prof. Dr. Ami Klin dos Estados Unidos.

Também nesses anos, conheci as mães fundadoras da AMA – Associação de Amigos do Autista e por meio delas, entrei em contato com a ABRA – Associação Brasileira de Autismo. Pude colaborar com essas associações, participando da organização de encontros anuais e congressos.

O atendimento na clínica de crianças, adolescentes e adultos com Autismo, especialmente aos diagnosticados com Síndrome de Asperger ou Autismo de Alto Funcionamento, trouxe-me uma experiência inestimável. Foram esses pacientes e suas famílias que me tornaram uma psicóloga especializada em Autismo.

Interessando-me mais especificamente por ensinar metodologia do psicodiagnóstico, principalmente do diagnóstico diferencial em crianças bem jovens, passei a trabalhar, em 1992, com alunos dos últimos períodos do Curso de Graduação em Psicologia da PUC/SP e como supervisora da Clínica Psicológica da mesma universidade.

Quando fui aceita, em julho de 1993, como candidata à analista pela SBPA (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica), sabia que, no fim do curso, ao apresentar a monografia de conclusão, escreveria sobre Autismo. Tive como orientador o Dr. Carlos Byington, que me ajudou a sistematizar o padrão tão atípico de desenvolvimento que se observa no autismo. Muito me auxiliaram a Dra. Iraci Galiás e a Dra. Maria Zélia Alvarenga da SBPA. Nelas, senti que o tema de meus estudos encontrava ressonância, sendo extremamente proveitosas suas contribuições.

Sou muito grata à SBPA pelos anos de estudos que me propiciou e pela autoridade que me conferiu ao aceitar a monografia sobre “O

Processo de Individuação no Autismo". Esse trabalho constituiu, para mim, o espaço e a autorização para propor uma hipótese junguiana sobre a psicodinâmica no autismo.

O autismo é, para mim, uma área privilegiada de pesquisa. Para capacitar-me a ela, precisei entrar nova e profundamente no estudo do Desenvolvimento Humano. O autismo hoje é definido como um distúrbio do desenvolvimento, presente desde o início da vida, cujos sintomas expressam o funcionamento atípico de um sistema nervoso alterado. Para compreender como ocorre esse funcionamento atípico, precisei estudar os novos achados das neurociências, para entender como hoje se acredita que se desenvolve o ser humano, dito normal.

Ao estudar os fatores de risco do desenvolvimento, deparei-me com os estudos, que vêm sendo feitos nas últimas décadas, sobre os fatores de proteção no desenvolvimento. Em meados dos anos 90, aprendi, com analistas junguianos do Uruguai, o conceito de resiliência, parecendo ser o conceito pouco divulgado em nosso meio. Resiliência é definida, nas ciências humanas, como a capacidade para superar e crescer com a adversidade. Os estudos que pude fazer a respeito deste constructo e suas aplicações remeteram-me diretamente às famílias de meus pacientes autistas. Nenhuma patologia pode causar tanto estresse e destruição na vida de mães, pais e irmãos como parece ser o caso do autismo.

Em 2002, comecei a dar aulas e orientação no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, no Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar e depois, também, no Núcleo de Estudos Junguianos. Pertenço a duas linhas de pesquisa do Programa: "Fundamentos em Psicologia Clínica e Orientações Contemporâneas em Psicologia Clínica", nelas desenvolvendo meus projetos de pesquisa. Os projetos de pesquisa relacionados ao Autismo Infantil permitiram contatos proveitosos com Programas de Pós-graduação de outras universidades: USP; UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) e Universidade Mackenzie. Os projetos de pesquisa que têm por tema a Resiliência me levaram a dar aulas como professora convidada do Curso de Administração de Recursos Humanos do Programa de Educação Continuada da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, dirigido a executivos de Recursos Humanos e que aborda questões como motivação, resiliência, estresse, trabalho em equipe, liderança, entre outros assuntos.

São os temas das neurociências, das novas pesquisas sobre observações de bebês, das teorias sobre a gênese das representações mentais, dos estudos sobre fatores de risco, fatores de proteção e fatores de resiliência que tenho preparado para meus alunos pós-graduandos.

A década de 90 trouxe o entusiasmo pelo estudo das neurociências, estudo que já se remontava a épocas anteriores. O acesso a tecnologias novas abriu, como nunca até então, a possibilidade de se estudar o funcionamento do sistema nervoso. Hoje se sabe que a mente, instância meta-psíquica, emerge da atividade do cérebro, cujas estruturas e funções são diretamente formadas pela experiência das relações interpessoais. Interessou-me estudar, então, essa construção de uma neurobiologia da experiência interpessoal. Sabendo que a mente se constitui na interface entre os processos neurofisiológicos e as relações interpessoais, questões se colocam: Quais são os mecanismos, mediante os quais os relacionamentos humanos formam as estruturas e as funções cerebrais? Como é possível que as experiências interpessoais possam influenciar algo tão inerentemente diferente como é a atividade neuronal? Como os cérebros masculinos e femininos interagiram e interagem para constituírem o que são?

Os estudos da neurociência a respeito da psique que se estrutura e do cérebro que se constrói em função das relações interpessoais desde o início da vida, sem dúvida, permitirão uma compreensão maior do desenvolvimento humano, em seus trajetos típicos e atípicos.

Sabe-se que nosso cérebro complexo é um legado da evolução. É um cérebro vulnerável a uma variedade de fatores, que podem alterar o padrão do desenvolvimento, pela alteração da integração de importantes redes neuronais. A vulnerabilidade do cérebro está na decorrência da circunstancialidade envolvente interna e externa do organismo. E é essa vulnerabilidade que dá margem à emergência do campo da psicoterapia.

As técnicas das psicoterapias invocam os princípios da plasticidade neuronal, geralmente sem ter realizado isso, por décadas. Assim, meus pós-graduandos e eu estamos encontrando novos interesses de pesquisa. Pretendemos estudar a psicoterapia como estímulo para a plasticidade neuronal. Surge a nova questão: Se as relações interpessoais primárias constroem o cérebro, como as relações terapêuticas podem reconstruí-lo?

Desde 2005 venho escrevendo uma coluna mensal “Família”, no *site* Via Estelar da UOL, que visa orientação aos pais frente aos desafios, que na nossa época, colocam-se na educação dos filhos. É a forma que encontro de atingir e auxiliar um maior número de famílias.

Em 2004, tive a grata surpresa de ser indicada a disputar uma Cadeira da Academia Paulista de Psicologia pela Profª Dra. Yolanda Forghieri (Cad. nº 1) e pela Profª Dra. Mathilde Neder (Cad. nº 14). O aspecto que me fascina na psicologia é o legado que cada geração de psicólogos deixa a outra. E ciente de que a ciência é uma atividade colaborativa entre as várias gerações, a Academia cumpre os papéis de guardiã do que foi produzido e de propulsora do que está sendo elaborado na psicologia.

A Psicologia é uma obra em permanente crescimento, mas sempre apoiada no conhecimento que cada geração vai agregando a ela. Nesse sentido, eu me sinto muito honrada em ter como Patrono da Cadeira número 39, que ocupo, o Professor Doutor Antônio Miguel Leão Bruno, que tanto contribuiu para o desenvolvimento da Psicologia. Formou-se em Medicina na primeira turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e tornou-se bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da USP, localizada no chamado “Largo São Francisco”. Desenvolveu inúmeras pesquisas de âmbito científico em diversas áreas, como direito constitucional, direito criminal, direito social, medicina legal, medicina social, psicodiagnóstico, tornando-se um dos precursores e membro fundador e presidente da Sociedade Rorschach de São Paulo.

A Cadeira 39 foi ocupada até recentemente pelo professor Agostinho Minicucci. Era licenciado em Letras Neolatinas e em Pedagogia e foi doutor em educação e livre-docente em psicologia. Seus livros e testes de psicologia somam mais de 50, salientando-se, por sua profundidade e originalidade, as obras “Dinâmica de Grupo – Teorias e Sistemas” e “Técnicas de Trabalho em Grupo.”

Finalizando, gostaria de transmitir aos que se iniciam nessa difícil tarefa de tentar compreender a mente humana, a necessidade da constante atualização. As teorias da psicologia não podem ser encaradas como dogmas. Nossas teorias postuladas, há mais de um século, não são imutáveis. Vivemos no mundo nomeado pós-moderno ou hipermoderno para alguns, em uma sociedade que possui um sistema de valores, princípios, normas e regras muito diferente de décadas atrás.

O homem da nossa era é um indivíduo que possui um perfil diferente consigo próprio, com o outro, com o mundo e com o tempo. Quem é esse homem hoje? É preciso que se adote uma postura de valorização da pesquisa científica, pois são os achados da ciência que permitem a segurança na atuação prática na psicologia.

Produção bibliográfica da autora

Livros e capítulos de livros

- Araujo, C. A. (1995) Teorias Cognitivas e Afetivas. in: Schwartzman,j J.S. & Assumpção Jr, F.B. (orgs.). *Autismo Infantil*. São Paulo: Memnon, p. 79-100.
- Araujo, C. A. (1997) Síndrome de Asperger. in: Assumpção Jr., F.B. (org.). *Transtornos Invasivos do Desenvolvimento Infantil*. São Paulo: Lemos Editorial, p. 49-58.
- Araujo, C. A. (2000) *O processo de individuação no autismo*. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 102 p.
- Araujo, C. A. (2002) O Autismo Infantil sob a Perspectiva Junguiana. In: Walter Camargos Jr. e Colaboradores. (Orgs.*). Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio*. Brasilia: Ministério da Justiça, p. 57-64.
- Araujo, C. A. (2002) Psicoterapia dos Transtornos do Desenvolvimento. In: Assumpção Jr., F.B., Reale,D. (Org.). *Práticas Psicoterápicas na Infância e na Adolescência.* Barueri: Editora Manole, p. 201-216.
- Araujo, C. A. (2005) *Pais que educam. Uma aventura inesquecível*. São Paulo: Gente.
- Araujo, C. A. (2006) *Pais que educam. Uma aventura inesquecível*. (2ª. ed.) São Paulo: Gente.
- Araujo, C. A. (2006) As representações mentais do bebê: dos esquemas de estar-com-uma-pessoa ao funcionamento simbólico. In: Anales del IV Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana. Punta del Este, p. 36-39 (Trabalho completo).
- Araujo, C. A. (2008) Malpertuis: estranhas fantasias. Sexualidade e delírio. In: Assumpção Jr., F.B., Almeida, T. (Org.). *Sexualidade, cinema e deficiência.* São Paulo: Livraria Médica Editora, p. 37-48.
- Araujo, C.A. (2010) A Resiliência. In Spinelli, M.R. (org) *Introdução à Psicossomática*. São Paulo: Editora Atheneu, (p.182 - 204).
- Araujo, C.A.; Assumpção Jr. , F.B.; Perissinoto, J. & Schwartzman, J.S. (2009) Autismo in Saiz Laureiro, M.E. (Org.) *Psicopatologia Psicodinámica Simbólico-Arquetípica*. Montevideo: Prensa Médica Latinoamericana, (p. 35- 61).
- Araujo, C.A. & Galiás, I. (2009) Trastornos específicos del desarrollo in Saiz Laureiro, M.E. (Org.) *Psicopatologia Psicodinámica Simbólico-Arquetípica*. Montevideo: Prensa Médica Latinoamericana, (p. 19 – 34).

Artigos publicados em revistas científicas

- Araujo, C. A. (1991) Autismo Infantil. *Temas sobre Desenvolvimento*, v. 03, p. 14-21.
- Araujo, C. A. (1994) O Perfil Psicológico de Crianças Autistas. *Temas sobre Desenvolvimento,* (15-16), p. 31-37.
- Araujo, C. A. (1998) Sobre a Estruturação da Mente no Autismo. *Temas sobre Desenvolvimento*, v. 7, (38), p. 14-21.
- Araujo, C. A. (2000) Desenvolvimento do Esquema Corporal. *Temas sobre Desenvolvimento*, v. 9, (52), p. 56-58.
- Araujo, C. A. (2005) Psicoterapia de Orientação Junguiana com Foco Corporal para grupos de Crianças Vítimas de Violência: Avaliando as Habilidades de Resiliência. *Temas sobre Desenvolvimento*, v. 14, p. 30-38.
- Araujo, C. A. (2006) Novas Idéias em Resiliência. *Hermes*, v. 1, p. 84-95.
- Araujo, C. A. (2008) Resgatando a memória dos pioneiros: Antônio Miguel Leão Bruno. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. XXVIII, p. 18-31.
- Araujo, C. A. (2008) O Campo da Psicologia Analítica - entre o Circunscrito e o Infinito; entre o Tempo e Eternidade. *Hermes*, v. 13, p. 86-99.
- Araujo, C. A. & Balthazar, M. H. M.(2004) Hepatite C - Uma revisão da literatura. *Jung & Corpo*, São Paulo, v. IV, (n. 4), p. 97-112.
- Araujo, C. A. ; Grunspun, H. ; Campos, B. ; Guzzi, N. & Leão, H. M. (1974) Tratamento de crianças portadoras de disfunção cerebral mínima por reeducação psicomotora e DN71. *Folha Médica,* São Paulo, v. 69, (1), p. 61-66.
- Araujo, C. A. ; Grunspun, H. ; Guzzi, N. ; Fernandes, M. & Navas Filho, F. (1977) Resultado do uso de cafeína em crianças com disfunção cerebral mínima. *Folha Médica,* São Paulo, v. 75, (5).
- Araujo, C. A. & Nappi Moreno, M.T. (2005) Emoções de raiva associadas à gastrite e esofagite. *Mudanças*, v. 13, (1), p. 30-87.
- Araujo, C. A. & Neder, M. (1988) *O Corpo Lúdico*. Acta AWHO, São Paulo, v. VII, (4), p. 248-255.
- Araujo, C. A. & Sauaia, N. M. L. (2004) Resiliência e Psicologia Analítica. *Jung & Corpo*, v. IV, (4), p. 37-44.
- Araujo, C. A. & Souza, M. S. F.(2005) Transtorno dismórfico corporal em cirurgias de caráter estético: um levantamento de estudos na área. *Psicologia Revista*, v. 14, (1), p. 59-74.

- Araujo, C. A.; Velloso, R. S. & Schwartzmam, J. S. (2009) Conceitos de cor, forma, tamanho e posição em dez crianças com Síndrome de Rett. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* ,v. 67, p. 50-54.

Revista eletrônica

- Araujo, C. A. (2006) Crianças resilientes. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 dez.
- Araujo, C. A. (2006) Quem você vai ser quando crescer. *Revista Eletrônica Vya Estelar,* 01 nov.
- Araujo, C. A. (2006) Porque e como ensinar ética aos filhos. *Revista Eletrônica Vya Estelar,* 01 out.
- Araujo, C. A. (2006) As nannys ajudam a educar os filhos?. *Revista Eletrônica Vya Estelar,* UOL - Vya Estelar, 01 set.
- Araujo, C. A. (2006) Maternidade e paternidade são uma aventura. *Revista Eletrônica Vya Estelar,* UOL- Vya Estelar, 01 ago.
- Araujo, C. A. (2006) Entrevista no Vya Estelar. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL - Vya Estelar, 01 jul.
- Araujo, C. A. (2006) Saiba como diagnosticar porque seu filho tem notas baixas. *Revista Eletrônica Vya Estelar*,, UOL - Vya Estelar, 01 jun.
- Araujo, C. A. (2006) Hiperatividade - DDAH. *Revista Crescer*, 21 mar.
- Araujo, C. A. (2006) Vale a pena largar o trabalho para cuidar dos filhos?. *Revista Eletrônica Vya Estelar*,, UOL - Vya Estelar.
- Araujo, C. A. (2007) Natal. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, *Vya Estelar*, 01 dez, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2007) Filhos de famílias reconstituídas. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, 01 nov, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2007) Dificuldade do filho mais velho. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, São Paulo, 01 out, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2007) Vale a pena trabalhar para cuidar dos filhos?. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, 01 set, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2007) Por que vale a pena ensinar ética para os filhos?. *Revista Anchieta*, Colégio Anchieta, 01 ago, p. 4-6.
- Araujo, C. A. (2007) O estresse na infância. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL - Vya Estelar, 01 maio.
- Araujo, C. A. (2007) Problemas no desenvolvimento infantil. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, São Paulo, 01 abr.
- Araujo, C. A. (2007) Por que dar mesada aos nossos filhos?. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, 01 abr, p. 1-2.

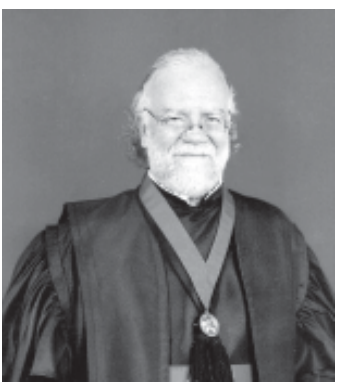
- Araujo, C. A. (2007) Crianças brincam cada vez mais sozinhas. *Revista Eletrônica Vya Estelar,* UOL, 01 mar.
- Araujo, C. A. (2007) Cuidados tercerizados para crianças. Saiba como contratar. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 fev.
- Araujo, C. A. (2007) O novo papel da vaidade. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 jan.
- Araujo, C. A. (2008) Criancinhas superpoderosas. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 dez.
- Araujo, C. A. (2008) O filho único. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 nov.
- Araujo, C. A. (2008) Crianças podem ficar sozinhas em casa?. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, 01 out, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2008) Será que meu filho está sendo alvo de bullying?. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, 01 set, p. 1-3.
- Araujo, C. A. (2008) O mundo interior da criança: a relação consigo mesma. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, 01 ago, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2008) Medo. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, São Paulo, 01 jul, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2008) Nossas crianças estão sendo precocemente erotizadas?. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, 01 fev, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2008) A mentira. *Revista Eletrônica Vya Estelar* - UOL, 01 fev, p. 1-2.
- Araujo, C. A.(2009) Papai Noel existe?. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 dez, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2009) Brigas entre os pais e suas consequências para a criança. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, 01 nov, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2009) Famílias reconstituídas: Qual é o papel de padastro e madrasta?. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 out, p. 1-3.
- Araujo, C. A. (2009) Quer adotar uma criança? Saiba como lidar com o preconceito. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 set, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2009) Abuso no aprendizado na escola. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 ago, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2009) Dinheiro: oito erros na educação dos filhos. *Revista Veja*, São Paulo, 17 jun, p. 110-112.
- Araujo, C. A. (2009) Como falar de morte para as crianças. *Revista Eletrônica Vya Estelar,* UOL, 01 jun, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2009) É saudável educar filhos de forma individualizada. *Revista Eletrônica Vya Estelar,* UOL, 01 abr, p. 1-2.
- Araujo, C. A. (2009) O sono, a criança e seus pais. *Revista Eletrônica Vya Estelar*, UOL, 01 mar, p. 1-2.

VIII. O decorrer de uma vida em prol da psicopatologia da criança

Francisco B. Assumpção Jr.[1]
Cadeira nº 17, "Jean Maugüé"
Instituto de Psicologia - USP

Apresentação

por Evelyn Kuczynski[2]



Possui graduação em Medicina pela Fundação do ABC (1974), mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985) e doutorado também em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988), estágio pós-doutorado no Maudsley Hospital da Universidade de Londres (1992) e livre-docência pela Faculdade de Medicina da USP (1993). Atualmente é professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Psiquiatria, atuando principalmente nos seguintes temas: deficiência mental, sexualidade, psiquiatria infantil e autismo. Ex-presidente da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil (ABENEPI), ex-coordenador dos departamentos de Psiquiatria Infantil da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e da Associação Latino-americana de Psiquiatria (APAL), ex-editor da revista Infanto. Tem-se dedicado às publicações científicas, as quais vêm acompanhando o seu progresso na área, em especial os resultados de pesquisas em crianças com deficiência mental e os trabalhos com autismo. Suas publicações são tão intensas, tanto em número como em qualidade, que é muito difícil encontrar especialistas em igual condição que se compare a ele. O seu ineditismo é, portanto, de grande distinção, razão por que foi convidado a ocupar a Cadeira nº 17 da Academia Paulista de Psicologia.

---

[1] Contato: Rua dos Otonis, 697 – V. Clementino – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: 5579-2762. *E-mail:* cassiterides@bol.com.br
[2] Psiquiatra de crianças. Contato: Rua dos Otonis, 697 – V. Clementino – São Paulo, SP. – Brasil.

Vida

Nasci em 7 de setembro de 1951, no bairro paulista do Belenzinho. Embora meus pais fossem brasileiros, a maior parte de meus avós era imigrante como, aliás, grande parte dos paulistanos. Assim, considerando-se o Assumpção de meu nome, meu bisavô paterno era brasileiro, do interior do Estado de São Paulo, porém minha avó paterna era espanhola e meus avós maternos, italianos, todos chegados ao Brasil no início do século XX, dentro da grande corrente imigratória da época. Exatamente por isso, o próprio bairro onde nasci e fui criado tem influência e significado em minha formação, posto que a cultura imigrante dá um significado especial ao trabalho e ao estudo, difícil de ser atingido por aqueles que optaram pela imigração.

Meus pais eram duas pessoas extremamente diferentes entre si e, por isso mesmo, bastante interessantes de maneira que marcaram intensamente minha formação.

Minha mãe era musicista, herdeira de uma tradição de pianistas desde minha bisavó que também o era assim como minha avó. Isso me levou, não só a estudar piano (fato meio que básico para uma boa formação na época) como me levou a amar profundamente as artes. Assim, a atração irresistível não só pela música como pela pintura, poesia e teatro, levou-me a uma adolescência que marcou, profundamente, toda a minha vida posterior. Mais ainda, essa influência foi tão marcante que, muitos anos depois, consegui passar a uma de minhas filhas, a mesma necessidade da música e do piano.

Meu pai, de quem herdei o nome, foi um modelo. Sério, persistente, dedicado, afetuoso... Dele, acredito ter herdado a seriedade com que encarava a vida, a dedicação a tudo aquilo que iniciava mas, principalmente, a extrema rigidez no trato com as pessoas e as situações. Nada possuía meio-termos e sua visão da vida, muitas vezes maniqueísta, proporcionou-me, por um lado, a facilidade em descortinar os caminhos que deveria percorrer e o que deveria ser feito mas, por outro, apontou-me também as dificuldades decorrentes de posições absolutas e pouco negociáveis. Isso, no decorrer de minha vida, refletiu-se nas posições profissionais tomadas e, principalmente, na impossibilidade de negociá-las, ainda que com prejuízo pessoal.

Enfim, eu não seria quem fui e sou, sem a presença deles dois enquanto modelos pessoais.

Minha educação no ensino fundamental (os antigos cursos primário, ginasial e científico) foi realizada em um colégio religioso, de padres

agostinianos espanhóis, o que também marcou profundamente minha maneira de ser, não somente porque a frase *Tolle, Lege* (o “abra, leia”, tão fundamental na vida de Santo Agostinho) trouxe-me a indicação de que seria nos livros que se encontram as respostas para as questões que, eventualmente, viriam a pontuar minha vida como a disciplina e a dedicação das antigas ordens monásticas foram-me ensinadas de tal maneira que, hoje, observando o passado, percebo que foram elas também que permitiram que meu caminho fosse traçado da maneira vivida.

Ao me encaminhar ao ensino médio, a opção escolhida foi aquela que me levava às Ciências Biológicas, em especial à Medicina, posto que o aforisma hipocrático que refere *“sedare dolorum opus divinum est”* me fascinava profundamente. Entretanto, talvez pela influência agostiniana, os males da alma eram aqueles que me atraíam e assim, entrei na Faculdade de Medicina querendo ser psiquiatra.

Meu vestibular foi feito ao final de 1968, entrando na Faculdade de Medicina do ABC, no início de 1969. Esse foi um ano importante, pois 1968*, “o ano que não acabou”,* havia terminado, deixando sequelas importantes que eu havia acompanhado somente olhando ao longe, de um bairro distante, de um colégio religioso e com a visão de um secundarista. Entretanto, por ser a primeira turma de uma nova faculdade, era impossível não participar de atividades que, em outras escolas eram, naquele momento, totalmente reprimidas.

Assim, desde o início, pude participar do Diretório Acadêmico (a legislação estudantil da época vedava às novas escolas a constituição de um Centro Acadêmico), desenvolvendo atividades culturais mas, principalmente políticas, ligadas ao próprio desenvolvimento da Faculdade que, em formação, apresentava as dificuldades decorrentes de seu próprio processo de implantação e estruturação.

Paralelamente a essas atividades, pude conhecer professores que foram importantes em meu modelo de homem e de profissional. Assim, como desde o começo do curso, minha vontade era ser um psiquiatra, foram aqueles ligados a essa área os que mais me impressionaram. Desse modo, Heládio Francisco Capisano, Nelson Pocci e Paulo Fraletti, apesar de suas diferenças teóricas fundamentais, ensinaram-me concepções humanísticas, visões psicodinâmicas e uma psiquiatria de base schneideriana que permitiu que, como jovem, eu sistematizasse em minha cabeça as informações que, posteriormente, me seriam de extrema utilidade profissional.

Entretanto, outros professores, de outras áreas médicas, também tiveram grande influência. Assim, Bernardo Beilgeman na Genética, Maria

Aparecida Sampaio Zacchi e Dráuzio Viegas na Pediatria, Wanderley Nogueira da Silva na Medicina Preventiva me serviram de modelos pessoais e enquanto médicos.

Ao sair da Faculdade, havia decidido que faria Psiquiatria, porém dedicada a crianças posto que, a meu ver, assim poderia associar várias e diferentes áreas do conhecimento que me envolviam profundamente como a própria Psiquiatria, a Pediatria e a Genética. Dessa forma, perguntando ao professor Paulo Fraletti como deveria, ao final do curso, fazer para concretizar minha proposta, recebi como resposta que deveria procurar o professor Stanislau Krynski (ex-ocupante da Cad. nº 37) uma vez que, a seu ver, seria a única pessoa que me poderia ensinar Psiquiatria da Infância e da Adolescência de maneira correta.

Assim, lá fui eu procurá-lo, descobrindo que na ocasião, 1975, ele era o diretor do Centro de Habilitação da APAE-SP, que possuía um programa de residência médica conveniado com a Escola Paulista de Medicina. Prestei exames e fui aceito.

Havia, porém, um problema: para permanecer no programa escolhido, deveria morar, por dois anos, no próprio Centro de Habilitação, junto às crianças internadas na enfermaria que então existia, a “Casa de Estar”.

Pesados prós e contras, permaneci os dois anos, aprendendo a trabalhar em equipe e a conhecer e a respeitar diferentes modelos de abordagem e de atendimento, porém, principalmente aprendendo a dialogar com profissionais de diferentes áreas médicas (pediatras, neurologistas, geneticistas) e de áreas não médicas (assistentes sociais, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, terapeutas ocupacionais).

Além disso, durante esses dois anos, 1976 e 1977, pensando em melhorar minha formação e, auxiliado por minha permanência na APAE-SP, fiquei como estagiário voluntário do professor Oswaldo Frota-Pessoa, no Instituto de Biociências da USP, o que muito contribuiu para meu desenvolvimento médico.

Terminados os dois anos de residência, fui contratado como médico responsável pelo setor de internações da APAE-SP, a “Casa de Estar”, na qual tinha morado, permanecendo nesse cargo até 1980 quando, devendo o professor Krynski passar para um setor de ensino e pesquisa, recém-inaugurado na instituição, fui convidado para ser o diretor técnico do Centro de Habilitação.

Embora motivo de orgulho e base para aprendizado, foram anos difíceis posto que minha juventude e inexperiência eram grandes entraves para que eu conseguisse gerenciar muitos profissionais, na maior parte

das vezes com idades muito superiores à minha. Entretanto, acredito ter conseguido realizar um trabalho digno de crédito. Trabalhei com Benjamin Schmidt, Aron Diament, Haim Grunspun (ex-ocupante da Cad. nº 19), todos fundamentais no pensar sobre a criança.

No mesmo ano de 1980, recebi, da professora Eneida Batistete Matarazzo, então professora adjunta do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP e diretora do Serviço de Psiquiatria Infantil do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP, o convite para ser seu Assistente, o que aceitei de forma incondicional e com muito orgulho. Aqui, deparei-me com toda a Psiquiatria paulista naquilo que tinha de tradicional, tendo a oportunidade de conhecer Clóvis Martins, José Roberto Albuquerque Fortes, Zacaria Ali B. Ramadan e tantos outros que marcaram, de alguma maneira, minha vida profissional.

Assim, esses dois serviços, com bases teóricas tão diferentes, foram minha principal formação e modelo.

Por um lado a Psiquiatria descritiva de origem alemã, que Paulo Fraletti me havia mostrado e que a escola de Franco da Rocha, muito bem representada pela professora Eneida, ao me acolher ensinava, e por outro, a escola organodinâmica francesa, na qual o professor Krynski se inspirava e que passou a me servir de modelo.

Em 1978, casei-me com uma ex-colega de Faculdade e, em 1979, tive minha primeira filha, Tatiana. Ser pai foi a possibilidade de tentar reproduzir o que havia vivido em minha infância e também de ter a experiência de acompanhar o desenvolvimento de um ser desde sua concepção. Assim, quando em 1983 nasceu minha segunda filha, Thais, meu direcionamento para a criança era irreversível, não somente por opção profissional como também pelo envolvimento pessoal com esses dois pequeninos seres.

Em 1982, já havia feito um curso de formação em “Daseinanalise” com o professor Sólon Spanoudis e acreditava que, para melhorar meu conhecimento sobre a criança, precisava estudar desenvolvimento. A Faculdade de Medicina não me parecia o lugar adequado e, assim, procurei a Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo onde, sob a orientação da professora Rosa Maria Macedo, fiz mestrado e doutorado, o primeiro com tema referente a desenvolvimento dos afetados pela Síndrome de Down, submetidos, ou não, a programas de estimulação precoce e o segundo sobre residências para deficientes mentais.

Em 1988, já tinha o título de doutor e pretendia prestar concurso para livre-docência. Para tal, fui estimulado pelos professores Paulo Vaz

Arruda e Valentin Gentil Filho que me incentivou a fazer pós-doutorado no Maudsley Hospital da Universidade de Londres onde pude refletir e organizar o trabalho de livre-docência, apresentado em 1992 e que se constituiu na construção de um algoritmo diagnóstico para autismo. Nesse intervalo, em 1989, desliguei-me da APAE-SP.

Obra

Logo após o concurso de Livre-docência, fui nomeado Diretor de serviços técnicos do Instituto de Psiquiatria do HC-FMUSP, passando a ser o responsável pelos serviços de Psicologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional e Eletroencefalografia. Em 1994, fui ascendido ao cargo de Diretor do Serviço de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do mesmo Instituto, posto no qual permaneci até meados de 2003 quando fui, como assessor e a convite da então prefeita, para a Secretaria de Saúde do Município de São Paulo onde permaneci até 2005. Nesse ano, após concurso, fui admitido como Professor Associado junto ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, cargo em que permaneço até hoje.

No decorrer desse percurso, com base clínica e acadêmica, um outro aspecto importante, por minhas crenças e ideais, foi o referente à vida associativa, uma vez que, por acreditar que a Psiquiatria da Infância e da Adolescência constitui um campo epistemológico único, com características teóricas e práticas próprias, tentei organizá-lo, quer através de publicações quer através dessas atividades.

Assim, fui presidente da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil (ABENEPI) bem como fundador e primeiro coordenador do Departamento de Psiquiatria Infantil da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), o que me levou à Secretaria do Departamento de Psiquiatria da Infância e da Adolescência da Associação Latino-americana de Psiquiatria (APAL).

Concomitantemente fundei, editei e mantive, durante dez anos, uma publicação dedicada totalmente à Psiquiatria da Infância e da Adolescência (INFANTO) que, por ocasião de sua extinção se encontrava indexada nas bases de dados Lilacs e Excerpta Médica, o que lhe conferia um caráter e uma seriedade ímpares.

Também, entre muitos livros impressos e/ou organizados, publiquei o “Tratado de Psiquiatria da Infância e da Adolescência”, com cerca de noventa capítulos e autores de todo o país, sendo o primeiro e o único em língua portuguesa e também conhecido e utilizado em alguns países da América Latina.

Tenho escrito muito, sendo que as publicações são baseadas na experiência clínica e também nas pesquisas e estudos efetuados tanto sobre temas mais específicos como os mais gerais. Tenho tido o cuidado de publicar os mais específicos em revistas mais centralizadas em determinada área do conhecimento da criança e os mais gerais, naquelas dirigidas ao grande público. Na minha vasta publicação, nomeio 76 artigos em revistas, 78 capítulos de livros e 30 livros. Tenho o cuidado também de publicar, na maioria das vezes, com grupo de especialistas, podendo assim discutir e compartilhar o conhecimento entre nós. São exemplos os meus livros citados na referência deste trabalho.

Os temas são escritos na sua maioria em português, mas também em espanhol, inglês e alemão, para fins de maior divulgação, tanto nacional quanto internacional. Revelam assuntos de interesse no momento quando os meus estudos estavam centralizados, principalmente, na Psicologia e na Psiquiatria infantil. No início de minha experiência profissional, os assuntos que considero serem mais gerais como conceituação da Psiquiatria infantil, ética em psiquiatria, psicose infantil e pesquisa clínica nessa área para dirigir-me à deficiência mental (tema do meu mestrado e doutorado) e a seus quadros clínicos como Síndrome de Down, PKU, Síndrome de Rett e centralizar-me, ultimamente, no autismo infantil. A ele tenho me dedicado ampla e profundamente e analisado em termos de genética e do meio sociofamiliar em que seus portadores vivem. Tenho-o configurado dentro do quadro clínico de Asperger e suas relações com a deficiência mental e suas variações. Um outro aspecto, objeto do meu interesse, tem sido a interpretação desse quadro clínico em função das teorias da mente, da coerência central e das funções executivas e além de suas relações com quadros clínicos como a Síndrome de Turner e de Rett.

Aspectos específicos da personalidade do autista têm sido objeto de atenção como os comportamentos repetitivos e suas dificuldades de contato social, além de aspectos psicofísicos como a sensibilidade olfativa e à dor. Instrumentos de medida para a identificação do autismo foram estudados por mim e colaboradores, dando margem a várias pesquisas na área.

Em 2008, para minha surpresa e orgulho, fui convidado a participar da Academia Paulista de Psicologia, na Cadeira de número 17, cujo Patrono, Jean Maugüé, nascido na França em 1904, chegou ao Brasil no mesmo navio da vinda de Lévy-Strauss e outros especialistas da missão francesa. Esta era formada por eminentes especialistas que vieram a São Paulo colaborar com a fundação da Faculdade de Filsosofia,

Ciências e Letras da USP. O orgulho é muito grande, pois ele, como filósofo que era, participou da própria fundação da Universidade de São Paulo, ficando no Brasil e ensinando até 1944.

Minha primeira antecessora nesse importante lugar foi Annita de Castilho Marcondes Cabral, nascida em 1910, formada em filosofia pela própria USP e uma de suas importantes professoras. Além disso, foi uma das fundadoras da Sociedade de Psicologia de São Paulo, preocupando-se com a regulamentação da profissão de psicólogo. Faleceu em 1991.

Minha antecessora imediata foi Maria Helena Contreiras de Figueiredo Steiner, nascida em 1925, igualmente formada na USP e, também, uma de suas professoras. Preocupou-se com as questões éticas, com o ensino e a educação.

Assim, quando fui eleito e empossado na Academia Paulista de Psicologia, embora meu orgulho tenha sido imenso e minha vaidade tenha sido alimentada, perguntei-me se estava à altura dessas ilustres figuras e dos ilustres colegas que dividem comigo um lugar nela. Essa dúvida ainda persiste e espero que, realmente, eu possa corresponder à honra que me foi dada.

Hoje, olhando o passado, poderia dizer, parafraseando São Paulo, que “lutei a boa luta” e, embora não considere ter vencido, uma vez que minha especialidade continua como área de atuação, acredito ter possibilitado rumos e criado alunos em todo o território nacional, com formações muito diversas entre si, uma vez que tenho orientado psiquiatras, pediatras, psicólogos, assistentes sociais, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais em situações de especialização, mestrado e doutorado. Esses, embora com ideias próprias, como seria de se esperar que um professor as desenvolvesse, possibilitam que o cuidado com a criança e a própria especialidade tenham uma maior disseminação pelo País.

É difícil pensar o que esperar do futuro. Talvez alguns alunos que ainda possam ser formados e que se disponham carregar a ideia quixotesca de que a saúde mental da criança brasileira deve ser uma preocupação e que pode ser seu foco de interesse. Assim, espero que eles (a despeito do desestímulo que as instituições acadêmicas fazem todo o tempo) queiram e possam formar novos alunos, dedicar tempo a novos trabalhos e pesquisas e, principalmente, acreditar que, dentro de uma perspectiva maniqueísta, alguns temas não podem ser negociados (e o bem-estar da criança é um deles) e, portanto, devem ser perseguidos independentemente dos eventuais prejuízos pessoais que possam advir dessa opção.

Enfim, citando Antonio Machado, gostaria que eles pensassem que "*Caminante no hay camino. Se hace el camino al andar*" e que, parafraseando Guevara soubessem que "*ainda que a morte venha, bem-vinda seja desde que haja ouvidos atentos às nossas prédicas e mãos que empunhem as armas que delas caiam.*"

Essa talvez seja a minha concepção do que é dar significado ao viver, dentro daquilo que se acredita e que se deseja. Esse foi o caminho que busquei durante minha trajetória, fato que me causa orgulho e prazer de tê-la vivido e construído ou, como diria Neil Young, "*I´m a dreaming man, that´s a problem...*"

Produção bibliográfica do autor

Livros Publicados e organizados

- Assumpção Junior, F. B. (1991) *A Família do Deficiente Mental*. São Paulo: Edições Paulinas.
- Assumpção Junior, F. B. (Org.) (1994) *Psiquiatria da Infância e da Adolescência*. São Paulo: Santos-Maltese.
- Assumpção Junior, F. B. (1995) *Psiquiatria Infantil Brasileira: Um Esboço Histórico*. São Paulo: Lemos Editorial.
- Assumpção Junior, F. B. (Org.) (1996) *Transtornos Afetivos da Infância e Adolescência*. São Paulo: Lemos Editorial.
- Assumpção Junior, F. B. (1997) *Psiquiatria Infantil. Revisão e Avaliação*. Belo Horizonte: Post Graduate.
- Assumpção Junior, F. B. (Org.) (1997) *Transtornos Invasivos do Desenvolvimento Infantil*. São Paulo: Lemos Editorial.
- Assumpção Junior, F. B. (2001) *Psicologia e História em Quadrinhos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Assumpção Junior, F. B. (2002) *Semiologia em Psiquiatria da Infância e da Adolescência.* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Assumpção Junior, F. B. (2008) *Psicopatologia Evolutiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Assumpção Junior, F. B. & Almeida, T. (2008) *Sexualidade, cinema e deficiência.* São Paulo: Livraria Médica Paulista Editora Ltda.
- Assumpção Junior, F. B. & Reale, D. (Orgs.) (2002) *Práticas Psicoterápicas na Infância e na Adolescência*. Barueri: Editora Manole Ltda.
- Assumpção Junior, F. B.; Fraguas, R. & Meleiros, J.A.M.A.S. (1993) *A Clínica das Depressões.* São Paulo: Lemos Editorial.

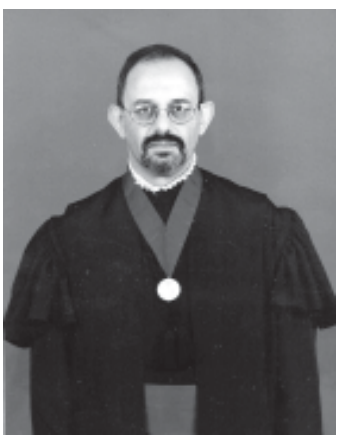
- Assumpção Junior, F. B. & Kuczynski, E. (Orgs.) (1999) *Adolescência: Normal e Patológica*. São Paulo: Lemos Editorial.
- Assumpção Junior, F. B. & Kuczynski, E. (Orgs.) (2003) *Tratado de Psiquiatria da Infância e Adolescência.* São Paulo: Atheneu.
- Assumpção Junior, F. B. & Kuczynski, E. (2006) *Tratado de Psiquiatria da Infância e da Adolescência*. São Paulo: Editora Atheneu.
- Assumpção Junior, F. B. & Kuczynski, E. (2007) *Autismo Infantil: Novas Tendencias e Perspectivas*. SP RJ Rib Pret MG: Editora Atheneu.
- Assumpção Junior, F. B. & Kuczynski, E. (2008) *Psicofarmacoterapia na Infância e Adolescência.* São Paulo: Editora Atheneu.
- Assumpção Junior, F. B. & Kuczynski, E. (2008) *Situações Psicossociais na Infância e na Adolescência.* São Paulo: Editora Atheneu.
- Assumpção Junior, F. B.; Miguel, E. C.; Fraguas, F. R. & Meleiro, S. (1992) A *Clínica das Psicoses*. São Paulo: .
- Assumpção Junior, F. B.; Priszkulnik, L. & Silvares, E. F. M. (2008) *Fundamentos de Psicologia - Psicologia do Excepcional - Deficiência Física, Mental e Sensorial.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A.
- Assumpção Junior, F. B. & Ramadam, Z. B. A. (2005) *Psiquiatria: Da Magia à Evidência?* São Paulo: Editora Manole.
- Assumpção Junior, F. B. & Sprovieri, M. H. S. (1987) *Sexualidade e Deficiência Mental*. São Paulo: Moraes Editora.
- Assumpção Junior, F. B. & Sprovieri, M. H. S. (1992) *Introdução ao Estudo da Deficiência Mental*. São Paulo: Mennon Editores.
- Assumpção Junior, F. B. & Sprovieri, M. H. S. (1993) *Sexualidade, Família e Deficiência Mental.* São Paulo: Mennon Editores.
- Assumpção Junior, F. B. & Sprovieri, M. H. S. (2000) *Introdução ao Estudo da Deficiência Mental.* São Paulo: Memnon.
- Assumpção Junior, F. B. & Sprovieri, M. H. S. (2005) *Deficiência Mental: sexualidade e família*. São Paulo: Editora Manole.
- Assumpção Junior, F. B. & Sprovieri, M. H. S. (2005) *Família, Sexualidade e Deficiência Mental.* São Paulo: Editora Manole.
- Fraguas, R. ; Assumpção Junior, F. B. ; Meleiros, J.A.M.A.S. & Assumpção, F. B. (1994) *A Clínica da Ansiedade*. São Paulo: Lemos Eds.
- Ribeiro do Valle, L. E. L. & Assumpção Junior, F. B. (2008) *Aprendizagem, linguagem e pensamento*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Schwartzman, J. S. (Org.) & Assumpção Junior, F. B. (Org.) (1995) *Autismo Infantil*. São Paulo: Memnon.

IX. Tendências contemporâneas em Gestão de Pessoas

Roberto Kanaane[1]
Cadeira nº 21, "Raul de Moraes"
Universidade de Mogi das Cruzes (UMC)

Apresentação

por Fátima Regina Giannasi Severino[2]



Roberto Kanaane é psicólogo e pesquisador; Mestre em Psicologia Social e Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo – USP. Vem atuando durante 36 anos na área de Psicologia do Trabalho com ênfase na gestão de pessoas, desenvolvendo talentos e potenciais humanos nos seus mais diversos níveis. Docente no Ensino Superior em várias universidades brasileiras (FATEC/SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo; INPG – Instituto Nacional de Pós-graduação; FIA – Fundação do Instituto de Administração; PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; UMC – Universidade de Mogi das Cruzes e outras). Coordenador de Pós-graduação, atuando como orientador em Programas de Mestrado e em Cursos de Especialização.

Autor de seis livros e mais de quarenta artigos em revistas científicas e de grande público, tendo recebido bolsa de estudos do CNPq, quando da elaboração da tese de Doutorado.

Fundou a Roka Consultoria em gestão de pessoas, há mais de 20 anos, prestando consultorias em empresas nacionais, multinacionais públicas, de economia mista, com o propósito de contribuir para a eficiência e eficácia organizacional, a partir da Psicologia Social e Gestão de Pessoas.

Pode-se afirmar que o Prof. Kanaane tem o grande mérito de atuar consecutivamente como docente em diversas universidades, tanto

---

[1] Professor e Orientador da UMC e de outras universidades públicas e privadas. Contato: Rua Duarte de Azevedo, 284, conj. 38 – Santana – CEP 02036-021 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 2950-3230. *E-mail:* roka@roka.com.br ou kanaanhe@gmail.com .

[2] Especialista em assessoria empresarial. Contato: Av. Paulista, 648 – Apto. 1.402 – Entrada 1 - Bela Vista – CEP 01310-100 - São Paulo, SP. – Brasil.

públicas como privadas e prestar assessoria a diversas empresas. A conjugação do ensino e a prática na área de recursos humanos vem sendo por ele efetuada durante vários anos, podendo, com isso, desenvolver conhecimentos gerais e específicos no campo em apreço. São exemplos a orientação que tem prestado a diversas dissertações de mestrado e também suas publicações tanto em livros quanto em artigos de revistas, umas dirigidas à comunidade científica e outras ao grande público. O foco que transparece na maioria de sua produção científica, prática organizacional e ensino diz respeito à gestão de pessoas, tema que atende a sua aplicabilidade e a desenvolve por pesquisas e estudos.

Vida

Nasci em 18 de fevereiro de 1951, na cidade de São Paulo. Meus pais, Jamile Namour Kanaane e Merched Kanaane, de nacionalidade síria, influenciaram-me com carinho e dedicação, contribuindo decisivamente para a minha formação e possibilitando desenvolver meu potencial intelectual, afetivo e social, com muita perseverança.

Iniciei meus estudos de educação fundamental no então Grupo Escolar Buenos Aires, em São Paulo, de 1958 a 1961. Em 1962, cursei a admissão, ingressando no antes chamado curso ginasial, no Colégio Padre Antonio Vieira, no período de 1963 a 1966, prosseguindo no então curso científico de 1967 a 1969, no qual, desde aquela época, demonstrei interesse por disciplinas de caráter humanista e social, impulsionando-me a perseguir meus propósitos.

Desde jovem demonstrei grande interesse pelo estudo do comportamento humano, tendo como objetivo aprofundar meus conhecimentos sobre esse tema, o que me levou a cursar psicologia, na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), no período de 1970 a 1974.

O estágio supervisionado que realizei no curso é prova do meu interesse por recursos humanos na área empresarial, centralizando-me em recrutamento e seleção de pessoal no Frigorífico Wilson e obtendo, assim, as primeiras experiências, que me foram bastante motivadoras para o meu progresso científico e poder alcançar finalmente a especialidade em gestão de pessoas.

Anos depois, em 1984, continuando com o meu empenho na docência e na assessoria referidas, senti que estava em condições para realizar o mestrado, o qual foi efetuado no Instituto de Psicologia da USP, enfocando a análise de um estudo de caso do Departamento de Pessoal de uma repartição pública. Tive a felicidade de ter como orientadora a saudosa Professora Doutora Maria Helena Contreras Figueiredo Steiner, ex-ocupante da Cadeira nº 17, hoje ocupada por

Francisco B. Assumpção Jr., do Departamento de Psicologia Clínica do referido Instituto. A ela devo minha formação especializada nessa ascensão acadêmica como posteriormente na de doutorado, efetuado também na USP, no período de 1985 a 1989.

Para esta última realização, obtive bolsa de estudos do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico). A tese de doutorado me facilitou o desenvolvimento da representação social de uma escola técnica do município de São Paulo. Assim eu ia adquirindo base para sedimentar o conteúdo de conhecimento pretendido sobre gestão de pessoas.

Tempos depois, as viagens de estudo que realizei no exterior foram de grande importância para minha formação, em especial aquelas que me facilitaram ver *in loco* a internacionalização dos conhecimentos que ia adquirindo no decorrer de minha vida acadêmica e profissional.

A primeira, realizada em 1995, aos Estados Unidos da América, nas visitas e observações em hospitais de Tampa que me facilitaram obter informações sobre coordenação de cursos de pós-graduação, em administração hospitalar, no Instituto de Pesquisa Hospitalar, a fim de atender o meu interesse no momento. No ano seguinte, em 1996, realizamos, professores e eu, viagens de estudos à Itália, França e Espanha. Coordenei a equipe de professores universitários da IPH (Instituto de Pesquisa Hospitalar) na observação da área de recursos humanos nos hospitais desses países europeus. Pudemos adquirir novos conhecimentos sobre a maneira particular com que os especialistas desses países conduzem a gestão hospitalar. Outras viagens, anualmente realizadas, até 2008 e dois anos depois, isto é, em 2010, foram feitas aos países da América Latina (Chile, Uruguai, Paraguai, Argentina e Bolívia) também com a equipe de professores e estudantes e ao Egito, Turquia e Síria.

Nas viagens aos países americanos tivemos a oportunidade de estudar a realidade local, aspectos inerentes ao seu habitat e forma de organização social, além de observar aspectos de caráter histórico das comunidades autóctones.

Na viagem pelos países orientais, centralizamo-nos em aspectos históricos, culturais e sociais, obra dos fatores antropológicos e etnográficos de relevância para o conhecimento do comportamento individual e coletivo de uma civilização essencialmente islâmica.

Obra

Como na formação universitária, o meu trabalho se tem centralizado na área de Recursos Humanos. Assim, nos anos 70, após a

conclusão do curso de Psicologia, trabalhei na antiga Fundação do Bem-Estar do Menor – FEBEM, na área de Recursos Humanos, especificamente em recrutamento e seleção de psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, professores, médicos, inspetores de alunos, entre outros, com a finalidade de organizar unidades de assistência ao menor abandonado, tanto na cidade de São Paulo quanto nos municípios adjacentes. Assumi na própria Fundação, posteriormente, o cargo de chefe de recrutamento e seleção, possibilitando-me ampliar a compreensão da diversidade da conduta humana no trabalho e em específico em uma organização de caráter social.

Atuei na Companhia Brasileira de Estireno no final dos anos 70, como Assistente de Recursos Humanos, promovendo conhecimentos para os gestores e técnicos, utilizando-me de estratégias voltadas à sensibilização e mobilização dos funcionários por treinamento vivencial, atividades essas até então pouco presentes no ambiente empresarial.

Desenvolvi funções semelhantes na IAP S.A (Indústria de Fertilizantes) como Coordenador de Treinamento de Pessoal. Nessa época, com a disseminação da Lei 6.297/75 – Incentivos Fiscais aos Programas de Treinamento de Pessoal, elaborei um programa para a referida empresa, tendo obtido o certificado em Brasília, o que possibilitou a implementação de ações voltadas ao desenvolvimento do potencial profissional, aferindo, dessa forma, incentivos fiscais decorrentes dessa Lei, quanto a investimentos em equipamentos, espaço físico, materiais específicos a treinamentos, qualificações e especialização dos funcionários.

Em 1978, prestei concurso na Secretaria de Fazenda do Estado de São Paulo, assumindo o cargo de Assistente de Planejamento Financeiro II, exerci atividades relacionadas a Recursos Humanos no DIPLAF (Departamento de Planejamento Financeiro) do Estado de São Paulo, permanecendo até 1988.

Dentre as atividades que desenvolvi, destaco:

- Participação na elaboração de provas de conhecimento para cargos técnicos e administrativos, objetivando a seleção, através de concursos públicos;
- Aplicação e interpretação de testes psicológicos: inteligência, habilidades, aptidões e personalidade;
- Condução de entrevistas em seleção de pessoal;
- Elaboração e condução de programas de treinamento nas seguintes modalidades:
  - Desenvolvimento de chefia e liderança;
  - Desenvolvimento gerencial;

- Relações humanas no trabalho;
- Comunicação no trabalho;

- Participação do processo de implantação e operacionalização da avaliação de desempenho.

Prestei concurso de ingresso na Secretaria de Estado da Segurança Pública, em 1981, para o cargo de psicólogo, tendo obtido a 7ª colocação para atuar junto ao DETRAN. Entretanto, afastei-me para continuar a desenvolver as atividades na Secretaria de Fazenda do Estado de São Paulo.

Tais experiências possibilitaram-me, gradativamente, aproximar-me do tema do meu depoimento: Tendências Contemporâneas em Gestão de Pessoas.

No fim dos anos 80, organizei a minha empresa, denominada: Roka Consultoria em Gestão de Pessoas, atuando até a presente data na:

- Gestão de pessoas com foco nas competências empresariais e funcionais destinadas a gestores, líderes, funcionários administrativos, técnicos e operacionais;
- Implantação e acompanhamento da gestão estratégica e do planejamento estratégico;
- Processo seletivo por competências;
- *Coaching* no desenvolvimento corporativo e profissional;
- Gerenciamento de mudanças.

Atuamos na área empresarial, hospitalar e educacional. São 22 anos de existência nos quais realizamos assessorias: em editoras, bancos, empresas, transportadoras, órgãos municipais e linhas aéreas. Na área hospitalar, destaco: instituições beneficentes, pronto-socorros, hospitais-escolas; e na área educacional: universidades particulares (FIA-Fundação Instituto de Administração; PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; UMC – Universidade de Mogi das Cruzes; UNIMONTE – Universidade Monte Serrat; UNINOVE – Universidade Nove de Julho; INPG (Instituto Nacional de Pós-Graduação).

Do ponto de vista acadêmico, desenvolvi as seguintes atividades:

Inicialmente como professor do ensino médio no Colégio Comercial 30 de Outubro, em 1977 e permanecendo até 1984, assumindo a responsabilidade da disciplina de Psicologia Aplicada aos cursos técnicos profissionalizantes e, também, o cargo de Coordenador Pedagógico. Dessa experiência adquirida, contei com base para ascender-me à docência do ensino universitário, primeiramente no nível de graduação em Psicologia e na supervisão de estágio na área relacionada à Psicologia

Organizacional. Aliás, tem sido o meu interesse manter-me na área organizacional, na qual me empenhei sempre, procurando centralizar-me na gestão de pessoas. Assim, no período de 1982 a 1987, ensinei na FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas), hoje Universidade, desenvolvendo a docência em Seleção e Orientação profissional e supervisionei estágio na área, visando, como sempre, a gestão de pessoas.

O meu conhecimento inicial sobre pesquisa e docência universitária me facilitaram a atuação no IPH (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Pesquisas Hospitalares), durante sete anos (1981-2008), onde ministrei as disciplinas: Psicologia Aplicada à Administração Hospitalar e Teoria Geral de Administração, como também exerci a função de orientador de monografias.

Nessa época, não permaneci apenas nos cursos de Psicologia, estendi minhas experiências profissionais ao Curso de Serviço Social (Sociedade de Serviço Social). Também orientei pesquisas em órgãos públicos, empresas privadas, instituições sociais, entre outros. Era convidado para atuar nos cursos de Administração de Empresas, iniciando a docência neste campo, como foi na Associação Tibiriçá de Educação (1988 e 1989) e também no curso de pós-graduação *lato sensu* no Instituto Municipal do Ensino Superior de São Caetano do Sul, hoje Universidade. Nesta instituição, atuei durante 15 anos (1986 e 2001).

A minha função era a de docente na pós-graduação *lato sensu* em Administração, não somente nas disciplinas diretamente associadas à área, como a de Gestão de Pessoas. Na USJT (Universidade São Judas Tadeu) nos anos 1986 a 1997, a experiência foi semelhante, incluindo a disciplina Metodologia de Pesquisa Científica.

Paralelamente a essa época, tive a oportunidade de atuar em outra área ainda não experimentada. Trata-se do Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” – Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC), uma autarquia estadual. Nessa instituição, iniciei minhas funções em 1987 e permaneço até a presente data. Lecionei e leciono cursos superiores de tecnologia e disciplinas como Psicologia Industrial, Turismo e Hospitalidade. Além das matérias de graduação, ensino e oriento pesquisas no curso de pós-graduação *lato sensu* em Tecnologia. A disciplina sob minha responsabilidade corresponde a Administração de Recursos Humanos e também a Gestão de Mudanças.

Em épocas passadas, atuei como coordenador de Recursos Humanos nessa importante instituição escolar.

Outros campos de extensão de minhas atividades foram na FEA (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, na pós-

graduação) em *Marketing,* na FIA (Fundação do Instituto de Administração) e também na UNIMONTE (Centro Universitário Monte Serrat) em Santos. Na primeira instituição, como professor convidado, lecionando Administração dos Recursos Humanos e Psicologia Aplicada ao *Marketing*; na segunda, como professor do MBA, lecionando disciplinas mais de caráter social como Motivação e Liderança; Qualidade de Vida no Trabalho. Na UNIMONTE minha atuação foi mais intensa e concentrada. Ali trabalhei nove anos (1997 a 2006) em programas de pós-graduação (mestrado) em Administração e em Educação, desenvolvendo as seguintes linhas de pesquisas: comportamento organizacional, comportamento humano nas empresas e gestão do conhecimento.

Nesta última universidade, orientei dissertações na área de Gestão de Pessoas, entre outras áreas conexas e também durante quatro anos (2005 a 2009) e implantei o MBA em Gestão de Pessoas.

Prossegui ensinando em outras faculdades como a de Campos Elíseos, durante cinco anos (1998 a 2003), como professor e orientador de dissertações de mestrado em Administração sobre Gestão Ambiental.

Na Universidade Mackenzie, durante seis anos (1995 a 2001) fui professor no mestrado em Administração, orientando dissertações e, um campo novo para mim, a orientação de doutorado sobre gestão dos recursos humanos.

O meu trabalho também se tem estendido a outros Estados da União. Assim, de 1999 a 2000, ministrei aulas na União Norte do Paraná de Ensino, em Programas de Mestrado em Administração, sobre a disciplina Comportamento Organizacional, fui orientador e participei de bancas também nesse campo aplicado ao *Marketing*, com foco em Gestão de Pessoas.

Ainda nesse Estado, tenho sido convidado para ministrar cursos no Programa de Mestrado da UNOPAR (Universidade do Norte do Paraná) e na CESUMAR (Centro Universitário de Maringá) para lecionar em MBA em Gestão de Pessoas. No Estado de Mato Grosso, na UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), tenho ministrado a disciplina Políticas e Estratégias de Recursos Humanos e ainda em Mato Grosso, na Universidade de Cuiabá, lecionando na pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos, a disciplina com o mesmo nome.

A minha atuação também se tem estendido ao Estado do Rio de Janeiro, na SOBEU (Sociedade Barramansense do Ensino Superior), dando aulas em cursos e palestras no programa de mestrado em ciências gerenciais, especialmente em gestão do fator humano.

De relevância também tem sido a minha atividade na PUC de São Paulo desde 1999 até a presente data e na UMC (Universidade de Mogi

das Cruzes). Na PUC/SP tenho sido Professor Convidado no Programa de Mestrado em Administração de Empresas, ministrando disciplinas como o Desenvolvimento Gerencial e Qualidade de Vida no Trabalho. Na UMC atuei como Gestor Acadêmico de cursos sequenciais, de tecnologia de 2002 a 2008 e gerenciamento de cursos de pós-graduação desde 2005 em diferentes áreas, da qual destaco o Sistema de Gestão Integrada e Liderança Corporativa. Atualmente coordeno o curso de Gestão Pública, em parceria com a Secretaria das Subprefeituras da cidade de São Paulo e a UMC. Já foram formadas 21 turmas de funcionários municipais. O objeto do curso é instrumentalizar, sensibilizar e mobilizar o gestor público quanto a estratégias e táticas voltadas à gestão, aliada ao desenvolvimento do fator humano.

Na UMC ministro aulas na pós-graduação de Administração e outras na disciplina Gestão de Pessoas e oriento monografias de cursos universitários, além de dissertações de mestrado.

A experiência acumulada em empresas, organizações universitárias e nas pesquisas realizadas durante os programas de mestrado e doutorado facilitou-me a publicação de livros, artigos em revista científica e em jornais para grande público que se encontram diretamente relacionados ao tema desta exposição. Em relação aos livros, os assuntos desenvolvidos com autoria única e em coautoria se referem ao comportamento humano nas organizações, ao *Marketing* e desenvolvimento de competências e um manual de treinamento para a evolução do potencial humano. Também tenho publicado em revistas científicas como no Boletim Academia Paulista de Psicologia e na Revista Científica da Universidade São Judas Tadeu (São Paulo).

Publicações minhas são também editadas em jornais da cidade de São Paulo e de outras cidades deste e de outros Estados, objetivando transmitir as concepções contemporâneas da Psicologia do trabalho, inclusive a Gestão de Pessoas na sua concepção mais ampla, como resultado de toda a minha atuação profissional, com foco no gerenciamento e sua relação com os empregados.

O lançamento dos meus livros, palestras por mim proferidas e minha posse na Academia Paulista de Psicologia, de cuja distinção me orgulho muito, constam em 31 vídeos e em jornais para grande público, à disposição dos interessados.

Sinto-me honrado em ter como Patrono o professor Raul de Moraes na Academia Paulista de Psicologia, cujo grande interesse de sua vida foi sempre a Psicologia Aplicada. Buscou entender o homem, suas reações, seus motivos profundos, a complexa estrutura da mente e os meandros intrincados da personalidade. Contribuiu de maneira intensa

com a psicologia enquanto ciência, voltando-se para o estudo e adaptação de testes psicológicos, assim como ao ensino da psicologia aplicada à seleção de pessoal; entre tantas valiosas atividades, inclusive ao estudo científico e análise da personalidade humana.

Ao mesmo tempo quero compartilhar com os colegas psicólogos a minha satisfação de ter tido como antecessora a professora Eugenia Moraes de Andrade. A saudosa colega destinou seus conhecimentos ao campo da psicologia do trabalho, com destaque à seleção de pessoal, psicometria, publicando vários trabalhos, assim como traduzindo livros específicos à área da psicologia. Profissionalmente, organizou o serviço de seleção de pessoal técnico e administrativo da Reitoria da USP/São Paulo, assim como exerceu atividades voltadas à pesquisa científica, tendo contribuído para a compreensão da ciência psicológica, principalmente quanto à elaboração de instrumentos psicológicos indispensáveis à realização do psicodiagnóstico.

Para que pudesse avançar em minha trajetória profissional/pessoal, inúmeras pessoas colaboraram, entre elas destaco;

- A valiosa contribuição da Drª Aidyl M. Q. Pérez-Ramos, Acadêmica, ocupante da Cadeira nº 30, que possibilitou-me apreender particularidades metodológicas e científicas de valor significativo para a produção do conhecimento.
- Os Professores Fátima Regina G. Severino, Devair D. Pereira, Daniel Balducci, que contribuíram e têm contribuído efetivamente para a realização e implementação de pesquisas, estudos dirigidos e trabalhos diretamente relacionados ao desenvolvimento da Gestão de Pessoas. De tempos passados, homenageio a saudosa Profª Maria Helena Contreras Figueiredo Steiner, minha orientadora.
- A Profª Sandra Aparecida Formigari Ortigoso que esteve presente em diversos momentos da minha atividade profissional e produção científica.
- Minha família e, em especial, minhas irmãs Solange e Faride, amigos e colegas, que sempre estiveram ao meu lado, compartilhando os sucessos obtidos.

À Querida Jamile, minha mãe
Tão forte...
Tão recente....
Pela sua representação...
Pelos seus ensinamentos...
Que muito contribuíram para o sentido atribuído a minha existência (★23.02.1917 - ✝16.06.2009).

Considerações finais

Do exposto, sinalizo que, em minha trajetória acadêmica e profissional, adotei como fator primordial o interesse e a atuação junto à psicologia do trabalho, desenvolvendo intensa atividade profissional nas organizações, no ensino e na pesquisa. Tal enfoque possibilitou-me repensar as políticas e práticas emanadas do ambiente organizacional, adotando como título deste depoimento "Tendências contemporâneas em Gestão de Pessoas". Desta maneira, eu o fundamentei nos campos da Psicologia Organizacional e Psicologia Social do Trabalho.

O interesse pela dinâmica de grupo e, posteriormente, pelos jogos e simulações aplicados em Treinamento de Pessoal, aliado à necessidade de compreender e contribuir para o despertar das potencialidades humanas no trabalho, levaram-me a perseguir o caminho centrado no desenvolvimento das competências profissionais e pessoais.

A compreensão dos valores, símbolos, signos e demais referências do ambiente empresarial trouxe à tona as concepções de cultura e clima organizacional. Tais aspectos têm acompanhado as minhas proposições originadas no âmago do desenvolvimento empresarial, tendo como mola propulsora o indivíduo, sua inserção nas equipes multifuncionais, respondendo aos seus imperativos e também aos da organização.

Ao mesmo tempo, abracei de maneira intensa a atuação acadêmica, literária e a implementação de pesquisas situadas no limiar da Psicologia do Trabalho e dos parâmetros da Gestão de Empresas. Papel esse assumido em diversas organizações, instituições de ensino e pesquisa, identificando-me com os mais diferenciados papéis, ou seja: coordenador de treinamento, gerente de recursos humanos, gestor acadêmico, coordenador de programas de mestrado – *stricto sensu, lato sensu* e MBA; Diretor da minha empresa: Roka Consultoria em Gestão de Pessoas.

O toque fundamental em todas as ações empreendidas esteve sempre voltado para o despertar do potencial humano, suas motivações, potencial criativo, realinhamento do papel profissional sob o enfoque situacional e contingencial, preconizando "o aprender a aprender" e "a aprendizagem de duplo ciclo".

Queridos colegas de profissão, deixo como mensagem final a proposta para que possamos, no futuro próximo, criar um grupo de profissionais interessados no campo da Psicologia do Trabalho e Psicologia Social, com o intuito de produzirmos projetos e pesquisas sob o enfoque nas abordagens contemporâneas quanto à Formação e

Desenvolvimento do Potencial Humano; munindo-nos de grupos de relacionamento virtual. Portanto, segue a minha *Web Page*: www.roka.com.br/rkanaane .

Produção bibliográfica do autor

Livros publicados/organizados

- Kanaane, R. (1999) *Comportamento Humano nas Organizações: o homem rumo ao século XXI*. 2. ed. São Paulo: Atlas.
- Block, P. & Kanaane, R. (Orgs.) (2001) *Consultoria o desafio da liberdade - Um guia para colocar em prática todo seu conhecimento.* 2. ed. São Paulo: Makron Books.
- Kanaane, R. & Kuazaqui, E. (2004) *Marketing e Desenvolvimento de Competências*. São Paulo: Nobel.
- Kanaane, R. & Severino, R. G. (2006) *Ética em Turismo e Hotelaria.* São Paulo: Atlas.
- Kanaane, R. & Ortigoso, S. A. F. (2010) *Manual de Treinamento e Desenvolvimento do Potencial Humano*. 2. ed. São Paulo: Atlas.

Capítulos de livros

- Kanaane, R. (1994) *Qualidade de Vida.* In: *Livro Meta - Programa de Qualidade Hidroplas*. Botucatu: Hidroplas, p. 184-189.
- Kanaane, R.; Pinto, E. P. & Pcciai, D. (2007) Gestão de Mudanças Organizacionais na Perspectiva Longitudinal. In E. Paschoal Pinto. (Org.). *Gestão Empresarial: casos e conceitos de evolução organizacional*. São Paulo: Saraiva, p. 115-133.
- Kanaane, R. ; Pinto, E. P. & Pcciai, D. (2007) Gestão dos Processos de Emprego e Trabalho na Perspectiva Longitudinal. In E. Paschoal Pinto. (Org.). *Gestão Empresarial: casos e conceitos de evolução organizacional*. São Paulo: Saraiva, p. 193-210.

Artigos publicados em revistas científicas

- Kanaane, R. (1991) A Holística, as Mudanças de Paradigma e o Desenvolvimento Gerencial. *Revista IMES*, a. VIII (23), p. 07-09.
- Kanaane, R. (1993) Desenvolvimento do Potencial Humano e Gestão de Recursos Humanos. *Revista IMES*, a. X (29), p. 24-29.
- Kanaane, R. (1994) Grupos Operativos nas Instituições. *Revista IMES*, a. XI (31), p. 11-17.
- Kanaane, R. (1995) O Comportamento Humano nas Organizações Tendências Atuais. *RH em Síntese,* a. I (4), p. 34-34.

- Kanaane, R. (1996) Organização: Sistema Sóciocultural Estabelecido. *Revista Mercado Global do Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu*, a. XXIII (99), p. 18-25.
- Kanaane, R. (1996) O Ser Humano no Contexto Organizacional. *Revista IMES*, a. XIII (36), p. 29-30.
- Kanaane, R. (1996) O Comportamento nas Organizações. *Revista Banas Qualidade,* a. VII (60), p. 66-67.
- Kanaane, R. (1997) O Consultor Interno. *Revista IMES*, a. XIV, (39), p. 32-33.
- Kanaane, R. (1997) Gerenciamento da Remuneração Variável. *Revista IMES*, a. XIV (41), p. 17-19.
- Kanaane, R. (1998) Desenvolvimento de Talentos: Ética, Valores e Conduta Profissional. *FACEF Pesquisa*, Franca, v. 1, (2), p. 19-26.
- Kanaane, R. (1998) Capital X Trabalho. *Revista Livre Mercado*, a. VIII, p. 20-24.
- Kanaane, R. (1998) Qualidade no Atendimento. *Revista Laurels News* (18), p. 12-12.
- Kanaane, R. (1999) Comportamento Humano. A Qualidade vida nas Organizações e os Respectivos Impactos na Gestão Ambiental. *Revista Cientifíca do Centro Universitário Monte Serrat,* v. 1, p. 46-50.
- Kanaane, R. (1999) Cultura Organizacional e Ecologia: Variáveis a serem consideradas no ambiente ecológico. *Revista Científica do Centro Universitário Monte Serrat*, v. 1, p. 34-36.
- Kanaane, R. (1999) O Profissional da Saúde e o seu Cliente. *Revista Banas Qualidade*, a. VIII, (89), p. 74-78.
- Kanaane, R. (2000) Desenvolvimento de Talentos Humanos no Contexto da Saúde: Desafios e Oportunidades Rumo ao Século XXI. *UNOPAR Científica. Ciências Jurídicas e Empresariais*, v. 1, p. 187-191.
- Kanaane, R. (2000) O Enfermeiro Rumo ao Século XXI. *Revista Banas Qualidade, a.* X (101), p. 20-24.
- Kanaane, R. (2000) Comportamento Humano nas Organizações: O Homem Rumo ao Século XXI. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XX, (02/00), p. 25-25.
- Kanaane, R. (2001) Aspectos Motivacionais na Relação Gestor Escolar, Equipe de Apoio e Corpo Docente: um estudo de caso. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXI, (02/01), p. 25-25.
- Kanaane, R. (2002) Gestão do Conhecimento: Os Processos Socioadministrativos como Fatores Primordiais para a sua Excelência.

Revista Científica de Pós-Graduação do Centro Universitário Monte Serrat, v. 1, p. 63-76.

- Kanaane, R. (2002) Avaliação de Resultados a partir da Performance e do Potencial Humano. *Revista Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Pesquisas Hospitalares*, (2), p. 27-34.
- Kanaane, R. (2003) O Despertar dos Sentidos Humanos. Desenvolvendo Pessoas. *Revista T&D*, a. XI; edição 122, p. 38-39.
- Kanaane, R. (2003) Talentos Humanos: Desenvolvimento e Desafios no Século XXI. *Revista Acadêmica Torricelli*, v. 1, p. 103-108.
- Kanaane, R. (2006) O Processo de Avaliação Educacional: tendências e perspectivas. *Revista Acadêmica Torricelli*, v. 05, p. 69-76.
- Kanaane, R. & Severino, R. G. (2001) A Avaliação de Resultados a partir da Performance e do Potencial Humano. *Revista Acadêmica do Centro Universitário Monte Serrat*, v. 2, p. 32-40.
- Kanaane, R. & Kuazaqui, E. (2004) Gerência Multicultural. Estudos de Liderança, v. 6, (1), p. 64-69.
- Kanaane, R. & Ortigoso, S. A. F. (2005) Gestão do Conhecimento: Os Processos Sócio-Administrativos como Fatores Primordiais para a sua Excelência. *Estudos em Liderança*, v. 7 (2), p. 38-48.
- Kanaane, R. & Ortigoso, S. A. F. (2005) O Processo de Comunicação e as Contribuições para o Fortalecimento da Gestão de Negócios e Serviços no Cenário da Saúde. *Revista de Pós-Graduação*, v. 4 (1), p. 71-78.
- Kanaane, R. & Carrasco, V. (2006) Treinamento em Enfermagem: desenvolvimento de equipe e potencial criativo. Revista Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Pesquisas Hospitalares, v. 5, p. 34-41.
- Kanaane, R. & Balducci, D. (2007) Relevância da Gestão de Pessoas no Clima Organizacional de uma Empresa de Engenharia. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. 2, p. 133-147.
- Kanaane, R. & Gutierrez, R. M. (2008) O Estudo das Potencialidades Humanas no Contexto Hoteleiro. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. XXVIII, p. 143-309.
- Kanaane, R. & Paro, J. A. (2008) Jogos em Treinamento e Desenvolvimento do Potencial Humano. *Integração*, v. 52, p. 3-98.

Artigos em jornais: 53 produções, de 1991 a 2009

- Citam-se alguns: Mogi News, Diário do Grande ABC, Tribuna de Santos, Lauréis News de Londrina, Mercado Global e Jornal Cidade de Bauru.

X. Desenvolvendo no Brasil a Psicossíntese, uma abordagem positiva, humanista e transpessoal

Marina Pereira Rojas Boccalandro[1]
Cadeira nº 13, "Renato Kehl"
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Apresentação

por Valdemar Augusto Angerami-Camon[2]

A autora é Titular da Academia Paulista de Psicologia, ocupando a Cadeira nº 13, desde 15 de junho de 2007, cujo Patrono é Renato Kehl. Ela tem-se destacado, como pioneira da Psicossíntese, considerada uma abordagem psicológica, positiva, humanista e transpessoal, introduzindo-a nas universidades brasileiras e também sobre este tema realiza pesquisas. É autora de importantes publicações, além de proferir conferências em congressos, participar em programas de TV e entrevistas em jornais e revistas, divulgando essa abordagem. É psicóloga clínica, com Título outorgado pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Vem atuando como psicoterapeuta desde 1974. Sua formação acadêmica de bacharelado, licenciatura, graduação, mestrado e doutorado em Psicologia foi realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Possui especializações em Administração Hospitalar pela Academia Brasileira de Medicina Militar e em Psicossíntese pelo *Center for Psychosintesis Studies - Devon, England*. Iniciou sua vida profissional em 1957 no Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo onde permaneceu até 1977. A partir desta data ingressou no quadro de professores na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde permanece até hoje. Na atualidade é supervisora e atua no processo de triagem de pacientes na Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, da

---

[1] Contato: Rua Itacolomi, 625, ap. 112 – Higienópolis – CEP 01239-020 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 3129-8018. *E-mail:* boccalandro@terra.com.br
[2] Psicoterapeuta existencial. Contato: Rua Paulistânia, 265 – V. Madalena – CEP 05440-000 – São Paulo, SP. – Brasil.

mesma instituição. Para essa clínica, foi eleita Diretora por dois mandatos seguidos. É Professora Associada da Faculdade de Psicologia da PUC/SP. Recebeu prêmio Menção Honrosa pela Academia Paulista de Psicologia por sua tese de doutorado *Sob o Domínio de Pã(Nico): Um estudo do Transtorno do Pânico através da Psicossíntese*.

Vida e Obra

Em 21 de abril de 1938, às 12h23 de um dia ensolarado, na cidade de Nova Iguassú, subúrbio do Rio de Janeiro, vim ao mundo. Nascida em casa, como era costume naquela época, tinha dois irmãos bem mais velhos me esperando. Meu pai era dentista formado pela Universidade do Rio de Janeiro, nascido em Araraquara, filho pelo lado paterno de família portuguesa, que veio para o Brasil nos anos de 1500 e se radicou no Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo e pelo lado materno, filho de imigrantes poloneses e alemães. Minha mãe era filha de família de imigrantes italianos, que vieram no fim do século XIX e radicaram-se em Pirangi, no interior paulista.

Aos meus cinco anos de idade, voltamos para o Estado de origem dos meus pais, São Paulo, e fomos morar em Taubaté, onde fiz o então curso primário no grupo escolar estadual da cidade. Quando eu tinha dez anos, mudamos para Mogi das Cruzes onde fiz o ginásio, o colegial (clássico) e o normal (hoje magistério) também no colégio estadual daquela cidade. Com dezessete anos, mudei-me para São Paulo e não mais a deixei e considero-a minha cidade do coração.

Aqui eu me casei, tive minha única filha que também é psicóloga e psicoterapeuta, trabalhando numa linha psicodinâmica. Fiz também toda minha formação profissional nesta cidade. Vou contar resumidamente este trajeto até os dias de hoje, destacando a formação em Psicossíntese, objeto deste depoimento.

Com dezoito anos, em 1957, tendo já terminado o Magistério, fui trabalhar na Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas, hoje Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Fui alocada no setor do Arquivo Médico e Estatística e lá permaneci até que foi criado o Hospital Dia e para lá fui transferida como encarregada do setor. Nas minhas funções, devia controlar os prontuários dos pacientes no seu conteúdo para fins de assistência e de pesquisa. Uma das minhas obrigações era também assistir às reuniões médicas semanais nas quais eram apresentados estudos de casos, conferências, palestras, dissertações de mestrado, teses de doutorado, discussão de novos medicamentos e seus usos na clínica psiquiátrica.

Além disso, estava sempre em contato com os pacientes nas enfermarias, no ambulatório e no Hospital-Dia. Desta forma fui envolvendo-me e apaixonando-me pela área de Psicologia Clínica e Hospitalar. Não sentia em mim a vocação pela medicina, mas sim pelo trabalho com o emocional e o mental do ser humano. Ficava profundamente sensibilizada com o sofrimento do paciente psiquiátrico e de sua família, que muitas vezes não sabia o que fazer para ajudá-lo.

Para a formação em Psicologia que já era o meu interesse, não havia universidade que contemplasse em São Paulo essa especialidade, mas nos anos 60, tanto a Universidade de São Paulo, como a Pontifícia Universidade Católica e o *Sedes Sapientiae* abriram suas faculdades de Psicologia. No período de 1969 a 1974, fiz minha graduação na PUC/SP, formando-me em Psicologia, obtendo nessa área a licenciatura, o bacharelado e o título de psicólogo. Nos primeiros anos da formação de Psicologia, ainda não tínhamos um lugar firmado em um campo de trabalho, e não foi fácil delimitarmos nossas funções. Em 1975, fiz uma especialização em Administração Hospitalar, curso promovido pela Academia Brasileira de Medicina Militar, porque era importante para o meu trabalho como psicóloga no Hospital das Clínicas.

Naquela época, o curso de Psicologia era de seis anos e só posteriormente, nos anos 70, passou para cinco. Inicialmente, além da Clínica Psiquiátrica trabalhei no Externato Bem Me Quer, durante os anos 1973 a 1976, como psicóloga escolar, com crianças (maternal, jardim e pré-escola) onde fui tomando contato com crianças saudáveis. Tanto no curso de Psicologia como no Hospital das Clínicas, tomávamos contato com as patologias das crianças e não havia oportunidade de conhecer, na prática, a criança que estava dentro dos padrões da normalidade. Paralelamente, no trabalho como psicóloga escolar, ao terminar o curso, fui transferida para o setor de Psicologia da Clínica Psiquiátrica do HC (Hospital das Clínicas) da Faculdade de Medicina da USP, onde aplicava testes psicológicos, participava de pesquisas, avaliando os pacientes antes e após o uso de novos medicamentos. Atendia pacientes em terapia conjunta com os médicos, trabalhando com respiração e relaxamento, enquanto o psiquiatra fazia a psicoterapia. Iniciei minhas atividades em consultório particular, atendendo principalmente crianças. Posteriormente, escolhi trabalhar com adolescentes e adultos, pacientes esses com os quais me identificava mais e que continuo atendendo até os dias de hoje. Em 1977, saí do HC e fui trabalhar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e, nesta época, já estava interessada em Psicofísica com embasamento na Psicologia Analítica de Jung.

Passei a fazer cursos para ampliar meus conhecimentos nesta área e atender meus clientes dentro de um referencial teórico e prático.

Na PUC/SP, inicialmente trabalhei como supervisora de Psicoterapia Centrada na Relação e também na triagem da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, serviço esse que continuo exercendo até os dias atuais. Além disso, nos últimos anos tenho ministrado orientação de projeto de pesquisa em diversas áreas da Psicologia, em Trabalhos de Conclusão de Curso (pesquisas voltadas para o campo da Psicologia Clínica), uma disciplina eletiva sobre Transtorno do Pânico na visão da Psicossíntese, tema do meu doutorado e pesquisas de iniciação científica sobre o Transtorno do Pânico e a Espiritualidade.

De 1978 a 1982, realizei o Mestrado em Psicologia Clínica e tive como orientadora da minha dissertação intitulada *Características da Personalidade de Estudantes de Psicologia e de Educação Física de uma Universidade Oficial da cidade de São Paulo*, a Profª. Dra. Yolanda Cintrão Forguieri (Cad. nº 1 da Academia Paulista de Psicologia) que foi mais uma influência positiva na minha escolha de uma Psicologia humanista no trato com meus clientes. No curso de graduação, o professor do qual recebi maior influência e que foi um marco na escolha da minha trajetória profissional foi o Dr. Pëtho Sándor, que além de meu professor de Psicologia Profunda foi meu terapeuta e com o qual fiz estudos e cursos durante muitos anos sobre relaxamento, exercícios respiratórios, massagens, interpretação de sonhos e teoria Junguiana.

Muitos anos passei estudando os ensinamentos de Jung e várias técnicas de trabalho corporal, relaxamento, respiração, Reike, massagens, Do-in, acupuntura, etc., técnicas como terapia artística, meditação, trabalhos com imaginação, psicodrama, entre outras.

De 1998 a 2002, realizei na PUC/SP meu Doutorado em Psicologia Clínica e defendi tese intitulada *Sob o Domínio de Pã(nico) um Estudo do Transtorno do Pânico através da Psicossíntese*, orientada pela Profª Dra. Mathilde Neder (Cad. nº 14). Esta tese teve como embasamento teórico a Psicossíntese de Roberto Assagioli e como parte prática a criação e adaptação de exercícios de imaginação semidirigidos aplicados nos participantes da pesquisa. A minha tese de doutorado, como já me referi, foi premiada com Menção Honrosa pela Academia Paulista de Psicologia.

Todo o caminho de estudos que havia feito até o início dos anos 90 encaixava-se perfeitamente dentro da teoria e prática psicossintética que conheci ao ler o livro de Roberto Assagioli, intitulado *Psicossíntese - Manual de Princípios e Técnicas*. Finalmente havia encontrado uma abordagem psicológica, que partilhava o mesmo conceito de homem que era o meu, e usava várias das técnicas que havia aprendido e colocado no meu trabalho como psicoterapeuta, professora, orientadora e supervisora. Com essa descoberta, aprofundei meus estudos, lendo todo material disponível e fiz especialização nessa abordagem

psicológica, pelo Centro de Psicossíntese de Devon, na Inglaterra, de 1994 a 1997, com orientação de Richard Llewellyn.

Em 1997, fui eleita Diretora da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic da PUC/SP por quatro anos, tendo sido reeleita por mais quatro anos, até 2005. Esta foi uma experiência altamente gratificante, pois pude expandir o trabalho desta unidade para fora do seu espaço físico, alcançando mais escolas, creches, hospitais e centros de saúde. Aumentei o número de serviços prestados à população, criei o Serviço de Aprimoramento Clínico Institucional para médicos e psicólogos, dei continuidade à publicação do Boletim Clínico que havia sido lançado no semestre anterior a minha posse e criei as Jornadas Clínicas nas quais as pesquisas realizadas na Clínica por alunos, aprimorandos e professores eram e ainda são apresentadas anualmente.

Em relação à autoria de livros, capítulos de livros e artigos científicos em especial sobre a teoria e prática da Psicossíntese, também acredito ser pioneira no Brasil. Dentre os livros de minha autoria cito *Sob domínio do Pã (Nico)* no qual faço um estudo do Transtorno do Pânico e o processo psicoterapêutico na abordagem da Psicossíntese. Faço a ligação desse transtorno com deus Pã, da mitologia grega, que deu origem à palavra pânico. Além de uma introdução à Psicossíntese e seu criador, Roberto Assagioli, descrevo várias técnicas usadas no processo psicoterapêutico dentro dessa linha, principalmente os exercícios de respiração, relaxamento e imaginação semidirigida. Abordo também a importância no transtorno do pânico da assistência conjunta do psicoterapeuta e do psiquiatra, este ministrando medicamentos mais adequados para cada caso. Concluo falando da necessidade de se valorizar os aspectos positivos do cliente e a importância do amor na relação terapêutica.

Outro livro de minha autoria é *As virtudes na psicoterapia e na qualidade de vida*, através do qual apresento várias conferências e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais sobre as virtudes no olhar da Psicossíntese, considerada por mim como uma abordagem positiva, humanista e transpessoal. Neste livro apresento exercícios de relaxamento, imaginação semidirigida e meditação usados nos processos psicoterapêuticos, relatos de casos atendidos e pensamentos de vários autores sobre a qualidade abordada. Além de um capítulo sobre *O Lugar Sagrado* a partir do qual todos os exercícios se iniciam, abordo sete qualidades positivas: Resiliência, Amor, Espiritualidade, Alegria, Vontade, Perdão e Desapego. Quando as qualidades positivas são acionadas, remetem-nos à aquisição de outras qualidades positivas e o oposto também é verdadeiro; quanto mais cultivamos qualidades negativas, mais qualidades negativas acionam-se em nós. Publiquei um terceiro livro

Uma Relação Amorosa e sua Análise Psicológica, em coautoria com Noely Montes Moraes. Este livro aborda conflitos da nossa época em relação ao desenvolvimento de uma relação amorosa fora dos padrões normais.

A relação amorosa neste livro relatada envolve um homem e uma mulher de meia idade, demonstrando que ela, na atualidade, não mais se restringe à juventude. Com o aumento da longevidade e a possibilidade do divórcio, o amor pode acontecer em qualquer idade. Este fenômeno torna a aventura amorosa ainda mais arriscada. Acompanhando os desdobramentos do encontro entre os dois protagonistas, ocorrido da forma mais mágica e improvável, como acontece nas verdadeiras histórias de amor, podemos identificar as dinâmicas psicológicas envolvidas, lançando luz sobre o terreno obscuro do amor, vivência arquetípica, universal e, sempre, tão singular.

Em relação a capítulos de livros, posso citar a Psicossíntese e Abordagem Holística na obra *Holística na Psicologia e na Medicina*, organizado por Efraim Rojas Boccalandro. Outro capítulo de livro *A influência da Religião e da Espiritualidade na Teoria e prática da Psicossíntese* em *Psicologia e Religião*, organizado por Valdemar Augusto Angerami-Camon, no qual faço um levantamento da influência da Cabala, do Hinduísmo, do uso das Mandalas e da Teosofia na Teoria e Prática da Psicossíntese. Também um outro capítulo intitulado *Vontade - Um atributo do Self* no livro organizado por Valdemar Augusto Angerami-Camon, intitulado *Espiritualidade e Prática Clínica*, no qual discorro sobre a Vontade que é um dos conceitos mais importantes juntamente com o Amor na teoria psicossintética. Vários artigos meus sobre a Psicossíntese foram publicados em revistas científicas. Tenho procurado divulgar os ensinamentos de Roberto Assagioli, também através de conferências e mesas-redondas nos Congressos de Psicologia.

Tenho sido convidada para programas de TV em emissoras como a Globo, Bandeirantes, Rede Mulher, TV Comunitária, entre outras, nas quais tenho levado a visão da Psicossíntese sobre os mais diversos assuntos que me são propostos.

Explicando um pouco mais a Psicossíntese, ela é uma abordagem psicológica ainda pouco conhecida em nosso país e, que eu saiba, a primeira tese de doutorado nessa linha no território nacional foi a minha, citada anteriormente.

A Psicossíntese foi criada por Roberto Assagioli, um médico italiano nascido em Veneza em 1888. Essa teoria começou a ser desenvolvida após ele ter feito o seu doutoramento com Freud, na Sociedade de Psicanálise em Zurich. Voltando à Itália, foi o primeiro psicanalista com essa formação, mas não concordando completamente com as ideias

básicas de Freud, formulou a sua própria teoria, na qual o homem é visto como um ser espiritual; ressalta a importância das qualidades positivas e da Vontade no desenvolvimento humano. A teoria é classificada como uma psicologia humanista pela *American Psychological Association*, mas eu, pessoalmente, considero-a uma psicologia positiva-humanista-transpessoal, que vê o homem como o seu Eu Superior (Self) que tem instrumentos como o corpo físico, emocional e mental para se relacionar com o mundo.

Gostaria de falar agora sobre o Patrono da Cadeira nº 13 que ocupo na Academia Paulista de Psicologia e dos meus antecessores, os quais considero também humanistas.

O Patrono da Cadeira é o Dr. Renato Kehl, que foi um dos grandes expoentes do desenvolvimento, no Brasil, da Eugenia e Ciências afins. Formado pela Faculdade de Farmácia de São Paulo e, posteriormente, pela Faculdade de Medicina do Brasil no Rio de Janeiro, dedicou-se ao exercício da clínica médica e mais tarde à área da Saúde Pública, contribuindo para a organização do Serviço de Educação Sanitária do Estado de São Paulo. Autor de trinta livros e muitos artigos em jornais e revistas de caráter científico. Interessado também por uma variedade de assuntos de caráter ético, social e filosófico, escreveu um grande número de artigos sobre orientação familiar, terceira idade, saúde, aconselhamento psicológico e os princípios éticos extensíveis à atuação dos psicólogos; princípios estes ainda válidos na atualidade.

O primeiro ocupante dessa Cadeira foi o Prof. Dr. João Souza Ferraz, cuja posse ocorreu em 1980 e terminou em 1988, com seu falecimento. Formado em Pedagogia e Literatura, dedicou-se à docência e à clínica psicológica voltada principalmente para a Psicologia da Criança e do Adolescente, à Psicologia Educacional e à Fenomenologia. Ficou mais conhecido na comunidade Acadêmica, porque, junto a Noemy da Silveira Rudolfer (ex-ocupante da Cad. nº 2) e ao Dr. Raul Briquet (Patrono da Cad. 12), fez parte do tradicional concurso de professores para a então Escola Normal, nos anos 40. Tomou parte da banca examinadora, abrindo assim portas para o desenvolvimento da Psicologia no País. Muitos dos Titulares da Academia participaram desse concurso, como Mathilde Neder (Cad. nº 14), Arrigo Leonardo Angelini (Cad. nº 04), Presidente deste sodalício Aidyl M. de Queiroz Pérez-Ramos (Cad. nº 30), Secretária Geral, e Odette Lourenção Van Kolck (Cad. nº 16). Ele deixou-nos um legado riquíssimo como psicólogo, filósofo, literato, poeta, educador, jornalista e mestre.

O segundo ocupante da Cadeira nº 13, Prof. Dr. Juan Pérez-Ramos, psicólogo e economista, eleito em 1989, nasceu em La Palma, no arquipélago Canarino, na Espanha. Participou da guerra civil espanhola

e também da 2ª Guerra Mundial. Depois desses eventos, foi para a Venezuela, trabalhar no Departamento de Recursos Humanos em uma Companhia Petroleira. Fez seu doutorado em Psicologia com a tese denominada “Carência Afetiva como fator delitógeno”, na Universidade Andres Bello, na Venezuela. Posteriormente foi para os Estados Unidos onde obteve o título de especialista em Psicologia Organizacional. Doutor e livre-docente pela UNESP (Universidade do Estado de São Paulo). Desempenhou funções de docente nesta universidade, em Assis e em São Paulo, no Programa de Pós-graduação na USP. Participou de projetos internacionais como Perito do Convênio Básico entre Espanha e Brasil e também em programas das Nações Unidas. O doutor Juan Perez-Ramos foi uma expressão viva do que se entende por um verdadeiro cientista e detentor de relevante formação multidisciplinar. Sempre trabalhou para o progresso da ciência psicológica, tendo um posicionamento humanista que complementou com estudos sobre a Psicologia Positiva, principalmente nos últimos anos de sua vida, tendo publicado muitos artigos sobre essa abordagem psicológica.

O que constato na carreira do Patrono e dos meus dois antecessores é um profundo respeito pelo ser humano, uma incansável busca pelo saber, posições pioneiras e de vanguarda frente à Ciência Psicológica. Sinto-me especialmente confortável, seguindo esta linha de trabalho com a qual me identifico plenamente.

Gostaria de deixar aqui a minha percepção sobre a Academia Paulista de Psicologia. O que me chama mais atenção nesta instituição é a maneira aberta de aceitação de seus membros, sejam eles de diversas áreas da Psicologia ou de vários enfoques doutrinários, respeitando assim a pluralidade de concepções para compreender o ser humano. Percebo-a como detentora da memória da Psicologia, de maneira imparcial, procurando registrar os acontecimentos e ideias tais como aparecem no percurso histórico dessa ciência, enriquecidas pelas contribuições e ideias originadas no Brasil, em especial no Estado de São Paulo. Nesse contexto aberto, tenho divulgado meus conhecimentos sobre Psicossíntese, principalmente por meio de reuniões informais com os colegas e ao receber o título de Menção Honrosa por essa Academia, em cuja Sessão Solene, tive a oportunidade de discorrer sobre a abordagem referida.

E para finalizar, gostaria de deixar algumas reflexões sobre o futuro da Psicologia. Aceitando a visão de homem, numa concepção positiva, humanista e transpessoal, não podemos conceber uma psicologia centralizada apenas nos aspectos negativos, isto é, no “Inconsciente Inferior”. É necessário promovermos também o “Inconsciente Superior”, depositário das qualidades positivas, das virtudes, da criatividade, da arte, da beleza, para que possamos como psicólogos colaborar na

evolução, não só do indivíduo, mas também da coletividade. Cada ser humano que possamos ajudar a reconhecer, aceitar e trazer para a vida diária seu potencial positivo, tem a possibilidade de modificar a si mesmo e o seu entorno, contribuindo para a melhoria do planeta. Esse talvez seja o grande poder da Psicologia, que está estendendo cada vez mais o seu campo de atuação, saindo dos consultórios e espalhando-se para os hospitais, escolas, esporte, trânsito, poder judiciário, empresas, fábricas, trabalhos comunitários e tantas outras áreas, onde já encontramos o psicólogo presente.

Hoje o que vemos são manchetes alarmantes em todos os meios de comunicação, sobre os efeitos do aquecimento global e da poluição. Os cientistas apontam que esse desequilíbrio trará fome, sede e morte para os seres vivos. A biodiversidade estará fatalmente ameaçada. Está, em cada um de nós, a possibilidade de reverter essa situação e colocar a nossa Mãe Terra dentro da harmonia que está sendo perdida. A Psicologia tem um grande papel nessa tarefa e nós não podemos, como profissionais, eximir-nos. A sobrevivência do planeta não nos deve preocupar, porque mesmo que a raça humana quase desapareça, ou seja totalmente extinta por seus atos de depredação, o planeta é capaz de tomar conta de si próprio e sobreviver à nossa insanidade, mesmo que para isso leve milhares de anos. A questão que nos concerne como psicólogos diz respeito à sobrevivência de nossa espécie, como a conhecemos. Estou firmemente convencida de que isto será possível mediante o despertar do ser humano para a responsabilidade inerente às infinitas possibilidades de sua inteligência e virtudes. Responsabilidade e liberdade de reconhecê-las e desenvolvê-las pelo poder da Vontade. Com certeza a Psicologia pode dar sua contribuição para esse processo. Aqui fica o meu apelo para olharmos com carinho esse problema e descobrirmos como cada um de nós poderá ajudar, independentemente da nossa área de trabalho e da linha teórica que sigamos. Acredito ser isso possível e assim poderemos realizar o nosso trabalho em prol da melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e do planeta.

Produção bibliográfica da autora

Livros e capítulos de livros

- Boccalandro, M.P.R.(1999) Psicossíntese e abordagem holística in N.E.R. Boccalandro. *A Holística na Psicologia e na Medicina.* São Paulo: Vetor Psico-Pedagógica.
- Boccalandro, M.P.R. (2003) *Sob o Domínio de Pã(nico) – Um estudo do Transtorno do Pânico através da Psicossíntese.* São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda.

- Boccalandro, M.P.R. (2004) Vontade: um atributo do Self. In V.A. Angerami-Camon. *Espiritualidade e Prática Clínica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Boccalandro, M.P.R. (2005) *As Virtudes na Psicoterapia e na Qualidade de Vida*. Editora Livro Pleno: Campinas - SP.
- Boccalandro, M.P.R. (2008) A influência da Religião e da Espiritualidade na teoria e prática da Psicossíntese. In V.A. Angerami-Camon. *Psicologia e Religião*. São Paulo: Cengage Learning.
- Boccalandro, M.P.R. (2009) *As Virtudes na Psicoterapia e na Qualidade de Vida* - 2ª edição, São Paulo: Editora Plêiade.
- Boccalandro, M.P.R. & Moraes, N.M. (2009) *Uma relação amorosa e sua análise psicológica*. São Paulo: Editora Plêiade.

Artigos publicados em revistas científicas

- Boccalandro, M.P.R. (1996) A Entrevista e o Relatório de Triagem na Clínica Psicológica "Ana Maria Poppovic". *Boletim Clínico*, v.I – p. 15-17.
- Boccalandro, M.P.R. (1997) A visualização semidirigida e o seu uso na psicoterapia. *Boletim Clínico*, v. II p. 9-16.
- Boccalandro, M.P.R. (1998) A Psicossíntese e a Abordagem Holística. *Boletim Clínico,* v. IV, p. 59-77.
- Boccalandro, M.P.R. (2000) A Resiliência na Abordagem Holística, *Boletim Clínico*, v. VIII – p. 26-33.
- Boccalandro, M.P.R. (2000) Características de Personalidade dos Estudantes de Cursos de Psicologia e de Educação Física, *Revista Vetor Editora*, ano 1, (2), p. 53-59.
- Boccalandro, M.P.R. (2000) A Imaginação Semidirigida e o Seu Uso no Tratamento do Transtorno do Pânico: Relato de Caso *Boletim Clinico*, v. IX, p. 30-35.
- Boccalandro, M.P.R. (2001) O Jardim do Interior *Boletim Clinico*, v. XI, p. 60–75.
- Boccalandro, M.P.R. (2002) Sob Domínio de Pã(nico), *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, Ano XXII, (03/02), p. 36-40.
- Boccalandro, M.P.R. (2003) Regressão – Progressão (da concepção à morte). *Boletim Clínico*, v. XIV, p. 75-84.
- Boccalandro, M.P.R. (2003) Transtorno do Pânico – Caso Isadora, *Boletim Clínico*, v. XV, p. 47-57.
- Boccalandro, M.P.R. (2003) A Resiliência e a Psicossíntese, *Boletim informativo Psicossíntese em Ação, a.* 4, (14), p.3.
- Boccalandro, M.P.R. (2003) Alegria e Saúde, *Boletim Clínico*, v. XVI, p. 39-49.

- Boccalandro, M.P.R.(2003) O amor na relação terapêutica e no processo de cura, *Revista de Psicologia Vetor Editora*, v. 4 (1), p. 72-81.
- Boccalandro, M.P.R. (2004) Las relaciones entre psicoterapia y desarrollo espiritual a través de la psicosíntesis, *Alternativas en Psicología*, a. IX (9), p. 89-98.
- Boccalandro, M.P.R. (2006) Psicossíntese – um enfoque psicológico positivo-humanista-transpessoal, *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXVI, (03/06), p. 74-81.
- Boccalandro, M.P.R. (2007) Reflexões Sobre a Origem dos Sete Tipos Psicológicos da Psicossíntese. *Psicologia Revista*, v. 16, (1) e (2), p. 131-146.
- Boccalandro, M.P.R., Bagaiolo, L.F. & Rodrigues, T.C.K. (1999). Uma Contribuição para o Estudo do Papel do Estresse no Aparecimento da Síndrome do Pânico*. Boletim Clínico*, v. VII p. 9- 25.
- Boccalandro, M.P.R. & Franco, V.F. (2005) Um Olhar Transpessoal sobre o Transtorno do Pânico, *Boletim Clínico*, Edição especial da 4ª Jornada da Clínica, v. 20, p. 18-38.
- Boccalandro, M.P.R. & Godinho da Silva, A.R. (2004) Transtorno do Pânico, um atendimento psicoterápico, *Boletim Clínico*, Edição especial da 3ª Jornada da Clínica, p. 91-98.
- Boccalandro, M.P.R. & Moraes, N.M. (1999) Serviço de Triagem e Plantão Psicológico da Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic” *Boletim Clínico*, v. V, p. 9-11.
- Boccalandro, M.P.R.; Moraes, N.M. & outros (2004) Levantamento de queixa inicial, *Boletim Clínico*, Edição especial da 3ª Jornada da Clínica, p. 211-215.
- Boccalandro, M.P.R.; Nunes, A.P.; Avancini, D.C.F.; Graciani, J.S. & Homem de Melo, M.C. (2002) Aprimoramento em Atendimento Profilático e Psicoterápico para Familiares e Usuários de Álcool e Maconha, *Boletim Clínico*, v. XIII, p. 92-96.
- Boccalandro, M.P.R. & Penna, M.S. (1999) A História da Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic” da PUC/SP *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. VI, p. 22 a 27.
- Boccalandro, M.P.R. & Pérez-Ramos, A.M.Q. (2004) Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic – notas sobre seu histórico e seu desenvolvimento atual. *Boletim Academia Paulista de Psicologia,* a. XXIV (02/04), p. 19-24.

XI. Neuropsicologia: mente e cérebro – uma relação contínua

Elsa Lima Gonçalves Antunha[1]
Cadeira nº 29, "Souza Pinto"
Universidade de São Paulo

Apresentação

por Arrigo Leonardo Angelini[2]
Cadeira nº 4, "Almeida Junior"
Universidade de São Paulo

Na qualidade de Presidente deste sodalício, tenho o prazer de apresentar a Acadêmica Elsa Lima Gonçalves Antunha, que fará seu depoimento, cujo título vem descrito acima.

As reminiscências sobre a professora Elsa, assim conhecida, revelam que ela esteve sempre atenta ao trabalho que realizava no Instituto de Psicologia da USP e também ao rumo que a Neuropsicologia tomava em nosso país e no mundo. Vou apresentá-la historiando os fatos mais marcantes de sua vida acadêmica. É Licenciada em Filosofia, sendo a Psicologia sua área de atuação. Foi pesquisadora na, então, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tendo realizado contribuições pioneiras nos últimos trinta anos.

Seu trabalho desenvolveu-se, sobretudo, na própria Universidade de São Paulo, onde atuou nas categorias de Professor Doutor, Professor Livre-docente e, por fim, como Professor Titular, em época na qual eu exerci o cargo de Diretor do Instituto de Psicologia e, nesta condição, pude acompanhar a excelência do desempenho da Profª Elsa. Como parte importante de suas atividades docentes, orientou inúmeras

---

[1] Psicóloga Clínica, especialista em Neuropsicologia. Professora Titular aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro Titular da IARLD (International Academy for Research in Learning Disabilities). Contato: Rua Tácito de Almeida, 180 – Sumaré – CEP 01251-010 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 3812-2163.

[2] Contato: Rua Boytac, 60 – Cid. Jardim – CEP 05673-080 – São Paulo, SP. – Brasil. Tel.: (11) 3032-2184. *E-mail:* a.angelini@ajato.com.br

dissertações de mestrado e teses de doutorado, ligadas, na quase totalidade, à abordagem neuropsicológica.

Na docência, a Profª Elsa realizou projetos importantes, versando sobre aspectos da relação cérebro-comportamento nos planos afetivo-emocional, conativo e intelectual. Salienta-se a sua criação do "Método Neuropsicológico de Alfabetização", destinado a disléxicos, com paralisia cerebral e/ou com deficiência intelectual. Em decorrência de sua atividade como professora e pesquisadora, criou e dirigiu o "Laboratório Neuropsicológico da Criança" no Instituto de Psicologia. A produção intelectual da Acadêmica foi divulgada em várias publicações como também em congressos, muitos deles na área médica, o que lhe valeu o "Título de Especialista em Neuropsicologia".

A Profª Elsa foi Vice-presidente e Presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo, hoje Associação de Psicologia de São Paulo e participa intensamente de várias associações científicas. Pertence à *International Academy for Research in Learning Disabilities* (IARLD), na qual é representante do Brasil na categoria de "Fellow Member", por indicação do Setor de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em virtude de seu trabalho de liderança no estudo científico dos problemas humanos relacionados às dificuldades neurogênicas de aprendizagem. Como Titular da Academia Paulista de Psicologia, reverencia o seu Patrono, Norberto Souza Pinto, pelo seu profundo conhecimento em Psicologia, relativamente às pessoas com necessidades especiais. O seu nome e seu trabalho são perpetuados no Instituto de Pedagogia Terapêutica Norberto Souza Pinto, em Campinas.

Vida

Nasci em Rio Claro, uma então pequena cidade do interior paulista, no dia 04 de maio de 1926. Estou com 84 anos. Morávamos em uma casa ampla onde havia árvores frutíferas e alguns animais.

Passei minha infância estimulada à cultura pelos meus pais, José e Angelina, especialmente pela minha mãe que era de origem italiana, nascida em Lucca. Através dela desenvolvi grande amor pela natureza e pela arte. Além de bom gosto, discrição e simplicidade, ela possuía grande força espiritual, traço que herdara de seus pais, Massimo e Thereza Chiesa, os quais, ao chegarem da Itália junto com meus tios-avós, estabeleceram-se na zona de Olímpia e Bebedouro, como fazendeiros de algodão. Em suas fazendas, passei, quando criança, várias férias quando via muitas floradas de algodão, nascer e pôr do sol e noites

de São João estreladas e iluminadas. Aí eles construíram uma grande e sólida família.

Em minha casa éramos três irmãs: Nair, pianista e professora de piano, era formada pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Ela nos deleitava com suas músicas clássicas. Sarah, que fez o curso de magistério no famoso Colégio Puríssimo Coração de Maria em Rio Claro e, mais tarde, o curso de Pedagogia na recém-criada Universidade do Estado de São Paulo (UNESP). Ela possuía grande sensibilidade e gostava muito de declamar lindas poesias.

Como filha caçula, recebi influências inesquecíveis, dentro e fora do lar, pois viajávamos frequentemente para São Paulo, Santos e estações de água em Minas. Em Santos aprendi, com meu pai, a nadar, amar e respeitar o mar.

Comecei o então curso primário em Rio Claro no Grupo Escolar Coronel Joaquim Salles, transferi-me para o G.E. Rodrigues Alves na Avenida Paulista, em São Paulo e me formei em Santos, no G.E. Dr. Cesário Bastos. Sempre fui muito estudiosa e gostava de ler.

Voltando para Rio Claro, fiz o então curso ginasial no denominado "Ginásio Joaquim Ribeiro", onde hoje está localizado o Gabinete de Leitura. Lá também fiz o curso colegial clássico.

Sempre frequentei escolas públicas que, como é sabido, eram quase todas de excelente qualidade de ensino e de belíssima arquitetura.

Os anos do Ensino Fundamental foram decisivos em minha vida acadêmica e intelectual. Os professores eram muito amigos e dedicados. Guardo, até hoje, um "Álbum de Recordações", um caderno em branco, de capa de veludo que ganhei de minha mãe para que fossem registrados depoimentos de meus professores, colegas e amigos dos anos escolares. É muito bom, até hoje, poder reler esses escritos.

Naquela época fazia parte do currículo latim e grego, além de filosofia. No final do Ensino Médio, tive muita dificuldade em definir minha vocação, pois sempre me interessei por línguas anglo-germânicas, as quais estudei particularmente no Colégio Köehle, famosa escola alemã de Rio Claro, mas foi minha professora de Filosofia Stella Anita Martirani que ajudou a definir o meu interesse pela filosofia e, em 1947, ingressei nesse curso na Universidade de São Paulo. Aí encontrei um ambiente muito acolhedor e, sobretudo, muita seriedade. O curso funcionava no 3º Andar da Escola Normal Caetano de Campos na Praça da República em São Paulo, a qual era conhecida como Escola da Praça. Aí funcionava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Nesse curso, a maioria das disciplinas era de "filosofia pura" e ministrada em parte por professores franceses: Gilles Gastón Granger –

Lógica Matemática, Gerard Lebrun e outros ilustres professores brasileiros: João Cruz Costa – Filosofia Geral, Lívio Teixeira – História da Filosofia e havia também Sociologia, Ética e Estética. Quanto à Psicologia, havia duas disciplinas: Psicologia Social, ministrada pelo canadense Otto Klinerberg, de grande renome, e Psicologia Geral, de responsabilidade da Professora Annita de Castilho e Marcondes Cabral, de saudosa memória.

Como rotina, a Professora Annita costumava promover uma visita dos alunos ao Hospital de Juqueri em Franco da Rocha, a fim de que eles entrassem em contato com as questões de ordem psiquiátrica, pois se tratava de hospital para doentes mentais. Essa visita foi feita em um sábado pela manhã. Mais do que uma visita, ela representou um marco em minha vida e num certo sentido, condicionou meu futuro. O primeiro contato foi com Dr. Walter Edgard Maffei, neuroanatomista de renome internacional e chefe do Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital. Seu seminário consistia de uma discussão junto aos psiquiatras e residentes a respeito de seus achados de necropsia do cérebro de um paciente falecido na semana anterior. A discussão mais diretamente ligada ao médico responsável por aquele caso consistia em aferir o acerto ou as dificuldades no tocante ao diagnóstico e à conduta terapêutica e em especial à *causa-mortis*.

O que me impressionou foi o fato que eu verificava pela primeira vez em minha vida: a dissecação de um cérebro. Esses seminários eram muito importantes pelo fato de que, na época, eram rudimentares os exames paraclínicos que pudessem ser realizados, ainda em vida, do paciente. Contava-se com eletroencefalogramas rudimentares, RX do crânio, líquor e mais alguns. Analisar o cérebro, mesmo *post-mortem* era muito importante em relação à existência de lesões ou outros aspectos que não seriam conseguidos em vida do paciente. Esse dia nunca me saiu da cabeça e ainda hoje em que os recursos neuroimagéticos alcançam um progresso fantástico, lembro-me daquele cérebro, através de necropsia, fornecendo informações.

O seguinte seminário do dia era conduzido pelo Prof. Dr. Aníbal Cipriano da Silveira Santos (Patrono da Cad. nº14 desta Academia), ilustre psiquiatra e profundo conhecedor de Psicopatologia e do Psicodiagnóstico de Rorschach. Quanto a ele, um dado que me chamou a atenção foi a explicação que ele dava a respeito de sua elaboração pessoal sobre o índice r m i, - relação com a média intelectual no Rorschach. Era uma época em que, apesar dos parcos recursos tecnológicos, os cientistas buscavam seus constructos mentais para a explicação dos fenômenos.

Como consequência desses fatos, eu, imediatamente, solicitei e consegui a possibilidade de realizar um estágio no hospital, que acabou

tendo a duração de dois anos e que em grande parte supriu a carência desses conhecimentos no curso de filosofia.

Obra

Em 1950, formei-me e em seguida passei a trabalhar com a Profª Annita Cabral, como Instrutora. Nesse mesmo ano, casei-me com um colega, contemporâneo do mesmo curso de Filosofia: Heladio Cesar Gonçalves Antunha que também se integrou à Universidade de São Paulo, tornando-se, com o passar dos anos, Professor Titular na área de História e Filosofia da Educação e, mais tarde, Diretor da Faculdade de Educação da USP. Tivemos dois filhos, André e Carla. Daí para a frente nossa vida esteve sempre ligada à área acadêmica. Meu filho mais velho, André, é hoje Professor Doutor no curso de Engenharia Química da Escola Politécnica da USP e minha filha, Carla, é advogada pela Faculdade de Direito da USP (Largo São Francisco). Meus três netos continuam essa tradição e, tendo estudado no *Lycée Pasteur*, passaram a ter constante contato com a universidade da França em convênio com a USP, estando hoje: João Mítia e Pablo em vias de defesa de suas teses de doutorado e Carolina decidiu fazer Educação Física no Brasil.

Em 1958, foi criada uma especialização em Psicologia Clínica e o Prof. Aníbal passou a encarregar-se das aulas de Psicopatologia e Psicodiagnóstico de Rorschach e eu passei a ser sua Assistente, encarregando-me também dos estágios dos alunos, em hospitais psiquiátricos.

Nos anos 70, com a reestruturação da Universidade de São Paulo e principalmente com a criação do curso de pós-graduação, diversifiquei bastante minhas atividades, grande parte em função de meu contato com as obras de Aleksandr Romanovich Luria, neuropsicólogo russo que, através de sua publicação “The Working Brain”, que foi traduzida no Brasil como “Fundamentos de Neuropsicologia”, apresentava sua concepção a respeito da importância de se examinar o “cérebro em ação” vivo e vígil. Foi quando propôs sua forma de avaliar as funções mentais superiores do homem, correlacionando-as, a depender dos resultados obtidos a lesões e disfunções do cérebro. Esse trabalho, de grande utilidade diagnóstica, serviu de base para a organização de disciplinas que apresentei no programa de pós-graduação.

Fundamentos de Neuropsicologia – Programa: O Sistema nervoso como um todo e o cérebro em particular; Funções mentais superiores; Percepção; Construção do movimento voluntário e da ação consciente;

Atenção; Memória; Fala receptiva, interna e expressiva; Linguagem e pensamento

Neuropsicologia e Alfabetização – Programa: A organização da percepção auditiva. As regiões temporais. Funções acústico-gnósticas. A fala. A organização da percepção visual. As regiões occipitais. Funções óptico-gnósticas. A leitura. A organização de sínteses simultâneas. As regiões parietais; sínteses espaciais concretas e sínteses simbólicas. Organização do movimento e da ação. As zonas sensitivo-motoras. A escrita. A regulação da atividade mental - Os lobos frontais. Mecanismos cerebrais envolvidos na leitura. Mecanismos cerebrais envolvidos na escrita. O “Método Neuropsicológico de Alfabetização”.

Ao mesmo tempo, tomei uma série de iniciativas, todas elas correlacionadas ao campo da neuropsicologia, no qual agora eu me especializava. Escolhi como ponto central de meu trabalho a dislexia, síndrome através da qual muito se pode conhecer a respeito da organização cerebral, tanto da criança como do adulto, dada a variabilidade de manifestações que podem ocorrer durante a alfabetização em que uma criança, apesar de possuir inteligência normal, ausência de história psiquiátrica ou de problemas motores e boas oportunidades educacionais, não consegue aprender a ler e, muitas vezes, a escrever. Baseei-me na obra de Luria, sobretudo sua “Investigação Neuropsicológica”, que resultou de seu trabalho de 40 anos pesquisando os efeitos cerebrais de pessoas atingidas por lesões focais. A partir do acompanhamento longitudinal dos casos, ele estabeleceu correlações entre a área lesada e as funções consequentemente alteradas. Luria trabalhou com adultos, no geral, feridos de guerra e atingidos focalmente por tiros. Reformulou a partir daí a concepção de localização estática, considerando localizações dinâmicas, sob sua magistral afirmação: “o cérebro funciona como um todo, mas não é um caos”.

Em meio aos meus estudos sobre dislexia, linguagem e cérebro e, no intuito de estabelecer este mesmo tipo de correlação, apenas transposta à criança, que tem seu cérebro em desenvolvimento, analisei uma série de achados que resultaram na criação do “Método Neuropsicológico de Alfabetização”. Ele se destina particularmente a disléxicos, mas tem grande aplicação junto a crianças com deficiência mental, portadoras de paralisia cerebral e outros quadros, inclusive meningomielocele.

Dada a natureza da leitura e da escrita, as áreas mais focalizadas pelo Método são o lobo occipital (visão), o lobo temporal (audição – áreas de Wernicke e Broca) – compreensão da linguagem e da fala,

córtex motor (escrita), bem como todas as áreas integrativas dos lobos frontais e parietais.

Desenvolvi uma infinidade de cursos, aulas, seminários e apresentação em congressos, sempre enfatizando o fato de que o professor alfabetizador é o principal alvo destes conhecimentos que se referem à etiologia ou às causas da dislexia.

Assim, formulei a tríade de integração: “teoria-diagnóstico-terapia”, em que a ideia básica é que cabe ao professor, sob a orientação do psicólogo e outros profissionais, adquirir conhecimentos suficientes para, à base das teorias estabelecidas pelos pesquisadores da neurociência, conseguir identificar os sintomas que impedem a leitura e a escrita e, em tempo real, oferecer à criança ajuda para que ela supere a dificuldade, não acumulando déficits no processo de alfabetização.

Em 1992, uma das minhas orientandas, Eliana de L. Rocco e Costa defendeu uma tese de doutorado em que apresenta de forma bem detalhada o procedimento para a análise neuropsicológica dos cadernos escolares, em colaboração com os próprios alunos. As funções a seguir discriminadas constituíram critérios para essa análise:

- Determinação da dominância cerebral
- Funções motoras (das mãos; praxias orais; regulação verbal do ato motor)
- Organização acústico-motora (percepção e reprodução de relações tonais)
- Funções visuais superiores (percepção visual; orientação espacial; operações intelectuais no espaço)
- Fala receptiva (audição fonêmica; compreensão da palavra; compreensão de operações simples; compreensão de estruturas lógico-gramaticais)
- Fala expressiva (articulação dos sons da fala; fala reflexa (repetitiva); função nominativa da fala; fala narrativa)
- Escrita e leitura (análise e síntese fonéticas de palavras; escrita; leitura)
- Processos mnésicos (processo de aprendizado; retenção e evocação; memorização lógica)
- Processos intelectuais (compreensão de gravuras e textos temáticos; formação de conceitos; atividade intelectual discursiva).

A ocorrência maior no sexo masculino também levou pesquisadores a buscarem causas hormonais e de ordem genética para a dislexia. Albert M. Galaburda, mais modernamente, a partir de técnicas neuroimagéticas e de observação *post-mortem* de cérebros de ex-disléxicos encontrou dois tipos importantes de causas da dislexia: ectopias

e displasias. São traços particulares que colocam estes cérebros fora das normas habituais: anomalias ainda no desenvolvimento fetal.

A ectopia representa a presença de células nervosas em lugares em que elas estão normalmente ausentes, sendo que podem penetrar em uma camada molecular do córtex. A displasia é uma modificação da arquitetura celular em que as camadas de células se fundem, tornando o pregueamento do córtex anormal.

Outras pesquisas imprescindíveis à compreensão da dislexia referem-se às considerações de Norman Geschwind quanto à assimetria hemisférica, tendo ele notado que, em cérebros normais, o hemisfério esquerdo é maior que o direito, uma vez que o esquerdo abriga o *planum temporale*, o giro angular e a área de Wernicke, essenciais para as relações intermodais que determinam o comportamento simbólico e a linguagem.

Em cérebros de disléxicos, Galaburda, nos anos 80, ao invés dessa assimetria, encontrou simetria, fator extremamente incapacitante para vários aspectos da leitura, da escrita e outros como a discalculia e a disgrafia.

Mais recentemente, outro aspecto tem sido pesquisado: a propriocepção. O distúrbio proprioceptivo parece manter forte correlação com a gênese ou o desencadeamento de perturbações da linguagem e da aprendizagem em geral, além de implicações no equilíbrio. A propriocepção – percepção do próprio corpo, termo empregado por Sherrington por volta de 1900, refere-se à capacidade de reconhecer a posição das articulações no espaço.

Por um sistema de reduplicação em que uma via atinge a consciência e outra não, o cérebro recebe tal informação, o que leva o indivíduo a construir a imagem do seu próprio corpo – o esquema corporal.

Quando o sistema proprioceptivo entra em disfunção, em fase pré-pós natal ou a partir de traumas cerebrais decorrentes de acidentes (de carro ou outros, o que ocasiona a chamada “Síndrome do chicote”) os sintomas são múltiplos: dor, desequilíbrio, perturbações vasculares, erros de localização espacial e baixa do rendimento escolar com os sintomas de dislexia, discalculia, disgrafia, dislalia, disortografia, déficit de atenção, hiperatividade e até mesmo, cansaço físico inexplicável.

Os estudos sobre distúrbios proprioceptivos têm sido conduzidos por uma equipe de pesquisadores de Portugal: Orlando Alves da Silva; na França: o casal Jean Pierre e Regina Roll; e no Brasil, Narcisa Pavan, especialista em distúrbio têmporomandibulares (DTM)

E finalmente não é possível deixar de citar os trabalhos de Castro Caldas, em Portugal, sobre dislexia e linguagem que, associados aos de

dois casais, Hanna e Antonio Damásio e Patrícia e Paul Churchland, têm trazido as mais importantes contribuições no campo da neurociência, incluindo a neurofilosofia.

Finalizando, posso dizer que procurei, em toda a minha trajetória acadêmica, contribuir para o desenvolvimento humano, focalizando-me no aporte dos conhecimentos sobre a organização cerebral a todos aqueles que de uma forma ou de outra lidam com seres humanos.

O professor do ensino fundamental tem em suas mãos, ao alfabetizar uma criança de seis a sete anos, o objeto mais complexo do universo, o cérebro. Deve bem moldá-lo, definindo, assim, sua trajetória pelo resto da vida.

Concluindo, eu quero declarar que pertencer a uma Academia, mais do que orgulho e gratidão, traz-nos responsabilidade: perante os nossos Patronos e perante os que nos antecederam. Eles nos honram pelo que fizeram e cabe ao Acadêmico atual honrar também esse feito, dando tudo de si para que não se descontinue a linha na qual nos inserimos.

Eu fui agraciada por pertencer a duas Academias: IARLD e APP. Em ambas aprendi e cresci pessoal e intelectualmente.

Sem citar nomes para não cometer injustiça, agradeço pelo maravilhoso convívio e pelo prazer espiritual que tenho ao ler as obras dos que já se foram.

Muito obrigada por terem me propiciado a honra de a elas pertencer.

Algumas publicações da autora

- Antunha, E.L.G. (1972) Distúrbios da Aprendizagem. Aspectos diagnósticos e terapêuticos. *Tese de doutorado*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Antunha, E.L.G. (1992) Método Neuropsicológico de alfabetização de crianças disléxicas. *Tese de Livre-docência*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Antunha, E.L.G. (1993) Neuropsicologia e aprendizagem. *Boletim de Psicologia*, v. XLIII (98/99), p. 9 a 20.
- Antunha, E.L.G. (1996) Avaliação neuropsicológica na infância (0 a 6 anos) in V.B. Oliveira & N.A. Bossa (orgs.) *Avaliação psicopedagógica da criança de 0 a 6 anos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Antunha, E.L.G. (1997) Investigação neurológica na infância. Boletim de Psicologia, v. 37 (87), p. 20-45.
- Antunha, E.L.G. (1997) Avaliação neuropsicológica da criança de sete a onze anos in V.B. Oliveira & N.A. Bossa (orgs.) *Avaliação*

psicopedagógica da criança de sete a onze anos de idade (orgs.) Petrópolis: Editora Vozes.

- Antunha, E.L.G. (1998) Avaliação neuropsicológica na puberdade e adolescência. In v.B. Oliveira & N.A. Bossa (orgs) *Avaliação Psicopedagógica de adolescentes*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Antunha, E.L.G. (1999), Bilder, R.M. & Lefever, F.F. (orgs.) (1998) *Neuroscience of mind on the centenial of Freud's Project for a scientific Psychology.* New York: New York Academy of Science (resenha)
- Antunha, E.L.G. (2000) Neuropsicologia e aprendizagem – novos conceitos. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XIX (01/00), p. 8 a 18.
- Antunha, E.L.G. (2001) Castro Caldas, A. A herança de Franz Joseph Gall (2000) *O cérebro a serviço do comportamento humano*. Lisboa: Mc Grow Hill *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXI (01/01) (resenha)
- Antunha, E.L.G. (2001) Damásio, A.R. (2000) O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXI (02/01) (resenha)
- Antunha, E.L.G. (2001) Rosas, P. (2001) Memórias da Psicologia em Pernambuco. Recife: Editora Universitária da U.F.P.E. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXI (04/01), p. 24-26 (resenha)
- Antunha, E.L.G. (2004) Resgatando a memória de Patronos: Aníbal da Silveira Santos. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXIV (02/04), p. 13-24.
- Antunha, E.L.G. (2005) Maluf, M.R. (org.) (2004) *Psicologia Educacional – Questões contemporâneas.* São Paulo: Casa do Psicólogo. Boletim Academia Paulista de Psicologia, a. XXIV (01/04), p. 45-56 (resenha)
- Antunha, E.L.G. (2007) Jogos sazonais coadjuvantes do amadurecimento das funções cerebrais. Cap. II in V.B. Oliveira (2006) (8ª ed.) *O brincar da criança: do nascimento aos seis anos*. Petrópolis: Vozes.
- Antunha, E.L.G. (2010) Música e mente. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. 36, (78), p. 237-240.
- Antunha, E.L.G. & Plese, M.L.M. (2001) O resultado do emprego do "Método Neuropsicológico de Alfabetização em aluno portador de Paralisia Cerebral". *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXI (03/01), p. 13-17.
- Antunha, E.L.G. & Sampaio, P. (2008) Propriocepção: um conceito de vanguarda. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, a. XXVII (02/08), p. 279-283.